

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

JULIANA VITULSKIS

ESTUDO DE CASO:
PROJETO ECOFALANTES DA ILHA DO MEL

CURITIBA

2009

JULIANA VITULSKIS

**ESTUDO DE CASO:
PROJETO ECOFALANTES DA ILHA DO MEL**

Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de
Comunicação Social Jornalismo, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof^o Dr. Mário Messagi Junior.

CURITIBA

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço à comunidade da Ilha do Mel, em especial aos que participaram dessa pesquisa, aos que acreditaram na proposta e fizeram esse projeto realmente participativo;

Agradeço à Adriana Marques Canha, coordenadora do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, pela oportunidade de vivenciar essa experiência e de conviver e aprender muito com ela durante a realização desse trabalho;

Agradeço ao orientador dessa pesquisa, o Professor Doutor Mário Messagi Junior, por também ter acreditado na proposta, por ter participado de maneira prática e reflexiva durante o projeto, e ter, desta forma, contribuído para a melhor realização desse trabalho;

Por fim, agradeço à minha família e aos meus amigos por toda a compreensão e apoio que me deram durante o desenvolvimento desse trabalho.

RESUMO

O trabalho é um estudo de caso do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, realizado na Ilha do Mel, no Paraná. O projeto desenvolveu ações de Educomunicação, campo que une Comunicação e Educação. Esse estudo apresenta os conceitos que delimitam o campo de estudo da Educomunicação; analisa ações da área da Educomunicação realizadas pelo projeto estudado, como oficinas e a gestão de meios de comunicação comunitária – jornalismo comunitário. O processo se desenvolve através, principalmente, da pesquisa-ação e da observação participante. O estudo visa, assim, aproximar o mundo acadêmico da realidade social, com o objetivo de reverter a contribuição do grupo pesquisado, através da ação-reflexão, em benefício da própria comunidade; por fim, visa contribuir para a evolução da Educomunicação enquanto prática e reflexão capaz de formar receptores mais críticos diante dos meios de comunicação e capazes de exercer sua cidadania.

Palavras-chaves: Educomunicação; Pesquisa-ação; Comunicação Comunitária; Jornalismo Comunitário; Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel.

ABSTRACT

The present paper is a case study concerning the project “Ecofalantes da Ilha do Mel”, held in Ilha do Mel, Paraná. The project developed Educommunication actions, a field that gathers communication and education. This study presents the concepts that define the field of Educommunication studies; analyses the Educommunication actions accomplished by the project in study, such as workshops and management of the media community - community journalism. The process develops itself mainly through action-research and participant’s observation. Therefore, this study aims the approach of the academic world with the social reality, so that the contribution from the studied group can be reverted, through action-reflection, in its own benefit; finally, seeks to contribute to Educommunication’s evolution as practice and reflection able to graduate more critical receptors regarding the media, and capable of exercising their citizenship.

Keywords: Educommunication, action research, Community Communication, Community Journalism, project Ecofalantes da Ilha do Mel.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. METODOLOGIA	4
3. EDUCOMUNICAÇÃO	7
3.1. Comunicação e Educação	7
3.2. O campo da Educomunicação	10
3.2.1. Educação e Comunicação: Paulo Freire	15
3.2.2. Educação pela Comunicação: Mario Kaplún	16
3.2.3. Educomunicação: Ismar de Oliveira Soares	17
4. COMUNICAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA	21
4.1. Jornalismo Comunitário	25
5. APRESENTAÇÃO DO PROJETO ECOFALANTES DA ILHA DO MEL	28
5.1. O Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel	28
5.1.1. Proposta	28
5.1.2. Objetivos	31
5.1.3. Metas	32
5.1.4. Metodologia	33
6. INFORMAÇÕES SOBRE A ILHA DO MEL	37
6.1. Localização e acesso	37
6.2. Condições ambientais	38
6.3. Perfil dos habitantes	39
6.4. Aspectos históricos	41
7. ESTUDO DE CASO: PROJETO ECOFALANTES DA ILHA DO MEL	43
7.1. Descrição das ações realizadas pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel	43
7.1.1. Oficinas de capacitação	44
7.2. Avaliação da Oficina de Jornalismo Comunitário	49
7.2.1. Conteúdo apresentado na oficina	49
7.2.2. Definição do projeto editorial e gráfico	50
7.2.3. Reunião de pauta	51
7.2.4. Proposta e aplicação de exercícios	52
7.2.5. Edição das reportagens e fechamento do jornal produto	54
7.2.6. Avaliação da oficina pelos participantes	56
7.2.7. Conclusões sobre a oficina	57
7.3. Avaliação do processo de produção do jornal comunitário Ondas da Notícia	59
7.3.1. Processo de produção	60
7.3.2. Reuniões de avaliação com os participantes	64
7.3.3. Análise do conteúdo do jornal comunitário	67
8. CONCLUSÃO	75
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa da Ilha do Mel, Município de Paranaguá, PR – Página 38

FIGURAS 2 e 3 – Oficina de Inclusão Digital, realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel – Página 45

FIGURAS 4 e 5 – Módulo I da Oficina de Introdução à Linguagem Radiofônica e Edição de Áudio, realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel – Página 46

FIGURAS 6 e 7 – Módulo II da Oficina de Introdução à Linguagem Radiofônica e Edição de Áudio, realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel – Página 46

FIGURAS 8 e 9 – Módulos I e II da Oficina de Jornalismo Comunitário realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel em Brasília – Página 47

FIGURAS 10 e 11 – Módulos I e II da Oficina de Jornalismo Comunitário realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel em Encantadas – Página 48

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Edição 1 do Jornal Ondas da Notícia (jornal produto da oficina de jornalismo realizada em Brasília)

ANEXO B - Edição 1 do Jornal Notícia Encantada (jornal produto da oficina de jornalismo realizada em Encantadas)

ANEXO C - Edição 2 do Jornal Ondas da Notícia

ANEXO D - Edição 3 do Jornal Ondas da Notícia

ANEXO E – Entrevista com a coordenadora do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Adriana Marques Canha

ANEXO F – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Érika Prisco

ANEXO G – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Michele Gonçalves

ANEXO H – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, André Edwads

ANEXO I – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Louyze Birello

ANEXO J – Questionários de avaliação da oficina de jornalismo realizada em Brasília

ANEXO K - Questionários de avaliação da oficina de jornalismo realizada em Encantadas

1. INTRODUÇÃO

A interação dos campos da Comunicação e da Educação ganha destaque desde o início da era da comunicação eletrônica no Brasil, quando os meios de comunicação passaram a ficar mais atrativos e trazer informação com mais velocidade. Agora, já imersos na era digital, muitos brasileiros, no entanto, ainda não têm acesso à formação e nem a toda informação necessária para que se tornem cidadãos críticos e ativos social e politicamente. Práticas de educação e de comunicação popular e alternativa mostram-se importantes ferramentas na alteração deste quadro atual.

Desde o final dos anos 90, a partir desta ótica, é delimitado como novo campo de estudo a Educomunicação. Uma das áreas em evidência no campo é a ‘educação para a comunicação’, que se alimenta dos estudos da recepção e volta-se para as reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação (os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens); assim como, no campo pedagógico, volta-se para os programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios de comunicação.

Em pequenas comunidades, urbanas ou rurais, ações voltadas para o desenvolvimento sócio-econômico passam também pelo aumento da participação popular. Associados a atividades de educação popular e alternativa, meios de comunicação comunitária vem se mostrando instrumentos funcionais de mobilização e formação para a cidadania nas últimas décadas, especialmente na América Latina.

Nesse contexto, existe um esforço de reflexão que acompanha esses movimentos. O campo da Educomunicação é recente, e passa atualmente por um efervescente crescimento. A evolução dos estudos neste campo está diretamente ligada à aplicação prática de ações de educação através dos meios de comunicação.

O que esta pesquisa objetiva é exatamente isso: aliar tais ações práticas à pesquisa acadêmica. Para tanto, a autora participou do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, realizado desde março de 2008 até meados de maio de 2009, nas vilas de Encantadas e Brasília, na Ilha do Mel, Município de Paranaguá, no Estado do Paraná. O objetivo do projeto foi promover o estímulo ao protagonismo social e a capacitação da comunidade para o uso de meios de comunicação impressos e multimídia através da Educomunicação, com foco no aprendizado da gestão de meios de comunicação popular e comunitária.

O envolvimento da autora se deu em todas as etapas do projeto e, durante todo este período, foi realizada a pesquisa-ação, com o objetivo de analisar, de maneira mais próxima, o objeto de estudo e tentar identificar melhor a complexidade da sociedade humana, muitas

vezes percebida de maneira superficial em modelos de pesquisa social influenciados pelo funcionalismo de teorias sociais norte-americanas. O método foi aplicado através, principalmente, da observação participante durante o desenvolvimento do processo, além de entrevistas e questionários qualitativos. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi, portanto, realizar um estudo de caso do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel.

Justificativa

Esta pesquisa visa aproximar o mundo acadêmico da realidade social, com a expectativa de que a contribuição da população à pesquisa seja revertida, de alguma forma, para o benefício concreto da própria comunidade. Isso se dá ao passo que, mais que objeto de estudo, as pessoas que participaram do projeto também foram submetidas ações pedagógicas, as quais podem ser aprimoradas a partir desta análise, e reaplicadas com alterações que visem tornar o processo e seus resultados mais eficientes.

Além disso, a experiência aqui documentada também pode servir como base para que as propostas que obtiveram sucesso possam ser replicadas em comunidades semelhantes, ou até mesmo adaptadas a outras situações sociais. Nesse aspecto, apresenta conceitos que guiam este tipo de ação, bem como a reflexão a respeito das formas de aplicação deles. Assim, contribui para o campo da Educomunicação também enquanto experimento, em forma de reflexão-ação.

Esta pesquisa pode também contribuir para a sociedade enquanto exemplo de prática pedagógica alternativa capaz de aprimorar a interação entre Educação e Comunicação, com objetivo de oferecer possibilidades eficientes de práticas de formação de receptores críticos diante dos meios de comunicação, bem como indivíduos capazes de exercer sua cidadania.

Objetivos

O objetivo deste trabalho, portanto, é realizar análise, por meio de um estudo de caso, de um projeto de intervenção social que contempla estratégias de educação baseada em instrumentos da comunicação social e que fazem parte desse novo campo de intervenção social chamado de Educomunicação.

Para tanto, primeiro buscou-se levantar os principais pontos da interface entre as ciências da Comunicação e da Educação. Depois foi apresentada a delimitação do campo da Educomunicação, bem como seus principais preceitos – base de análise do projeto. Em seguida, foi apresentada uma conceituação sobre comunicação popular alternativa e, mais especificamente, jornalismo comunitário – uma das principais ações desenvolvidas pelo

projeto Ecofalantes da Ilha do Mel durante a aplicação de práticas de Educomunicação. Com esta base, o projeto foi então apresentado, suas ações foram descritas e diversos aspectos delas foram analisados e avaliados.

2. METODOLOGIA

Estudo de caso

O estudo de caso foi o método de procedimento escolhido para este trabalho. Segundo Laville e Dione (1999), a grande vantagem desta estratégia de pesquisa é a possibilidade de aprofundamento que oferece, “pois os recursos se vêm concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido à comparação do caso com outros casos”.

Como o objetivo do trabalho é avaliar e descrever um projeto de Educomunicação e seus resultados, e seria impossível fazer isso de forma generalizada, o estudo de caso é a metodologia mais adequada. Trata-se de um tipo de pesquisa de cunho descritivo, que não pretende intervir sobre a situação, mas sim mostrar como ela é.

No entanto, segundo Laville e Dione (1999), um estudo de caso, apesar da maior profundidade, não exclui toda a forma de generalização. Uma vez escolhido um caso representativo, pode-se também, através dele, extravasar do particular para o geral.

Pesquisa-ação e observação participante

Como a participação e o envolvimento da autora se deram em todas as etapas do projeto, o principal método aplicado neste estudo de caso foi a pesquisa-ação. Como uma pesquisa participativa, afirma-se como uma proposta de atuação transformadora, que propõe uma intervenção na experiência social.

Nesse sentido, a pesquisa-ação como metodologia favorece as discussões e a produção cooperativa de conhecimentos. Nesse sentido, pressupõe a inserção do pesquisador no meio pesquisado, bem como a participação efetiva da população pesquisada na pesquisa. Para que isso ocorra, é necessário que haja um engajamento pessoal do pesquisador nestas interações, seja como moderador, facilitador, analisador, intérprete, ou somente pesquisador.

Portanto, a metodologia permite o relacionamento do pesquisador com os participantes do projeto, o que ocorreu nesse caso através do processo da Educomunicação e do jornalismo comunitário. Esta interação pode também enriquecer as conclusões, uma vez que há um contato maior entre pesquisador e ‘pesquisados’, os quais também encontram a possibilidade de se colocarem como partes ativas na pesquisa – o que ocorreu especialmente através de reuniões com o grupo e da aplicação de questionários e entrevistas qualitativas.

Segundo Lins da Silva (1985), por intermédio da pesquisa-ação, os entrevistados desempenham um papel ativo, ao invés da passividade do respondente tradicional. Os investigados participam da solução dos problemas sob exame, avançam em sua consciência

crítica diante do conteúdo dos meios de comunicação e fazem o investigador avançar na mesma direção.

Porém, segundo o pesquisador esta não é uma metodologia que permite ao observador a ‘observação naturalista’ da realidade, já que o processo é de interferência, e o universo pesquisado se altera até o final da pesquisa (ou, pelo menos, é o que se espera). Até porque muitas das alterações ocorridas no decorrer da investigação também são úteis para as conclusões da pesquisa. Portanto, a pesquisa-ação tem como um dos principais métodos a observação participante no desenvolvimento do processo, que admite também a interação entre o objeto e o sujeito na pesquisa.

Um dos princípios desse método de pesquisa é o de que “compreender um universo como ele é não é julgá-lo ou compará-lo a um outro, e supõe, de preferência, que seja observado do interior” (LAVILLE; DIONNE, 1999). Este tipo de abordagem pode oferecer informações mais raras, que as pessoas que são objetos da pesquisa não forneceriam voluntariamente. “Sem contar que as revelações então obtidas são coletadas no contexto, o que permite dar-lhes mais sentido” (LAVILLE; DIONNE, 1999). Os pesquisadores também afirmam que a riqueza das informações obtidas com esta estratégia de pesquisa qualitativa está ligada ao fato de que, dessa maneira, se encontram comportamentos reais, freqüentemente distantes do comportamento verbalizado.

Assim sendo, o pesquisador não é um desconhecido na comunidade que vai analisar, já que trabalha e convive com ela. Porém, essa relação diferencia-se do comum pela pesquisa que ele está desenvolvendo, que faz com que atue na comunidade com um papel de destaque. Neste método, portanto, também existem problemas a serem resolvidos. O primeiro é a relação entre pesquisador e pesquisados, que se apresenta como uma relação entre ‘intelectual e operários’. Por mais que o intelectual diga se identificar com o operário, “a relação é tensa e difícil, pois são pessoas de classes sociais diferentes, contextos culturais diversos, condições de vida dispares” (LINS DA SILVA, 1985), além da barreira do saber que existe, sacralizada pela educação formal.

Outro problema é que preconceitos, pré-juízos, valores pessoais e características da personalidade do pesquisador podem interferir nas conclusões da pesquisa. Para evitar que isso ocorra, Lins da Silva (1985) define que o pesquisador deve ater-se aos procedimentos indicados pela metodologia e não deturpar os fatos que observou, nem alterar intencionalmente as conclusões para servir a qualquer tipo de interesse político. Neste aspecto, pretendeu-se nesta pesquisa evitar a influência de preconceitos ideológicos, além do compromisso em manter a objetividade necessária para que ela tenha valor científico.

Análise do Conteúdo

Além da pesquisa-ação, realizada através de questionários qualitativos, entrevistas, reuniões, e da observação participante, também foram analisados exemplares de um dos produtos de comunicação resultantes do projeto – o jornal comunitário, principal produto gerado. A metodologia adotada nesse caso foi a análise de conteúdo que, segundo Puglisi e Franco (2005), tem como ponto de partida a mensagem, considera as condições contextuais de seus produtores, e tem como base a concepção crítica e dinâmica da linguagem.

Na análise do conteúdo, os principais métodos incidem principalmente sobre elementos do discurso, sobre a sua forma ou sobre as relações entre os seus elementos constitutivos. São então as análises temáticas, que revelam as representações sociais a partir de um exame de certos elementos constitutivos; as análises formais, que incidem principalmente sobre as formas e encadeamento de discurso; e as análises estruturais, que põem a tônica sobre a forma como elementos de mensagem estão dispostos e tentam revelar aspectos subjacentes e implícitos de mensagem, segundo definem Puglisi e Franco (2005).

Portanto foram analisados estrutura, organização editorial, temas abordados e aspectos formais de duas edições do jornal comunitário produzido pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel.

3. EDUCOMUNICAÇÃO

3.1. Comunicação e Educação

Tanto Educação como Comunicação são áreas de conhecimento recentes. As concepções teóricas da Educação surgiram no século XVIII e as da Comunicação no século XIX. Os paradigmas ainda vigentes em ambas as áreas são: a instrução e a formação do homem como centro do campo da Educação; e a informação, o entretenimento e a divulgação da produção comercial ou cultural como principais componentes da área da Comunicação.

Pode-se dizer que a intersecção entre as duas áreas começa a ter relevância desde o surgimento da imprensa. No entanto, a relação vem se evidenciando cada vez mais a partir do surgimento dos meios de comunicação de massa. Segundo Grácia Lopes Lima (2002), nesse sentido, várias reflexões envolvendo as duas áreas surgiram no decorrer da história:

Pensadores da Escola de Frankfurt alertaram para os efeitos da “razão instrumental”; Celestin Freinet utiliza a imprensa na sala de aula; Michel Foucault denuncia a “sociedade da disciplina”; Antonio Gramsci investe contra o imobilismo e aposta na capacidade de, coletivamente, os homens interferirem no seu destino; Pierre Babin defende a idéia de que a tecnologia é o “coeficiente eletrônico” que transforma a educação; Edgar Morin nega a hiperespecialização e propõe o “pensamento complexo” como novo paradigma. Estes são alguns investigadores do nosso tempo que certamente contribuíram e ainda contribuem de modo efetivo para a compreensão da inter-relação Comunicação/Educação. (LIMA, 2002)

Desde então, os meios de comunicação já foram usados em vários momentos da história como instrumento de formação, e também de manipulação, como o rádio, durante o nazismo, ou o cinema, pela revolução russa. E com o surgimento da televisão em 1966, nos Estados Unidos, a preocupação sobre os efeitos da comunicação audiovisual na formação das gerações mais jovens aumentou ainda mais. A discussão passou também a envolver, além de especialistas, pais e professores em torno da questão.

O aspecto que mais amplia a relação entre os dois campos é que a educação aceita o processo de aprendizagem fora do sistema formal de ensino, isto é, considera a aprendizagem que ocorre com a família, como também a partir do convívio social e através dos meios de comunicação. Porém, a priori, não legitima esse tipo de aprendizado como ação do campo educativo, embora, ao lado dos sistemas de educação institucionalizados, a presença da Comunicação Social no cotidiano da sociedade se inclua como fonte principal de aprendizado.

Segundo Lima (2002), a presença das tecnologias da comunicação e os novos modos que surgem, a partir disso, para se operar o conhecimento e a informação, geram delicadas

interfaces com o campo da Educação. Isso exige ações específicas, “já que os meios de comunicação disponibilizam informações para a construção de sentidos de modo mais acelerado, diversificado, a partir de fontes variadas e vinculados a objetivos diferenciados do campo educacional” (LIMA, 2002).

Dessa forma, a Comunicação também faz parte do processo de formação das pessoas fora do campo educacional. Ela tem papel fundamental nos processos de ensino-aprendizagem a partir de relações participativas e cidadãs, que visam mais ao conhecimento que à informação, segundo Renato Tavares Junior (2007).

Essa aproximação ou relação entre as áreas da Educação e Comunicação tem presença marcante entre muitos estudiosos do cenário latino-americano. Vários países da Europa também se ocuparam com a interferência dos meios de comunicação na Educação, estabelecendo políticas educacionais que visam minimizar os efeitos dos meios na formação dos mais jovens, ou incluindo, de alguma forma, programas de educação para os meios nas escolas. O mesmo tem ocorrido em países como Canadá, Estados Unidos, Austrália e, de modo diferente, em vários países da América Latina.

Na Inglaterra, o debate em torno da necessidade (ou não) de se criar ou manter programas de educação para os meios alcança renovado vigor. Len Masterman, um dos mais ouvidos representantes ingleses em torno do tema, defende um processo de educação continuada para a área da *Media Education*, visando não apenas uma “inteligência crítica”, mas sobretudo uma “autonomia crítica” (para fora da sala de aula, para o futuro, para a vida). (SOARES, 1999)

Governos, universidades, centros de pesquisas, instituições escolares e familiares, professores e pais têm se preocupado muito com os efeitos negativos dos meios na sociedade, em especial sobre os mais jovens. Nos Estados Unidos, por exemplo, é possível identificar três fases principais no desenvolvimento da área nas últimas décadas do século XX, segundo Soares (2000). A leitura crítica, ao longo do século XX, mudava de foco conforme a teoria ou corrente: foco no emissor – Marxismo, Funcionalismo, teorias normativas e moralistas; foco na mensagem – Difusionismo e Semiologia; foco no receptor - Estudos Culturais, Mediação e Estudos de Recepção. Atualmente, a *media education*, ou educação para os meios de comunicação, é a abordagem mais comum na inter-relação Educação/Comunicação.

Porém, diferentemente dos norte-americanos e europeus, a América Latina, dominada por governos militares e autoritários, acabou por tratar a relação Comunicação/Educação de forma diferente, com os estudos situados na última corrente, em que o foco é o receptor. Os programas de educação para a recepção no continente desenvolveram-se à margem dos

sistemas educativos, segundo Soares (1999), “originando-se nos bairros, nos subúrbios e nas comunidades camponesas, sob os auspícios de instituições voltadas para a educação e a cultura popular”.

Nesse sentido, há no continente um esforço em transferir o problema “dos meios” para o “processo comunicativo”. O enfoque é na educação que tem como objetivo a compreensão de todo o processo da comunicação: produção, emissão e recepção. Os meios de comunicação tornam-se então, segundo Lima (2002), ferramentas e instrumentos dos quais as pessoas se apropriam e usam para comunicar a sua própria cultura. “À medida que, coletivamente, aprenderem a fazer seus próprios meios de comunicação, passarão a registrar e tornar conhecida a cultura de sua comunidade, as notícias e fatos que lhes dizem respeito” (LIMA, 2002).

Nesta área específica que se denominou tradicionalmente como “educação para os meios”, uma análise da aplicação prática na América Latina ao longo dos últimos 30 anos aponta para três tendências, segundo Soares (1999): a vertente moralista (que parte da defesa contra o impacto negativo dos meios), a vertente culturalista (que busca garantir aos educandos os conhecimentos necessários para que adquiram o hábito de ler de forma adequada as mensagens dos meios), e a vertente dialética (que parte do estudo das relações entre os receptores e os meios de comunicação, a partir de uma reflexão que leva em conta o lugar sócio-político-cultural em que se encontram os receptores e os produtores).

Na atualidade, ganha força a postura construtivista, que busca levar as crianças e os jovens a promoverem uma análise crítica dos meios de comunicação, a partir especialmente de seu manuseio. A prática educativa, segundo Soares (1999), trabalha com o conceito de gestão comunicativa, composta pelo conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.

Martín-Barbero (1999) ¹ defende que não basta a consciência a respeito da incidência dos meios tradicionais e o impacto das novas tecnologias na vida em sociedade. Mais estratégico, em um primeiro momento, é a criação desse ecossistema comunicativo – tão vital quanto o ecossistema do meio-ambiente – que consiste na relação das pessoas com as novas tecnologias. Essa perspectiva supera a tradicional visão instrumental das tecnologias,

¹ *Op. cit. Soares, 1999.*

deslocando o debate para o campo das mediações. E, através da mediação tecnológica nos espaços educativos, o olhar comunicacional age no campo da aprendizagem. Para tanto, ele supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; a ética de responsabilidade social para os produtores culturais; a recepção ativa e criativa por parte das audiências; a política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos pólos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão.

Nestes aspectos, além da evidente e marcante contribuição do pensamento e da obra de Paulo Freire para esse deslocamento da educação para a comunicação na América Latina, deve-se reconhecer também a influência da teoria das mediações, “segundo a qual tanto os media exercem uma função de intermediação na produção da cultura, quanto o próprio fenômeno da recepção é mediado por instâncias da sociedade tais como a família, a escola, os grupos de amizade, a Igreja, entre tantos outros” (SOARES, 1999). Além dos Meios de Comunicação, as instituições, em especial a família, são objetos das ações dos educadores e agentes populares.

Segundo Tavares Junior (2007), os pesquisadores que se destacam nesta visão são Jesus Martín-Barbero, Nestor Garcia Canclini e Guillermo Orozco Gómez, cujo foco de estudo é a compreensão da comunicação no processo das culturas. Para tanto, é considerado o universo cultural e o cotidiano dos sujeitos como elementos mediadores dos sentidos produzidos no campo da recepção das mensagens divulgadas pelos meios de comunicação. Como há uma multiplicidade de interpretações (polissemia), a mensagem é absorvida e reelaborada pelos receptores de acordo com as experiências de vida e a cultura a que pertencem.

A partir desse enfoque, na América Latina a “educação para os meios” transformou-se em “educação para a comunicação”. Segundo Lima (2002), não é apenas uma questão técnica e midiática. “Antes, é uma questão política, cujo tratamento é de natureza ético-política. Demanda ações concretas tanto para a compreensão mais profunda do fenômeno comunicacional quanto para a preparação e ação efetiva a partir da, e na sociedade em que se vive” (LIMA, 2002).

3.2. O campo da Educomunicação

O campo de estudo delimitado como Educomunicação define-se a partir da reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que vem sistematizando as informações colhidas na sociedade e garantindo unicidade às práticas de educação através da comunicação e para a

comunicação, o que permite que o campo se legitime e evolua. A pesquisa na área tem enfoque na interpretação do campo através da observação das ações educacionais.

Segundo Soares (1999), a Educomunicação é um campo já não entendido somente como uma área voltada à compreensão dos efeitos da mídia sobre os usuários, mas também é um campo que inaugura “um novo paradigma discursivo transversal, estruturando-se, pois, de um modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais através de áreas concretas de intervenção social”.

Apesar de identificar alguns descompassos entre Comunicação e Educação – a primeira se mostra mais ágil em suas formas e procedimentos: fragmentada, não-linear, aberta à rápida absorção das inovações tecnológicas; enquanto a segunda mantém-se presa à ordem e ao Estado civilizador, resistente às inovações tecnológicas – Soares (1999) acredita que estes descompassos são formais, e não epistemológicos. E, embora cada uma destas áreas possua seus próprios discursos e objetos de estudo, ganham outra especificidade no diálogo interdiscursivo.

Nesse sentido, a Educomunicação propõe o uso do potencial dialógico das novas tecnologias para ampliar a expressão de alunos, professores e membros da comunidade escolar:

Para pensar e consolidar o campo da Educomunicação é necessário prever e planejar a transformação dos sujeitos e suas realidades sociais, intervir nos processos culturais, estabelecer um diálogo entre os saberes hegemônicos e contra-hegemônicos, reconhecer e rediscutir a importância da escola e das tecnologias na sociedade pós-moderna e, finalmente, propor que um dos principais papéis da escola seja a formação de sujeitos que aprendam, acima de tudo, a se comunicar, tornando-se cidadãos mais críticos, ativos, autônomos, responsáveis e criativos. (TAVARES JUNIOR, 2007)

Soares (1999) defende que, por meio da implantação de “ecossistemas comunicativos”, podemos possibilitar que crianças e jovens analisem e compreendam o papel da mídia e possam expressar-se por meio de diferentes linguagens, colocando a relação entre Comunicação e Cidadania como eixo do processo didático-pedagógico. Portanto, a Educomunicação se configura como um campo que transcende a estrutura acadêmica tradicional, legitimando-se como uma demanda da sociedade contemporânea. A interdiscursividade Comunicação/Educação tem o objetivo de superar e propor novas alternativas aos métodos tradicionais da Educação e aos valores mercadológicos da Comunicação.

Ao referir-se ao espaço educativo, Soares (1999) não se restringe somente à escola. Ele inclui a “comunidade virtual” que se cria entre um meio massivo e seus receptores, a partir da ação educativa promovida por uma emissora de TV ou de rádio — levando em conta o emprego democrático e criativo dos processos e tecnologias comunicacionais — como também as “comunidades presenciais”, que podem ser uma sala de aula, um centro cultural, ou até mesmo uma empresa.

A própria educação é tomada como um espaço de comunicação na cultura, na qual a Educação é obrigada a rever-se em seus paradigmas. Nesse sentido, Soares (1999) propõe o conceito e também a prática da gestão comunicativa, que define como um conjunto de procedimentos que garantem, “mediante o compromisso e a criatividade de todos os envolvidos e sob a liderança de profissionais qualificados, o uso adequado dos recursos tecnológicos e o exercício pleno da comunicação entre as pessoas que constituem a comunidade” (SOARES, 1999).

O processo é o centro do desenvolvimento da Educomunicação enquanto apropriação dos meios. Soares (1999) utiliza os conceitos de Educação de Mário Kaplún para justificá-la. Kaplún, pesquisador uruguaio, foi o primeiro teórico a usar o termo Educomunicação, em 1987, para designar uma metodologia de Educação para a Comunicação baseada na análise das mensagens, e não dos meios, através de oficinas.

Existem três modelos básicos de educação que ocorrem simultaneamente nos tempos atuais, segundo Soares (1999). O primeiro é a educação que enfatiza conteúdo. É a educação tradicional, baseada na transmissão de conhecimentos e valores de uma geração à outra, através da relação professor/aluno, da elite “instruída” às massas ignorantes. Neste modelo de educação, segundo Paulo Freire (1979), “o educador é sujeito e os educandos são objetos pacientes, ouvintes”. É um modelo autoritário, em que o protagonismo é dado ao emissor, responsável por iniciar o processo, definir seus conteúdos e objetivos, e determinar o seu fim.

A segunda seria a educação que dá ênfase aos efeitos, que consiste em moldar a conduta das pessoas com objetivos previamente estabelecidos. Se no primeiro caso o importante é ‘o saber’, neste, o foco é ‘o fazer’. O verbo fundamental neste processo é persuadir, para moldar o comportamento. E a terceira seria a educação com ênfase no processo, sem enfoque tanto nos conteúdos ou efeitos, mas principalmente na interação dialética entre as pessoas e sua realidade. Todos são sujeitos do processo, em que também são emissores e receptores ao mesmo tempo. É este último modelo o defendido pela Educomunicação, definida por Soares (1999), como formato de educação a ser trabalhado.

Assim, a gestão da comunicação no espaço educativo se firma como a grande proposta da Educomunicação. Por gestão, entende-se “todo o processo articulado e orgânico voltado, a partir de dada intencionalidade educativa, para o planejamento, execução e avaliação destinadas a criar e manter ecossistemas comunicacionais, entendidos como ambientes regidos pelo princípio de ação e do diálogo comunicativo” (SOARES, 1999). Também a multidisciplinaridade e multidiscursividade das possíveis ações educacionais são os principais argumentos de teóricos que defendem a existência da Educomunicação como um novo campo do conhecimento. Um campo que deixa de ser apenas uma interface para ser um campo de atuação específica.

Esta é a visão que mais se adequa a esta pesquisa, que é a que se constrói a partir da contribuição de pensadores latino-americanos para a discussão e compreensão do tema. A interpretação que eles fazem da relação entre Comunicação e Educação são particularmente diferenciadas do resto do mundo, a partir de características dos estudos recentes culturalistas e de recepção, desenvolvidos no continente, alinhados com as características sociais, políticas, econômicas e culturais dos países latinos. Nesse sentido, destacam-se as pesquisas de Paulo Freire, Mario Kaplún e Ismar de Oliveira Soares. “O que ocorre particularmente porque eles retiram do receptor o papel de objeto das ações dos meios, reconhecendo-o como sujeito capaz de negociação” (LIMA, 2002). Segundo Lima, esses pesquisadores podem ser considerados as matrizes teóricas na construção e constituição do campo da Educomunicação.

O pano de fundo ou a referência imediata desses pesquisadores é a América Latina. O período de construção dessas matrizes conceituais, segundo a pesquisadora, é a segunda metade do século XX, quando o continente vive sob o domínio de ditaduras e sofre também as primeiras conseqüências da globalização. Durante esse período, são poucas as experiências democráticas no continente, enquanto boa parte dos regimes ditatoriais prolonga-se até os anos 80.

A partir então dos anos 90, as diferenças sociais na América Latina continuaram a se intensificar, agora sob o signo da economia de mercado – a economia globalizada. De acordo com Soares (1996), algumas das características do atual modo de produção capitalista são globalizar a economia, de acordo com os interesses dos grandes grupos multinacionais; impor o ideário neoliberal como pensamento único; estabelecer como idioma universal o inglês, para garantir intercâmbio entre os agentes financeiros e utilizar-se da comunicação, promovendo o avanço da tecnologia, para assim ampliar a produção, acumulação e veiculação de dados e informações. Ou seja, não são apenas os assuntos econômicos e políticos que interessam às corporações multinacionais. Os culturais também – ou “bens simbólicos”. Desse modo, os

Meios de Comunicação igualmente são destacados, e compõem mais um território de intervenção e interferência.

Durante os anos de 1970 e 1980, “Freire e Kaplún foram autores de suma importância, pois fizeram de suas produções e de suas atuações junto aos movimentos sociais uma forma de enfrentamento ao regime autoritário” (LIMA, 2002). Ambos investiram em propostas de educação de adultos, pois acreditavam que esta seria uma possibilidade de mudar a realidade não só do educando como da própria sociedade em geral.

Segundo Soares (1996), a partir de 1990, quando os movimentos sociais perdem força na América Latina por causa do impacto do neoliberalismo, acirram-se as diferenças entre países ricos e pobres pela abertura dos mercados que passam a garantir e ampliar os lucros das grandes corporações internacionais e, em decorrência direta desse fenômeno, sofisticam-se as tecnologias. Cresce o nível de violência, principalmente entre jovens, comportamento que começa também a ser relacionado ao acesso cada vez maior aos recursos audiovisuais e à internet.

Os estudos de Comunicação e Educação também ganham novos formatos a partir de então. A concepção de Educomunicação é ampliada e tem novos desdobramentos. Soares é um dos pesquisadores latino-americanos que mais contribui para renovar a concepção. Ao longo dos anos 80 esteve à frente de iniciativas como o Projeto de Leitura Crítica da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social, seguindo a linha de Freire-Kaplún. Foi também um dos inspiradores da criação de um dos mais ativos centros de formadores de “educação para os meios”, o SEPAC – a Pastoral de Comunicação, das Edições Paulinas. Como coordenador do NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, realizou uma pesquisa entre 1997 e 1998 junto a 178 pesquisadores e coordenadores de projetos nas áreas de Comunicação Educativa e Educação para os Meios de vários países, visando identificar “a natureza da inter-relação comunicação/educação, sobre as várias áreas de atividades dela resultantes e sobre o perfil dos trabalhadores nela envolvidos” (SOARES, 1999). O NCE também realizou workshops, seminários e congressos, (dentre eles o International Congress on Communication and Education, promovido em São Paulo, em maio de 1998, em parceria com o World Council for Media and Education), com o objetivo de avançar nas discussões e pesquisas a respeito do campo da Educomunicação, bem como na divulgação delas.

Seguindo esta linha, para ampliar a compreensão sobre a delimitação atual do campo da Educomunicação, foram pontuadas a seguir as principais contribuições de Paulo Freire, Mário Kaplún e Ismar de Oliveira Soares.

3.2.1. Educação e Comunicação: Paulo Freire

No Brasil, particularmente no nordeste brasileiro, o acesso à leitura e escrita era algo possível apenas à elite agrária que controlava a política e a economia. Ignorantes no domínio dos códigos que podem normatizar a vida da sociedade, a população pobre cumpria o seu papel na história: manter as divisões sociais, sustentar os poderosos, aumentar e consumir a própria pobreza. (LIMA, 2002)

Comprometido com a mudança do modelo de sociedade excludente e autoritária, Paulo Freire defende a Educação como prática de liberdade. A sua primeira obra, *Educação e atualidade Brasileira* (1959), propõe um método de alfabetização através de “fichas de cultura como temas geradores”. Estas fichas, chamadas de “temas de dobradiça”, são, na verdade, instrumentos para desencadear o diálogo entre educadores e educandos.

O autor se posiciona contra a verticalidade do processo educacional e da relação entre professor e aluno imposta pelo ensino tradicional. Sua proposta de educação e de metodologia educativa é que nada seja imposto, como o tipo de educação autoritária, mantida por um sistema político-econômico também autoritário, que Freire (1959) denomina “educação bancária”. Nesse caso, o aluno é visto e tratado como um banco no qual se depositam saberes, na expectativa de mais tarde resgatá-los, não só devidamente valorizados, mas também prontos para reproduzirem o mesmo sistema.

A Educação que ele propõe, por outro lado, define a horizontalidade tanto do processo educacional quanto da relação entre professores e alunos, ou educadores e educandos. Os princípios propostos são democráticos, para que seja uma “educação libertadora”, que forme cidadãos capazes de “ler e escrever o mundo”, e de interferir nos rumos do seu destino.

O método educacional e a filosofia Freire estão fundamentados no diálogo, conforme ele propõe na obra *Extensão ou Comunicação* (1968). Para que isso ocorra, é necessário que o processo educacional transforme-se em situações de produção conjunta do conhecimento: um aprende com o outro e ambos, a partir dessa situação educacional, passam a saber mais. A concepção de *Extensão*, portanto, que segundo Freire tem a ver com transmissão, transferência e invasão, opõe-se radicalmente à de *Educação/Comunicação* que implica na participação conjunta dos envolvidos na construção do conhecimento. O ato de conhecer resulta de uma ação dialógica.

Como se vê, há uma relação intrínseca entre Educação e Comunicação. Não há uma sem a outra. Afinal, é da relação entre sujeitos que dialogam que nasce a crítica e a problematização. É, pois, nesse sentido que o diálogo é a base da metodologia de Paulo Freire. Não há conteúdos a serem discutidos, já que o conteúdo do diálogo é o conteúdo educacional. (LIMA, 2002)

Essa relação dialógica se dá à medida que, conforme Freire, a palavra não é somente um meio para que o diálogo aconteça, mas é, ao mesmo tempo, ação e reflexão. Se ela perde essas características, deixa de ser transformadora. Já a capacidade de crítica e a mudança da realidade se potencializam, quando ação e reflexão estão presentes na relação dialógica. A partir disso, o autor propõe a educação “problematizadora”. Daí surge a obra *A Pedagogia do Oprimido* (1970), em que ele define que a consciência do oprimido foi internalizada pelas ações dos opressores durante a história. O oprimido acaba por se apropriar de valores e interesses dos opressores, e tem medo de libertar-se deles. Segundo Freire, a saída dessa situação não é individual, mas coletiva, “porque ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1970).

Nesse sentido a educação que Freire (1970) propõe visa conscientizar o educando, criar condições para que ele perceba a situação em que se encontra e fortalecê-lo para que, junto com outras pessoas, emancipe-se dela. O educador, portanto, não é aquele que sabe, fala, escolhe e define diante do educando, que representa quem não sabe, não fala, não escolhe, não é capaz de definir. O processo de conscientização implica uma educação e uma comunicação que promovam a emancipação dos oprimidos. A problematização se fundamenta na relação dialógico-dialética e surge como reação aos modelos hegemônicos, tanto da Educação como da Comunicação, pautados na noção mecânica de transmissão de saberes, de que quem emite é ativo, e quem recebe é passivo.

Nessa perspectiva, a formação do professor não é apenas técnica e/ou teórica. Mas é também prática e participativa. A democracia, ao ser ‘ensinada’, precisa também ser posta em prática. O educador é um pesquisador que pensa e ensina a pensar, isto é, está convicto de que não lhe cabe transferir conhecimentos, mas construí-los junto aos educandos: o pensar é dialógico. Segundo Freire (1977), “o educador pratica a tolerância, que é a virtude de conviver com o diferente para poder brigar com o antagônico”.

3.2.2. Educação pela Comunicação: Mário Kaplún

Kaplún elaborou e colocou em prática um Curso de Leitura Crítica nos anos 70 e 80, proposto como método para uma ação educativa, dirigida principalmente às camadas pobres da população de países como Peru, Uruguai, Venezuela e Argentina. O objetivo era alcançar o grande público – maior consumidor das mensagens dos meios massivos de comunicação, que não tem acesso às análises críticas de especialistas.

Com isso, ele buscava fazer das análises interpretativas dos pesquisadores na área de educação para os meios um instrumento popular de libertação. Essa concepção, no entanto,

foi alterada depois porque, na prática, os conceitos mostraram-se insuficientes, tanto para a compreensão do fenômeno comunicativo, como para os objetivos a que havia se proposto. Conceitos como imposição ideológica, invasão cultural, receptor passivo, alienação, entre outros, faziam parte, segundo o autor, de quatro modalidades de abordagem dos meios de comunicação, desenvolvidas por grupos que tinham como fim a formação de sujeitos críticos. Embora a educação para os meios seja informativa, deixa o indivíduo desarmado e sem saber o que fazer com as informações recebidas. “Esses modos de educadores verem e tratarem a comunicação, assim como os métodos que propõem – de alguma forma recriando esses conceitos – são chamados, por Kaplún, de Educomunicação” (LIMA, 2002).

Mas o autor acaba abandonando esse termo e em seu lugar fala em Comunicação Educativa. O método que ele elabora tem quatro características básicas: a análise das mensagens, e não dos meios; o desenvolvimento de oficina, no lugar de exposição de conteúdos; a sistematização rigorosa dos conteúdos abordados; a decodificação da ideologia das mensagens e de seus significados simbólicos e culturais (reconhecendo que não são suficientes apenas conhecimento técnico, estético e formal).

O autor tem compromisso com a mudança da realidade, portanto seu trabalho é focado na pedagogia libertadora e problematizadora, segundo Lima (2002). Depois de mais de uma década de atividades com Educomunicação, ele definiu três pontos que sustentam teoricamente o campo: a cumplicidade entre os participantes no processo de leitura crítica; a decodificação das mensagens e a compreensão da natureza dos sistemas de comunicação.

3.2.3. Educomunicação: Ismar de Oliveira Soares

Ao longo de suas investigações, Soares vem constatando configuração do novo campo de conhecimento da Educomunicação já não mais entendido somente como uma área voltada à compreensão dos efeitos da mídia sobre seus usuários, ou que apenas exige o desenvolvimento de uma recepção crítica de suas mensagens, mas como um novo campo do saber marcado por um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares com novas categorias analíticas. Assim concebida, a Educomunicação dá conta da ampliação das áreas de intervenção social que tratam da inter-relação Comunicação/Educação: educação para a comunicação, mediação tecnológica na educação, gestão comunicativa e reflexão epistemológica.

O Educomunicador emerge como um novo profissional, protagonista dos processos educacionais, presente nos grandes meios, nas televisões e rádios educativos, nos

centros culturais, nas organizações não governamentais e, até mesmo, nas empresas. Tais atores sociais apresentam “como sentido e meta definida de suas ações a utopia da construção da cidadania” (SOARES, 2001).

Para propor o conceito e a prática de Gestão da Comunicação no Espaço Educativo, Soares (2000) parte de dois princípios. Primeiramente, a constatação de uma mudança histórica. Mudanças econômicas e técnicas radicais, próprios de uma nova era, a Era da Informação, propulsora de um novo contexto cultural, caracterizado pela confrontação entre o que se entende por “modernidade” e a ainda indefinida “cultura da pós-modernidade”. O segundo princípio, intimamente ligado a essa transição histórica, é de caráter pedagógico educacional, questionando as condições da Escola Tradicional dar conta das novas exigências do nosso tempo.

O avanço significativo das tecnologias na Era da Informação e o ensino tradicional, que já não mais responde às atuais necessidades humanas, mostram que é cada vez mais necessária uma revisão de paradigmas. O autor propõe a transformação do espaço escolar em ecossistema educativo, e busca encontrar quais seriam esses novos paradigmas, as substituições necessárias para que essa transformação se faça possível:

1. Predomínio da técnica e da informação – Características predominantes da pós-modernidade, na Era da Informação, que representam o fator-chave na economia mundial atual, interferindo diretamente na vida de milhares de pessoas.

2. Real pelo virtual – Não é mais a Educação, tampouco o pensamento lógico e seriado linearmente que pensa e organiza a sociedade atualmente. É a Comunicação de Massa quem faz esse papel, promovendo o pensamento fragmentado e aleatório, sobretudo através dos meios audiovisuais. O sistema escolar se apresenta como instituição dependente do Estado, burocrático e hierarquizado, dirigido a públicos determinados, transmitindo saberes especializados. Por outro lado, a Comunicação de Massa acontece de forma mais “livre”, é acessível a todos e atua de modo virtual.

3. Compreensão pela comparação – É justamente a linguagem audiovisual que mais está ligada a expressão, imaginário e forma de compreensão dos jovens atualmente. Através do audiovisual, a percepção é multidimensional, opondo-se aos procedimentos de análises e sínteses próprios da inteligência geométrica, conceitual, discursiva e formal.

4. A razão versus emoção, pelo sentimento e razão – A concepção moderna de razão dividiu o homem em “razão” e “sensibilidade”, ficando a razão para a Educação Tradicional. No entanto, para compreender a realidade, não bastam a razão e as teorias. É preciso

recuperar a sensibilidade e buscar uma nova razão que não aprisiona o homem em moldes conceituais.

5. Recuperação da sensibilidade e aproximação entre educação e comunicação A modernidade, a partir da racionalidade científica, fez com que a escola fragmentasse as habilidades do sujeito. Mas a pós-modernidade aproximou esse universo dos Meios de Comunicação. Para Soares (1988), dois desafios se impõem atualmente: “abrir um novo horizonte de sentido e de intencionalidade no trabalho em sala de aula e aproximar a Escola do sistema de Meios de Comunicação”.

É nesse sentido, visando a um novo posicionamento da Educação no novo ecossistema cultural em gestação, que Soares propõe o conceito e a prática de Gestão da Comunicação no Espaço Educativo. O que deve ocorrer a partir de um conjunto de procedimentos voltados para, conforme organiza Lima (2002):

- Detectar o coeficiente comunicacional de cada uma das ações educativas, desenvolvendo, em decorrência, uma permanente avaliação das inter-relações comunicacionais que se estabelecem no espaço educativo, à luz – entre outros referenciais – da perspectiva teórica da Educomunicação;
- Planejar e implementar ações comunicativas no espaço da educação presencial e à distância;
- Produzir, na prática pedagógica, a análise do sistema massivo de meios de comunicação, favorecendo, com metodologias adequadas, uma educação para o consumo e para a convivência ativa e autônoma com a produção cultural destes veículos;
- Colaborar para que os educadores e os educandos se apoderem – conceitual e praticamente – dos recursos da comunicação de forma a transformar-se em produtores de cultura, com o uso das novas linguagens e instrumentos. (LIMA, 2002)

Este conjunto de procedimentos pode redefinir os termos Educomunicação e Educomunicador criados por Kaplún. Ao retomá-los, Soares (1999) atualiza-os e considera que não se trata apenas de instrumentalizar o sujeito para que ele busque formas de reação às imposições dos meios, mas de incluir na elaboração e realização das ações educativas não somente os modos de ver e tratar da comunicação como também os meios através dos quais ela se faz presente na sociedade.

Portanto, Educomunicação é definida como um conjunto das ações inerentes ao planejamento e implementação de processos, programas e produtos destinados a integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação (*media education*), criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem

(*information literacy*). Partindo desse conceito, a educação torna-se um fenômeno que se articula em redes, seja a educação fundamental, destinada à alfabetização de crianças, seja a não-formal, voltada a atender grupos marginalizados na sociedade, ou, ainda, os sofisticados processos de aprendizagem através da interatividade virtual, segundo define Soares (2000).

Os ecossistemas comunicativos, segundo a concepção de Martín-Barbero (1996)², surgem a partir da constatação de que não é mais possível pensar a Educação sem basear o modelo escolar nas demandas da ‘sociedade-rede’ e levando em conta que todos os espaços possam se tornar educativos. Ele define que as práticas de aprendizagem precisam dar conta das mudanças da sociedade, dando espaço a outras linguagens que se articulam ao cotidiano, tendo em vista que as tecnologias modificam os estatutos dos saberes, deslocando o centro do livro e da leitura linear, enquanto a população se identifica e exerce sua vida pública cada vez mais através dos discursos, sons e imagens dos meios de comunicação e da mídia.

Nesse sentido, a gestão participativa inevitavelmente leva à alteração dos ambientes, porque as decisões que definem as ações individuais e coletivas passam a ser tomadas coletivamente. A todos e a cada um é garantida a participação efetiva; por isso, demandam tempo, paciência, tolerância – uma profunda aprendizagem de convivência social. A alteração provocada no ambiente inclui o novo e o inusitado. É um modo de ação que promove deslocamentos nas áreas do conhecimento, como a Educação e a Comunicação, que só teoricamente se mantêm como áreas específicas e independentes. A gestão educacional dos ambientes derruba as supostas barreiras entre elas: inventa e cria um novo espaço.

² *Op. cit. Soares, 1999.*

4. COMUNICAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA

Por volta dos 60 surge na América Latina, no campo da Comunicação, a imprensa alternativa, que se configura em oposição ao Regime Militar e à censura. A imprensa alternativa foi porta-voz de movimentos e grupos de esquerda e teve influência marcante para a história do Brasil e no que diz respeito à resistência da sociedade no período ditatorial.

Segundo Beatriz Dornelles (2007), as redes de comunicação popular tiveram início na América Latina no final dos anos 60 com os debates das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que discutiam os problemas das comunidades, religiosos ou não, ampliando a discussão para debates sociais e políticos. E essa comunicação era produzida considerando a realidade da comunidade. Nos anos 80, os estudos focados na recepção chamam a atenção para o tema, que passa a ser mais explorado e os pesquisadores buscam maior precisão do conceito e definição consensual em torno dele.

Atualmente o termo alternativo sofreu uma evolução conceitual principalmente pelas transformações econômicas, políticas e sociais ocorridas desde então. Pesquisadores como Cícilia Maria Krohling Peruzzo, Anamaria Fadul, Nestor García Canclini e Jesús Martín-Barbero repensaram a postura bipolar dos anos 80, que contrapõe a comunicação popular à comunicação de massa. Mas reafirmam que a comunicação popular e alternativa surge do povo, comprometida com causas sociais, e rompe com a grande mídia – não necessariamente em oposição ou antagonismo, mas com o objetivo de revelar novas visões (culturais, sociais, políticas e econômicas), em que o receptor está inserido.

Porém, ainda não existe consenso sobre o tema entre os pesquisadores da área, segundo Dornelles (2007). Ela então levanta as principais posições em torno do assunto e as contrapõe. Segundo a pesquisa, dentro da busca de uma estrutura teórica para as questões que envolvem a Comunicação Popular, Luiz Ramiro Beltrán (1981)³ apresenta um modelo teórico como objeto de discussão, que defende que a Comunicação é um processo de interação social democrático, baseado num intercâmbio de símbolos, em que as pessoas compartilham voluntariamente suas experiências, em condições de acesso livre, igualitário, de diálogo e de participação. Ele também define que os seres humanos comunicam-se com múltiplos propósitos e que o exercício de influência sobre o comportamento dos outros não é o principal nesse processo. Segundo o autor, é mais fácil que essa “comunicação horizontal” seja estabelecida em modelos interpessoais de comunicação, e não impessoais.

³ *Op. cit. Dornelles, 2007.*

Beltrán (1981) desenvolveu então, a partir dessa visão, a proposição de um modelo de comunicação horizontal baseado em três pilares: exercício efetivo do direito de receber mensagens; exercício efetivo do direito de transmitir mensagens e o exercício do direito de tomar parte no processo de produção e transmissão das mensagens. Isso compôs o discurso e as práticas de instituições ligadas à comunicação popular e alternativa, como igrejas e organizações não governamentais. A proposta contribuiu para ações que colocassem em prática a comunicação horizontal, mais conhecida na América Latina pelo nome de comunicação popular, participativa ou alternativa.

A participação popular acontece na comunicação quando ambos os interlocutores têm a mesma oportunidade de gerar suas próprias mensagens. Um sistema de comunicação pode ser considerado participativo se prevê mecanismos e canais que permitam aos grupos de base determinar, com independência, os conteúdos temáticos a serem veiculados e emitirem mensagens autônomas, surgidas deles mesmos. Assim os setores populares encontram a possibilidade de falar sobre o que eles próprios querem falar.

Para Kaplún (1983)⁴, as três dimensões da participação (educacional, comunicacional, social e política) têm a democratização como forte apelo. Segundo ele, “esta nova concepção da comunicação educativa, participatória e associada à organização popular propõe-se contribuir para democratizar, ao mesmo tempo, a educação, a comunicação e o conjunto das relações sociais”.

Para Gilberto Gimenez (1978)⁵, a Comunicação Popular – dentro da visão romântica de povo, assumida pela esquerda latino-americana – tem o povo como sujeito protagonista da história, dentro do populismo terceiro-mundista. É “o conjunto das classes subalternas e instrumentalizadas submetidas à dominação econômica e política das classes hegemônicas dentro de uma determinada sociedade”. Sendo assim, para ele a Comunicação Popular tem de ter a quebra da lógica da dominação e ser realizada a partir do próprio povo, que deve compartilhar seus próprios códigos, o máximo possível.

Felipe Espinosa (1978)⁶ considerou ineficaz a Comunicação Popular, por se apresentar com muita teoria e pouca prática. Para ele, a Comunicação é libertadora quando o povo expressa, com sua própria voz, os seus próprios valores e sua visão de mundo. Segundo ele, o papel da Comunicação seria organizar o que estava disperso, valorizando os elementos

⁴ *Op. cit. Dornelles, 2007*

⁵ *Op. cit. Ibidem*

⁶ *Op. cit. Ibidem*

progressistas que subsistem no povo. A solução seria, para o autor, unir a teoria com os aspectos progressistas da cultura popular.

Francisco Vanderhoff (1978)⁷ procurou relacionar a Comunicação Popular e a evangelização, vinculando a primeira à realidade social. Enfatizou que as possibilidades da Comunicação Popular estavam “condicionadas pela capacidade criativa das classes subalternas para elaborar condições cada vez mais hábeis e autônomas que contraponham as limitações que a cultura hegemônica trata de impor-lhe”.

Maria Cristina Mata (1990)⁸ considera que a Comunicação Popular serve como instrumento dos setores dominados para expressar a sua situação, bem como para analisá-la, e funciona como a expressão do novo tipo de relações sociais que essas práticas geram: horizontais, dialógicas, participativas.

José Martinez Terrero (1982)⁹ defende que a Comunicação Popular tem níveis e graus, e que o mais completo é a comunicação popular transformadora de estruturas. Segundo ele, a produção de meios de comunicação pode ser para, com ou do povo. Ele entende que a Comunicação Popular faz parte da cultura popular e exerce várias funções: a destruição radical da ideologia dominante; a construção histórica da ideologia da classe dominada a partir de diversas táticas de comunicação popular, como dar voz ao povo; construção do povo como sujeito histórico, social e político.

Héran Matinez Pardo (1982)¹⁰ define que a Comunicação Popular existe quando o código é popular, a linguagem é popular e a mensagem se opõe à comunicação burguesa. Porém, o processo da Comunicação não pode ser visto como algo isolado, uma vez que tanto o emissor quanto o receptor são produzidos socialmente. Deste modo, não se pode isolar o processo como uma luta entre a comunicação popular e a comunicação burguesa, pois a luta não é essa. Esta luta é a “favor de algo”, e não “contra algo”.

Festa (1984)¹¹ conclui que a comunicação popular refere-se ao modo de expressão das classes populares, de acordo com a capacidade delas de atuar sobre o contexto social em que se reproduzem. Para ela, o contexto é de enfrentamento com o projeto de dominação capitalista, no qual a comunicação popular é o agente do projeto popular, que vai conformando a inter-relação entre grupos e classes populares.

⁷ *Op. cit. Dornelles, 2007*

⁸ *Op. cit. Ibidem*

⁹ *Op. cit. Ibidem*

¹⁰ *Op. cit. Ibidem*

¹¹ *Op. cit. Ibidem*

Gomes (1990)¹² não concorda com essas definições. Para ele, o contexto “alternativo” não é a “comunicação alternativa”, mas apenas o que torna uma comunicação popular. “Cabe dizer que o ‘conceito alternativo’ parece apontar para uma contraposição à comunicação massiva, enquanto que o ‘conceito popular’ diz respeito à inserção num contexto alternativo de luta que visa estabelecer uma nova sociedade a partir da ótica das classes populares”.

Segundo Dornelles (2007), mais recentemente a obra “Comunicação nos Movimentos Populares – A participação na construção da cidadania”, de Cicília Maria Krohling Peruzzo (1998), contribui com os estudos da área, dadas as transformações sociais mais recentes, que tornam mais complexas as definições de classes sociais e de exclusão social. Peruzzo apresentou argumentos convincentes sobre a inadequação de características que definiram a comunicação de massa e popular até então, o que permanece sendo uma realidade para muitos representantes da esquerda brasileira, mesmo que ultrapassado na Academia. Sobre comunicação popular, Peruzzo conclui:

Assim, há que se tomar a comunicação popular em seu entorno, onde, necessariamente, ela será captada não como uma ilha isolada, mas como algo que tem suas especificidades e se relaciona com a sociedade, convive com ela e dela usufrui mais amplamente. E também se verá que o popular não é homogêneo, porque é pluralista e histórico. Importa que ele seja apreendido em seu contexto, entendendo-se em seu interior a cultura. Desse modo, possivelmente não “demoniaremos” o massivo nem faremos pouco caso de seu potencial de influência, como também não “endeusaremos” ou menosprezaremos o popular. Ou seja, este não será tomado simplesmente em sua virtualidade revolucionária nem, por outro lado, só na perspectiva saudosista do folclórico, arcaico, melodramático e/ou massivo. Como a sociedade, a cultura não é algo estático. Em seu movimento, nas décadas de setenta e oitenta, ele tem sido reflexo não só da reprodução de valores e da criação e recriação de outros, mas também da introdução da utopia. (Peruzzo, 1998)¹³

Seguindo a reflexão de Peruzzo, o conceito de comunicação popular e alternativa mais próximo do ideal para esta pesquisa é o de que a comunicação alternativa é capaz de promover transformação social na busca pela cidadania e se configura como porta-voz das classes mais oprimidas. Ela é produzida para e pela comunidade, e normalmente não tem espaço de participação na grande mídia. Essa comunicação comunitária que se dá no bojo dos movimentos sociais tem, segundo Peruzzo (1998), traços comuns que se caracterizam como fundamentos da comunicação popular relacionada aos movimentos sociais: a expressão de um contexto de luta, o conteúdo crítico-emancipador, um espaço de expressão democrática e o povo como protagonista.

¹² *Op. cit. Dornelles, 2007*

¹³ *Op. cit. Ibidem*

4.1. Jornalismo Comunitário

Segundo Gomes (1990), nos anos 80 existia uma enorme diversidade de publicações e boletins, que surgem no interior do movimento popular, nos meios estudantis, sindicais e no movimento operário. “Através de organizações político-partidárias, sindicatos ou grupos de intelectuais identificados com as lutas das classes subalternas, diversos jornais desse tipo apareceram de forma irregular, durante, pelo menos, quase todo o decorrer deste século” (GOMES, 1980).

Segundo Sérgio Caparelli (1986)¹⁴, o termo “alternativa” refere-se a publicações que se opõem à grande imprensa, como, por exemplo, os periódicos Movimento, Pasquim e Coojornal, veiculados durante a ditadura militar no Brasil.

Segundo Dornelles (2007), “atualmente existe uma tendência conciliatória por parte dos pesquisadores em torno do conceito de ‘imprensa alternativa’, compreendida como aquela que pratica um jornalismo à margem da chamada imprensa convencional”. Seriam, portanto, os jornais alternativos à grande imprensa. Representam uma alternativa, uma opção a mais dentre as mídias já existentes.

A imprensa comunitária pode ser representada, segundo Dornelles, principalmente nos últimos dez anos, através dos jornais de bairro, que funcionam como jornais comunitários, embora produzidos por jornalistas. Marcondes Filho (1986)¹⁵ define jornal comunitário da seguinte forma:

Um jornal comunitário é elaborado por membros de uma comunidade que procuram através dele obter mais força política, melhor poder de barganha, mais impacto social, não para alguns interesses particularizados (anunciantes, figuras proeminentes), mas para toda a comunidade que esteja operando o veículo. Qualquer comunidade pode articular-se politicamente e, aí, utilizar-se de um jornal comunitário onde sua voz ganhe mais eco, suas reivindicações cheguem muito mais além do que seu – em geral pequeno – território. Com esse tipo de jornalismo, como o jornal de minorias sexuais, sociais e étnicas, essas comunidades podem romper com o gueto a que estão submetidas pelos critérios de marginalização predominantes na sociedade. (MARCONDES FILHO, 1986)

Nessa mesma linha, Callado (1985)¹⁶ define que os problemas diários de comunidades dificilmente chegam aos grandes jornais e revistas, mesmo porque não é possível a um grande jornal, que é uma empresa com finalidade de lucro, tratar dos problemas de cada pequena comunidade, de cada bairro, cada cidade. Segundo o autor, é por isso que surge a necessidade de existir imprensa comunitária, que funciona como a mais importante alternativa, no

¹⁴ *Op. cit. Dornelles, 2007*

¹⁵ *Op. cit. Ibidem*

¹⁶ *Op. cit. Dornelles, 2007*

momento atual do Brasil, à imprensa monopolizadora. Ele defende, nesse contexto, que o jornal comunitário pode ser muito mais que um órgão de informação, já que se configura como um instrumento de mobilização.

Segundo visão de Pinheiro (1996)¹⁷, de maneira geral, o que os tipos de jornalismo alternativo têm como diferencial é o fato de refletirem a realidade da comunidade para qual se dirigem, bem como objetivarem informar, dialogar, educar, organizar e mobilizar a comunidade em torno de causas que visam ao bem comum. Nem sempre todas essas características existem ao mesmo tempo, mas elas balizam a atividade dos jornalistas e líderes comunitários engajados neste setor.

Além disto, segundo Dornelles (2007), eles amparam-se nos três pilares estabelecidos por Beltrán para definição da comunicação horizontal: reconhecem o direito de todos receberem mensagens (os jornais são distribuídos gratuitamente), aceitam publicar textos enviados pela comunidade (desde que não firam legislação vigente) e admitem participação da comunidade na transmissão e produção do material jornalístico.

Segundo artigo apresentado por Cleofe Sequeira e Francisco Bicudo (2007) no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, é possível identificar características do jornalismo comunitário, responsáveis por garantir ao segmento personalidade e autenticidade. São elas: a) valorização da realidade local; b) participação da comunidade durante todo o processo de produção; c) consagração das idéias da mobilização e da transformação; d) resgate de um viés pedagógico e educativo; e) articulação com a produção independente e de resistência.

Segundo os autores, o jornal comunitário “assume com ênfase e sem constrangimentos o fato de procurar dar conta de uma área restrita e, nesse sentido, e em comparação com os chamados veículos da grande imprensa, não se importa em ser pequeno” (SEQUEIRA e BICUDO, 2007). Essa é também uma boa qualidade, pois o fato de aproximar-se de seu público permite que dialogue com ele mais com profundidade e intensidade. Embora essa relação de proximidade se manifeste em especial no plano geográfico, pode também se revelar por meio da proximidade por demandas ou expectativas. Os autores exemplificam: “projetos culturais e sociais desenvolvidos na comunidade terão destaque nos veículos por ela produzidos; o mesmo raciocínio vale para cenários de violência e exclusão, para problemas como o desemprego e a falta de escolas ou de postos de saúde” (SEQUEIRA e BICUDO, 2007).

¹⁷ *Op. cit. Ibidem*

Outra característica importante do jornalismo comunitário é o acentuado uso didático, o que acaba diferindo o conteúdo, segundo o artigo, da concepção usual que se tem de notícia, por exemplo. O destaque aos assuntos é dado em função da sua importância para o grupo social, numa relação direta com o cotidiano das pessoas.

Em relação ao processo de produção, o jornalismo comunitário de certa forma quebra a lógica que garante aos pequenos e poderosos grupos o privilégio da emissão, e às grandes massas a tarefa da recepção. De forma direta e participativa, ou por meio de conselhos e de representantes, a comunidade tem o dever e a prerrogativa de atuar durante todo o fluxo produtivo, da discussão das pautas à distribuição ou veiculação das notícias, responsabilizando-se inclusive por estimular o debate sobre aquilo que já foi feito, para que se possa apontar erros e virtudes e melhorar em oportunidades seguintes. O público deixa de ser visto como mero depositário de informações escolhidas e traduzidas por um grupo de iluminados e esclarecidos, e passa, democraticamente, a ser encarado como cidadão protagonista, ativo, pensante e atuante. A hierarquia de certa forma se rompe, e o diálogo se manifesta no sentido horizontal (COM) e não na direção diagonal, de cima para baixo. (SEQUEIRA e BICUDO, 2007)

Nesse sentido, o Jornalismo Comunitário tem finalidades semelhantes às da educomunicação para os meios. O processo do jornalismo comunitário relaciona-se com práticas propostas pela educomunicação para que seu funcionamento se aproxime da maneira ideal, especialmente no sentido da participação comunitária, mobilização social e na contribuição para a formação dos envolvidos no processo.

5. APRESENTAÇÃO DO PROJETO ECOFALANTES DA ILHA DO MEL

5.1. O Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel

As informações a seguir foram retiradas do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, apresentado em janeiro de 2008 ao Instituto Sadia de Sustentabilidade.

5.1.1. Proposta

O agravamento da crise ambiental, que já é perceptível por populações em todas as partes do planeta, exige respostas mais rápidas por parte das autoridades públicas, da sociedade organizada e um compromisso mais esclarecido dos ambientalistas, educadores e do conjunto da população. Há uma demanda crescente por informação ambiental, que tem se registrado nos últimos anos, bem como a busca dos comunicadores e seus públicos pelas interfaces dos diversos temas pautados na mídia com a questão ambiental.

Neste sentido, é fundamental o cumprimento das diretrizes do Programa Nacional de Educação Ambiental, em que a democratização do acesso, da produção e da gestão da informação e comunicação ambiental já se tornou um pressuposto. A ocupação de espaços nos meios de comunicação de massa é uma diretriz presente nos documentos orientadores das políticas associadas ao meio ambiente, como a Agenda 21, por exemplo. A necessidade de contextualização e de tratamento transversal das questões ambientais, suas conexões com a diversidade cultural, os direitos civis, as questões sociais, entre outras, impõem a importância da realização de produções interativas de materiais educativos para a mídia massiva.

Considerando a essencial diferença entre comunicação e informação, devemos observar a ocupação de todo o espaço de interatividade possível na compreensão do que é plenamente comunicação. Consideramos que uma política de comunicação ambiental, que esteja baseada nos princípios da democratização, promoção da autonomia e emancipação, não pode se materializar sem que haja condições de inclusão ampla no direito à comunicação, que significa não só poder ter acesso à informação e aos bens culturais mediatizados ou não, mas também acesso à participação na criação e na gestão dos meios de comunicação. Ocorre que a ação comunicativa só expressa plenamente um conteúdo de fato educativo quando não se reduz a uma aceção de extensão-transmissão de informações, mesmo com a prerrogativa do dever democrático.

A ação comunicativa do projeto “Ecofalantes da Ilha do Mel” será de grande importância na criação e manutenção de sociedades sustentáveis na Ilha do Mel, considerada

mundialmente como Reserva da Biosfera (ECO92) e Unidade de Conservação de Proteção Integral com atualmente 93% de sua área protegida.

Desenvolver na população da Ilha – principalmente nos jovens, público-alvo deste projeto a capacidade de abordar questões ambientais e relacioná-las ao seu desenvolvimento, garante a manutenção da diversidade biológica – um dos objetivos mais importantes da conservação, e que no entanto, não se restringe a um conceito pertencente ao mundo natural. É também uma construção cultural e social.

O desenvolvimento sustentável ressalta o aspecto do direito à informação como condição *sine qua non* do empoderamento de novos atores e implementação das agendas ambientais. É necessário sensibilizar o público sobre seus principais problemas, fazê-lo participar de suas soluções e fomentar o senso de responsabilidade pessoal em relação ao meio ambiente.

Fomentar a criação de produtos de comunicação ambiental com caráter educativo, a partir do debate e da elaboração e produção participativa é, de fato, fomentar processos educativos a partir de criações participativas para os meios de comunicação de massa.

Com este projeto, pretende-se mobilizar a população da Ilha do Mel na atuação coletiva em torno das soluções para a crise socioambiental, a partir dos mais diferentes contextos, perspectivas e experiências. O centro dos esforços da ação comunicativa é o diálogo, é abrir, promover, ampliar o espaço do diálogo, da forma mais permanente possível, e nesse esforço ver emergir o horizonte da educação. Formar uma cultura dialógica é determinante – a sua falta põe em risco a efetividade das ações e o grau de confiança mútua entre os interlocutores. É sensibilizar, a partir da percepção dos moradores da Ilha do Mel, cada vez mais conscientes de suas responsabilidades socioambientais, aos mais de 150 mil visitantes anuais – ou os possíveis cinco mil visitantes diários – a fragilidade do seu ecossistema, incluído neste o de seus habitantes. Seus espectadores são as próprias comunidades, ainda mais aptas a revelarem sua riqueza ambiental e sua inconfundível identidade.

A Ilha do Mel, com reconhecida importância ecológica, paisagística, etnográfica e arqueológica, tem 93% de sua área constituída como Unidade de Conservação de Proteção Integral (Estação Ecológica e Parque Estadual). Nos 7% restantes, encontram-se as comunidades de Encantadas e de Nova Brasília com aproximadamente 911 residentes fixos (IBGE 2.000) e mais de 150.000 (cento e cinquenta mil) visitantes anuais.

Por apresentar belezas cênicas e praias adequadas à prática de surf, o índice de visitação da Ilha do Mel tem aumentado progressivamente nos últimos 30 anos. Na alta temporada, principalmente nos meses de dezembro a março, o turismo é intenso e particularmente desordenado. As influências sofridas com o impacto de diversas culturas que trazem outros

modelos socioeconômicos, geram conflitos ambientais, políticos, morais, sociais, econômicos e culturais que resultam na degradação do ecossistema local e da cultura e tradição das comunidades.

Para os jovens de 13 a 24 anos, 10% da população local, que representam a continuidade dos hábitos e costumes da Ilha, restam poucas perspectivas em relação às oportunidades locais de estudo e trabalho. Os jovens dependem da alta temporada para trabalhar, ou têm de partir para continuar seus estudos. Há uma enorme perda de identidade cultural e a mudança de valores é inevitável com tantas informações, muitas vezes equivocadas, trazidas “de fora”, como o estímulo ao uso de drogas.

Para salvaguardar a identidade e o senso crítico destes jovens, público alvo deste projeto, e também no condizente cuidado que estes possam ter com o ambiente que lhes deu origem, o projeto Ecofalantes da Ilha do Mel pretende realizar uma ação educativa e de intervenção social, por meio da difusão de produções interativas e educativas ambientais para Rádio. Entende-se por Difusão, o processo pelo qual elementos ou características culturais são transmitidos a outras sociedades ou a outras regiões por meio de contato ou de migrações, produzindo semelhanças que não decorrem de invenção independente.

Empregando-se a práxis da Educomunicação – reflexão/ação que une Educação e Comunicação Social - o projeto Ecofalantes da Ilha do Mel utilizar-se-á das tecnologias e linguagem da mídia radiofônica para que a comunidade se expresse e se reconheça, e assim, decida o que quer para si e para o local em que vive. O peculiar da Educomunicação é a recuperação e atualização de um conceito dos mais importantes: a co-gestão, isto é, a real possibilidade de uma outra forma de convivência social, fundada na valorização do indivíduo como sujeito, no respeito ao outro e na tomada conjunta de decisões.

Por se tratar de uma proposta de educação para a coexistência, os processos são mais importantes que os produtos. A partir do acesso ao conhecimento teórico e prático que a técnica permite e exige para que se possa efetivamente atingir um nível aceitável de interatividade com as várias possibilidades de redes de comunicação disponíveis, cada grupo, de acordo com as suas necessidades e possibilidades, cria o que quer, o que pode e o que consegue. E é assim que precisa ser reconhecido e respeitado, sobretudo por seus próprios formadores e integrantes, então conscientes de seus papéis e de suas indissociáveis subjetividades.

Neste projeto temos como aliado o Núcleo de Comunicação, que será criado, constituído e movido por integrantes da comunidade. A partir das oficinas de comunicação e da pesquisa realizada por estes atores ao longo do projeto, haverá a elaboração dos temas

socioambientais a serem divulgados. A retroalimentação da campanha educativa ambiental será ativada pelos participantes deste Núcleo, uma vez que eles serão os responsáveis em provê-la com as informações identificadas como necessárias para a melhoria de vida e o desenvolvimento sustentável. Também caberá aos integrantes deste Núcleo gravar depoimentos de pessoas da comunidade e transmiti-los posteriormente nos programas de rádio, proporcionando uma empatia entre os ouvintes e o meio de comunicação.

O aspecto educacional do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel tem o potencial de torná-lo um instrumento da ação cultural e de mudanças sociais, pelo desenvolvimento da percepção, da imaginação criativa, do desenvolvimento da flexibilidade na resolução criativa de todo tipo de problema, e da formação de valores estéticos que se refletem no entorno humano e ambiental. Saber causar a necessária conscientização coletiva de sua identidade, de seu patrimônio, despertar o senso-crítico é recuperar o passado, concentrar-se no presente e no futuro. Buscando estimular o desejo dessa mesma população de explorar, documentar e compreender sua própria evolução é levá-la ainda ao interesse por sua própria região, por sua cultura e assumir a responsabilidade por seu futuro.

5.1.2. Objetivos

- 1- Promover pesquisa-ação ao longo do projeto com os jovens das comunidades de Encantadas e de Brasília na Ilha do Mel;
- 2- Fomentar e orientar a criação de materiais de educação ambiental, realizados sob forma interativa e participativa, nos mais diversos contextos educativos formais, não formais e informais;
- 3- Propiciar, através da difusão dos produtos educativos ambientais, a multiplicação de espaços críticos para a educação e a comunicação ambiental;
- 4- Provocar um movimento de inclusão dos mais variados atores, entre eles os professores da Rede de Ensino da Ilha do Mel, para a incorporação dos instrumentos de comunicação na atuação educativa ambiental;
- 5- Disponibilizar um conjunto significativo de produtos de comunicação educativos fazendo-as repercutir também na internet e na comunidade;
- 6- Chamar atenção à responsabilidade socioambiental dos canais de comunicação em radiodifusão, principalmente os locados na região de Paranaguá e capital, de inserirem nas suas programações informações referentes à conservação ambiental e cultural;

7- Pensar este projeto como um modelo a ser replicado em comunidades, escolas, associações etc., que não se resume na produção do material educativo ambiental a ser exibido, mas sobretudo no exercício da prática dialógica que esta comunicação pode oferecer.

5.1.3. Metas

1- Produzir um diagnóstico participativo da Ilha do Mel com aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos, resgatando expressões culturais e ressaltando os problemas levantados pelas comunidades na área de saúde ambiental (água, esgoto, saneamento) e impactos ambientais;

2- Desenvolver 02 (duas) oficinas de Jornalismo Comunitário com carga horária de 20h cada, com no máximo 30 (trinta) participantes;

3- Desenvolver 02 (duas) oficinas de Introdução à Linguagem Radiofônica e Edição de Áudio, com carga horária de 20h cada, com no máximo 30 (trinta) participantes;

4- Desenvolver 02 (duas) oficinas de Capacitação em Utilização de Programa de Software Livre, de 12h cada, com máximo 30 (trinta) participantes;

5- Formar um Núcleo de Comunicação com a participação de membros da comunidade atuando como agentes de comunicação na Ilha do Mel;

6- Disponibilizar e monitorar nas duas comunidades, Encantadas e Brasília, caixas de sugestões (ouvidoria) distribuídas em vários locais, com a intenção de avaliar o trabalho realizado na comunidade e contribuir com sugestões e críticas ao projeto;

7- Disponibilizar aos 15 professores da rede de ensino pública participação nas oficinas, bem como, a presença ativa no Núcleo de Comunicação, a fim de contribuir com o planejamento de estratégias e atividades a serem desenvolvidas com os alunos, conciliando educação ambiental, comunicação e arte;

8- Produzir e disponibilizar, durante os últimos seis meses de projeto, material de educação ambiental em diversos formatos, temas, tipos de linguagens e duração para canais públicos de comunicação;

9- Contactar a mídia local e da capital para distribuição de releases sobre o projeto e posterior clipping das matérias publicadas;

10- Disponibilizar o material educativo ambiental para mídia espontânea em rádios;

11- Disponibilizar o material educativo ambiental para mídia paga em rádios, ressaltando sua responsabilidade em inserir na sua programação informações de cunho socioambiental, principalmente daquelas que se referem a conservação ambiental e cultural do segundo ponto turístico mais visitado do Estado do Paraná, a Ilha do Mel;

12- Veicular por quatro meses na internet, um canal de rádio online com transmissão ao vivo para 60 ouvintes na servidora de streaming Brasil Rádios.

13- Solicitar a permissão de transmissão do material educativo ambiental, por meio de amplificadores sonoros, nos ambientes escolares, pousadas e associações da Ilha do Mel;

14- Divulgar na ilha para 58 pousadas, 01 hotel, 11 campings, 16 restaurantes, 23 associações, 2 escolas e comunidade em geral, os horários, as frequências e os canais de rádio onde serão veiculadas as peças produzidas pelo Núcleo de Comunicação.

5.1.4. Metodologia

A pesquisa-ação parece ser uma das metodologias mais referendadas pelos educadores ambientais críticos. A pesquisa-ação é um processo de pesquisa, em que seus pesquisadores e a comunidade investigam conjunta e sistematicamente um dado ou uma situação com o objetivo de resolver um determinado problema, ou para a tomada de consciência, ou ainda para a produção de conhecimentos sob um conjunto ético aceito mutuamente. Não existe um sujeito e um objeto de pesquisa, todos são sujeitos, participando ativamente para um determinado fim (SATO, 1997).

Para Sauv  (1997), a pesquisa-ação   como uma fonte de inspira o que favorece os modelos de interven o, buscando um desenvolvimento profissional e pessoal cont nuo. Assim, a pesquisa-ação na Educa o Ambiental, pode ser definida por um conjunto de id ias (reflex o) que geram atividades (a o) visando  s transforma es das ordens e sistemas dominantes (conscientiza o), atrav s de um processo permanente de educa o.

Com as oficinas de capacita o, se dar  a continuidade do exerc cio de forma o dos jovens e participantes. Ao se propor que os jovens produzam comunica o, seja em comunidade, escola, associa es, oferece-se a oportunidade para que eles aprendam a se expressar, com maior desenvoltura, o que pensam e sentem sobre temas de seu real interesse. Para conseguir dar conta dessa tarefa, eles ter o que superar a timidez, aprender a confiar em si mesmos, usar as palavras de forma competente, al m de passar a escutar com mais aten o o que eles e seus colegas dizem. Al m disso, para conseguirem se comunicar com o p blico, n o basta “falar bem”. O  xito da comunica o depender  muito da qualidade t cnica do trabalho. Para isso, os participantes ter o que refletir e praticar os conceitos e metodologias transmitidos nas oficinas, al m de aprender a usar adequadamente os softwares livres para cria o de  udio, e os respectivos equipamentos: mesa de som, microfones, gravadores, computadores, entre outros. Quando Educa o e Comunica o se cruzam desta forma, se realiza o que prop e a Educomunica o. Isto  , forma o dos jovens na utiliza o da

comunicação como uma ferramenta poderosa transformadora de sonhos em realidade, para que se desenvolvam ativos, autônomos, com capacidade de transformação, intervindo diretamente na realidade em que vivem.

As oficinas de Jornalismo Comunitário abordarão: História dos meios de comunicação; Ética da comunicação; Jornalismo comunitário; Estruturação do texto; Texto informativo e texto opinativo; Prática de recepção, e a Produção de textos. Nas oficinas de Rádio os conteúdos trabalhados são, em suma: Características do rádio; Papel educativo do rádio; Linguagem radiofônica; Texto para rádio – texto publicitário e texto jornalístico; Roteiro; Uso de sonoplastia e efeitos sonoros; Produção radiofônica, e Edição. Para se potencializar e legitimar ainda mais a criação e a produção dos participantes, as oficinas de Softwares livres capacitarão os participantes a realizar sua própria gravação, fazendo-os compreender na prática esta tecnológica, formatando, editando e difundindo o material radiofônico.

O Núcleo de Comunicação será constituído por pessoas habilitadas e com desejo de atuar na promoção do desenvolvimento sustentável em sua comunidade, desenvolvendo na população a capacidade de refletir e abordar questões ambientais e relacioná-las ao desenvolvimento. Os agentes de comunicação coletarão depoimentos das comunidades relacionados às questões ambientais e sociais, suas relações míticas com o ambiente expressadas por meio de poesias, contos, músicas, etc.; informarão sobre os eventos culturais do município de Paranaguá, da Ilha do Mel e regiões circunvizinhas; diagnosticarão juntamente com os professores as informações de cunho sócio-ambiental que necessitam serem esclarecidas e assimiladas pela comunidade; e participarão ativamente das discussões em associações ou reuniões comunitárias que envolvam a conservação dos aspectos ambientais, culturais e de saúde pública na Ilha do Mel. O papel do Núcleo é o de sensibilizador e mobilizador, promovendo e ampliando o espaço do diálogo com e entre as comunidades de Encantadas e Brasília. O Programa de Educomunicação Socioambiental do órgão gestor da Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA apregoa: “formar uma cultura dialógica é determinante – a sua falta põe em risco a efetividade das ações e o grau de confiança mútua entre os interlocutores”.

Além da coleta de depoimentos feita pelos agentes serão disponibilizadas caixinhas de sugestões em locais de fácil acesso nas comunidades Encantadas e Brasília. Este instrumento é considerado pelo projeto como forma de ouvidoria pública e avaliação do trabalho realizado.

A metodologia utilizada na produção do material educativo ambiental traduz o que pretende o projeto Ecofalantes da Ilha Do Mel – contribuir para que os jovens e participantes

exercçam o direito não só de receber informação, mas sim, e sobretudo, o de produzir comunicação. Convém esclarecer, que a quantidade de etapas de trabalho proposta para a realização de qualquer prática educacional não deve ser entendida como seqüencial, ou seja, algo que deve ser cumprido rigorosamente na ordem em que aqui aparece. Estas quatro etapas são apenas norteadores que estabelecem uma marca da quantidade de movimentos realizados pelos agentes no Núcleo de Comunicação durante a realização da tarefa:

1- Levantamento e definição da pauta – Esta etapa demanda tempo e muita conversa, e acontece desde o início com a inserção do projeto na comunidade, nos momentos de discussões nas oficinas de comunicação. É o momento de resgatar as idéias e definir o assunto das produções. Tempo de pensar sobre o que se quer, o que convém, o que se necessita tornar público. Portanto, para que o grupo defina o que será positivo para todos, é preciso que, antes, cada um possa ter espaço para apresentar individualmente o seu parecer.

Sobre o que você gostaria de falar? O que você gostaria de partilhar com mais pessoas? – são perguntas que podem desencadear um bom debate. Uma vez expostas as idéias, procede-se à escolha daquelas que se transformarão na peça de comunicação desejada. O sistema de votação tem sido bastante adotado para esse fim. A sugestão, nesse caso, é que haja a possibilidade de se abster de votar e que os votos, além de abertos, possam ser justificados, de modo que essa “simples ação” sirva para que os participantes do Núcleo de Comunicação se conheçam melhor e, de fato, vivam a democracia.

Todas as informações necessárias para embasar os temas serão pesquisadas pelos grupos do Núcleo nas escolas locais, no seu ambiente escolar, na comunidade, ou em artigos e outros documentos que a coordenação do projeto possa fornecer com garantia de veracidade.

2- Produção – Nesta etapa, a equipe dá forma às idéias coletivamente eleitas para as produções. Todos são convidados a pensar no gênero mais conveniente para a proposta, a preparar o roteiro, a dividir as tarefas de acordo com as necessidades, a escolher o estilo do programa que pretendem realizar e também ensaiar o que for necessário. Vale ressaltar que paralelamente a este projeto estarão sendo desenvolvidas oficinas de criação teatral pelo Projeto Cultura Viva da Ilha do Mel possibilitando a inserção do formato teatral na produção do material. Talentos das mais diversas naturezas costumam aparecer nesse momento, estimulando e fortalecendo as relações interpessoais.

3- Difusão – Fase em que os participantes tornam público o que juntos idealizaram. O grupo pode apresentar-se “ao vivo” no formato teatral, ou por meio de gravação, que será ouvida nas rádios ou por amplificadores em reuniões nas comunidades e escolas. Os vários talentos, nem sempre visíveis na comunidade, serão reconhecidos.

4- Avaliação e reajuste – Momento em que os próprios participantes analisam a produção, pois, melhor que ninguém, eles têm propriedade para falar, uma vez que vivenciaram todo o processo de trabalho. Sugere-se que iniciem avaliando o que saiu a contento, seguido de observações sobre o que mudariam, numa próxima vez, visando a corrigir o que consideraram ruim na produção. Na seqüência, convém ao grupo ouvir as observações de outras pessoas que estavam presentes. Será solicitada às comunidades pareceres sobre o material difundido. Estas manifestações poderão ser expressadas para o coordenador do Núcleo de Comunicação, ou por meio das caixinhas de sugestões.

6. INFORMAÇÕES SOBRE A ILHA DO MEL

As informações a seguir foram retiradas do Relatório Intermediário do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, apresentado ao Instituto Sadia de Sustentabilidade em setembro de 2008. Estas informações, no entanto, foram sintetizadas pela autora desta pesquisa.

6.1. Localização e acesso

Localizada no litoral paranaense, a Ilha do Mel ocupa uma área de 27,62 km². Está a 2,5 milhas de Pontal do Sul, e a 15 milhas de Paranaguá, município ao qual é subordinada administrativamente. Trata-se de uma formação sedimentar com ecossistema extremamente frágil. É uma área em contínuo processo de alteração, que por um lado recebe areias e cresce sobre o oceano, e por outro lado é erodida em suas bordas com a água que corta os barrancos e quase a divide em duas, na região do istmo entre o Farol e Brasília.

A Ilha é dividida e caracterizada em quatro localidades distintas:

- Fortaleza, que abrange o norte e o sul da Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres e suas mediações, tem como principal atrativo o Forte localizado no sopé do Morro da baleia. É a área menos populosa e menos concentrada urbanisticamente, caracterizada como um local de menos infraestrutura;

- Farol das Conchas, área onde estão localizados os serviços da Polícia Florestal, IAP, Copel, Telefone, Cagepar, Unidade de Saúde, restaurantes e as principais pousadas;

- Nova Brasília, localizada no centro da Ilha. Hoje local de desembarque dos barcos, tem alta concentração de habitantes, onde se encontram a escola, o campo de futebol, a área oficial para *camping*, o centro de triagem e depósito de resíduos sólidos recicláveis, além dos principais centros de suprimento comerciais;

- Encantadas, que está localizada ao sul da Ilha, é de todas as localidades a que mais se assemelha a uma vila: tem um centro com uma Igreja, uma pequena praça com bares e restaurantes em volta e um trapiche de embarcadouro. Com uma linha de barcos que atende à localidade, há ainda assim pouco relacionamento com as demais comunidades da Ilha, devido ao seu relativo isolamento geográfico, limitado ao norte por uma barreira natural, o Morro Bento Alves, e ao sul pela orla marítima.



Figura 1 - Mapa da Ilha do Mel, Município de Paranaguá, PR.

6.2. Condições ambientais

O clima é úmido, a temperatura média anual fica entre 14° C e 21° C. O elevado índice de chuvas ao longo do ano permite a existência de uma vegetação rica, densa, com árvores que chegam a 30 metros de altura.

A preocupação com os aspectos ecológicos da Ilha do Mel levou a Associação de Defesa e Educação Ambiental (ADEA) a propor seu tombamento, culminando com a criação da Estação Ecológica da Ilha do Mel, sob os cuidados do ITCF e da Polícia Florestal. A vegetação se formou lentamente sobre a areia e permanece bem preservada, por se tratar de área de preservação, dando origem à Estação Ecológica e ao Parque Estadual. Os manguezais da Ilha são pouco extensos havendo duas áreas de ocorrência: no Mar de Dentro, na Baía do Saco do Limoeiro, e outra parte no noroeste, após a Ponta Oeste. Possui uma rica fauna, com elementos endêmicos, raros e sujeitos à extinção. Por essas características, a região constituiu-se em um banco genético de importância mundial, entretanto, submetida à forte pressão antrópica, que vem provocando a redução progressiva da sua biodiversidade.

6.3. Perfil dos habitantes

Há quatro grupos distintos de habitantes e freqüentadores da Ilha do Mel: os Nativos, descendentes de várias gerações, proprietários de pousadas, pescadores, barqueiros, carregadores e prestadores de serviços; os Residentes, famílias que lá vivem já há alguns anos e que vieram de outros lugares, que vivem do comércio ou da exploração de pousadas, restaurantes e bares; os Veranistas-proprietários, que possuem casas de veraneio e freqüentam a Ilha nas temporadas de verão; e os Turistas, visitantes que não possuem vínculo de moradia ou comércio.

Com relação à educação, existem escolas nas duas regiões principais da Ilha: a região de Brasília e a Vila de Encantadas. Porém, ainda há a carência de Ensino Pré-Escolar, e da continuação do Ensino Médio, o que compromete diretamente as condições de conhecimento cultural e de base para qualificação profissional. Segundo o último senso, realizado em 2001, 5% dos habitantes são analfabetos, e cerca de 35% tem ensino de 1º grau.

Com relação à Saúde, o atendimento público é estruturalmente limitado. Há também o problema da falta de água na temporada e esgoto tratado, complicadores da saúde pública. Além disso, a carência de médicos plantonistas 24 horas, de farmácia para um fornecimento suficiente de remédios e de uma ambulância de emergência para atendimentos que devam se realizar no continente, além de se configurarem problemas estruturais, refletem riscos à saúde da população.

Os serviços de Educação e Saúde são os que têm maior dependência do continente. Diariamente crianças e adolescentes atravessam o canal da Galheta para estudar em Pontal do Paraná, assim como pacientes em busca de atendimento especializado vão até Paranaguá. Uma das principais demandas que surge a partir desta relação ilha-continente é a freqüente movimentação de alunos e enfermos. Não há transporte específico para nenhum dos casos, sendo este solucionado com as barcas convencionais, que atuam em horários especiais.

Na relação com o meio ambiente, a população demonstra uma conscientização da necessidade da preservação ambiental e dos riscos de degradação. Porém, embora as áreas preservadas representem para a população uma riqueza local, não há uma consciência dos limites da ocupação humana. A carência de saneamento básico perpassa pelo campo ambiental, pois é um dos aspectos responsáveis pela contaminação do solo, do lençol freático e, por conseqüência, pelas doenças parasitárias.

Deficiências na preservação dos caminhos, de lixeiras nas trilhas e nas residências também são frutos da ação humana na Ilha do Mel. Bem como desenvolvimento irregular de

edificações, que ocupam áreas ambientalmente impróprias, e que refletem um problema bastante complexo.

Em sua organização comunitária, a existência de várias associações representativas caracteriza a sociedade da organização natural em grupos de interesses. Isso demonstra um potencial na organização da população em setores comerciais, já que a Ilha do Mel é um campo natural para o desenvolvimento de atividades diversas.

Uma grande deficiência entre as associações é a falta de unidade entre boa parte de seus representantes, que é, por outro lado, refletida por um entendimento precário sobre a função do Estado e da sociedade, ou seja, da ação do Estado na sociedade e da relação da sociedade com o Estado. Porém há uma potencialidade da organização social que é a vontade expressiva de participação mais próxima das instancias públicas para representação de interesses coletivos.

A comunidade demonstra uma consciência significativa de sua importância no contexto do litoral e demanda melhoras para a garantia de seu bem estar a harmonia do seu modo de viver. A Ilha do Mel é uma comunidade singular que goza de aspectos típicos de uma paisagem natural, e que por isso mesmo deve ter seu desenvolvimento em harmonia com a questão ambiental, cultural e da relação com o continente.

Nos aspectos econômicos, a aqüicultura tem grandes potencialidades pela diversidade biológica marinha e possibilidades econômicas que pode ser melhor trabalhada, devendo, porém, atender ao condicionamento ambiental de proteção da área costeira.

A maior parte das oportunidades de trabalho na Ilha do Mel surge na temporada de verão, o que também é um fator conflitante, já que a população anseia pela geração de renda e nem sempre consegue atender essa demanda. Propostas de turismo durante o ano todo são apresentadas pela população, que demonstra uma grande capacidade de se organizar e gerar atendimento para os visitantes. É significativo o número de estabelecimentos comerciais fora das normas da vigilância sanitária, um agravante econômico sério comprometendo inclusive as condições de saúde local.

O emprego e a geração de renda que se pretende para a Ilha do Mel deve subordinar-se aos princípios de conservação do patrimônio, do ambiente e da paisagem e também promover a inclusão de seu cidadão. Neste sentido a sustentabilidade das atividades econômicas segundo este cenário, deve apoiar-se na ampliação das alternativas econômicas de subsistência, e na apuração do respeito ao patrimônio ambiental, turístico, histórico e cultural nas atividades econômicas.

6.4. Aspectos históricos

A Ilha do Mel, no início da colonização, era dominada pelos índios Carijós e destacava-se pela natureza. A origem do nome “Ilha do Mel”, é explicada segundo duas versões: uma antes da Segunda Guerra Mundial, quando era conhecida como a ilha do Almirante Mehl, devido à família Mehl que lá freqüentava; e outra pela existência de grande quantidade de mel silvestre. Contudo a Ilha era chamada de Ilha da Baleia, até o final do século XIX, devido ao seu formato, que se assemelha à silhueta do animal.

Na década de 1920, a Ilha do Mel foi considerada o primeiro recanto turístico do Estado do Paraná e já contava com um hotel. Nesta época os barcos saíam de Paranaguá e atracavam próximo ao forte, onde havia um trapiche e uma espécie de “jardineira”, que trafegava pela ilha. A construção das estradas para as praias foi feita apenas em 1926. E até 1988, a Ilha do Mel não dispunha de luz elétrica, água encanada, transporte regular e outros atendimentos essenciais primários.

Em 1975, o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná tombou a Ilha do Mel como patrimônio arqueológico, entográfico e paisagístico, como forma de preservar a desfiguração da paisagem natural e a vida silvestre. Em 1982 a sua tutela passou para o Serviço de Patrimônio da União, para o Estado do Paraná, com o objetivo de controlar a ocupação de novos lotes habitacionais e para que se criasse a Estação e Reserva Ecológica, com finalidade de preservar a fauna e a flora. Também ficou estabelecido que as casas construídas deveriam ser de madeira, sendo permitido somente banheiros de alvenaria, por a ilha ser área de segurança Nacional, em caso de guerra, sendo facilmente ocupadas e derrubadas por militares se necessário.

Para entender a importância de seus principais monumentos históricos precisamos regressar às primeiras décadas do século XVIII, em que eram grandes as preocupações com a segurança de Paranaguá contra os ataques de navios piratas franceses, ingleses e espanhóis. Por esse motivo, as obras da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres iniciaram em 1766 e foram concluídas em 1779.

A Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres não teve uma atuação bélica permanente, excetuando-se o caráter preventivo e assustador pela sua própria existência. Mesmo assim, pode-se considerar que a Fortaleza marcou a história da colonização paranaense pelo litoral, como também durante a Segunda Guerra Mundial quando se tornou a sentinela de vigilância contra submarinos que pretendessem invadir as águas de Paranaguá. Foi tombada como patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em março de 1972.

Outra construção característica é o Farol das Conchas, construído em 1870. Começou a funcionar em 1872 e atualmente é alimentado por energia solar. Já na extremidade norte da Ilha, na praia que estende-se por mais ou menos 12 quilômetros desde o Farol do Morro das Conchas até a Ponta do Hospital, passando pela Fortaleza e a Ponta do Bicho, situa-se o Rádio-farol ou Mirante, também conhecido como Farol do Cassual, ou ainda Mirante da Ponta do Cassual. Trata-se de uma torre quadrada, de aproximadamente 10 metros de altura, pintada de branco, que comporta um rádio farol e auxilia a navegação pelo canal de acesso ao Norte.

7. ESTUDO DE CASO: PROJETO ECOFALANTES DA ILHA DO MEL

7.1. Descrição das ações realizadas pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel

O projeto Ecofalantes da Ilha do Mel teve início em março de 2008 e se desenvolveu durante o período de um ano. O projeto foi elaborado por membros do Mater Natura – Instituto de Estudos Ambientais, sem consulta prévia aos habitantes da Ilha. No entanto, teve como embasamento a experiência do Projeto Jovem Mostra a sua Cara, realizado na Ilha do Mel, por outra equipe da mesma instituição, entre os anos de 2005 e 2007. E teve como parceiro o projeto Cultura Viva da Ilha do Mel, financiado pelo Ministério da Cultura, e também executado pelo Mater Natura, que visa à instalação de um ponto de Cultura na Ilha do Mel. A parceira foi importante, entre outras contribuições, no sentido de disponibilizar equipamentos para realização das oficinas, com a imposição, no entanto, de que fossem utilizados apenas *softwares livres*¹⁸.

Nesse sentido, é importante ressaltar que as iniciativas não partiram da comunidade, mas foram levadas até ela. Por esse motivo houve necessidade de sensibilizar a população local a se envolver no projeto, já que a proposta é participativa e tem como base o desenvolvimento de ações comunicativas baseadas no diálogo.

No entanto, a equipe do projeto inicialmente encontrou dificuldades neste processo de sensibilização. A comunidade se mostrou resistente a iniciativas de organizações não governamentais. Segundo a Associação de Moradores de Encantadas, os motivos seriam experiências anteriores que não tiveram sucesso, mas que, no entanto, geraram expectativas que foram frustradas. Isso gerou um atraso de cerca de dois meses para que as ações do projeto fossem iniciadas, já foram necessárias reuniões com líderes comunitários para divulgar a proposta e sensibilizar a comunidade local a participar delas.

Quando o projeto foi apresentado à comunidade, foi exibido o filme brasileiro *Uma Onda no Ar* (2002), com o objetivo de ampliar a compreensão das pessoas sobre comunicação comunitária e de tentar sensibilizá-las nesse sentido. O filme conta a história da criação e do desenvolvimento da Rádio Favela, de Belo Horizonte, a primeira rádio comunitária do país. Outra ação que objetivou aproximar a comunidade de exemplos de comunicação comunitária

¹⁸ *Software livre*, segundo a definição criada pela Free Software Foundation é qualquer programa de computador que pode ser usado, copiado, estudado e redistribuído sem nenhuma restrição. A liberdade de tais diretrizes é central ao conceito, o qual se opõe ao conceito de software proprietário, mas não ao software que é vendido almejando lucro (software comercial). A maneira usual de distribuição de software livre é anexar a este uma licença de software livre, e tornar o código fonte do programa disponível.

foi levá-los a participar do II Encontro Paranaense de Rádios Comunitárias – RADCOM, realizado em agosto de 2008, em Ponta Grossa.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o enfoque inicial do projeto era em comunicação radiofônica. Para tanto, a implantação de uma rádio comunitária seria o ideal. Porém, dadas as dificuldades em criar e instalar uma rádio deste tipo, especialmente burocráticas, a possibilidade foi descartada. Então a proposta feita pelo projeto foi desenvolver uma rádio via web, que funcionaria como uma rádio comunitária on-line.

Porém, a instalação da radio on-line não obteve sucesso, principalmente devido às dificuldades de acesso à Internet na Ilha do Mel, bem como a maior complexidade imposta pelos aparatos tecnológicos necessários para gravação, edição e difusão de áudio. Nesse aspecto, após a realização da oficina de Jornalismo Comunitário, a ação que pareceu mais adequada à realidade sócio-econômica da Ilha do Mel, e se mostrou mais acessível com relação aos aspectos tecnológicos, foi o jornal comunitário. “A produção de comunicação para rádio exige mais dedicação e criatividade dos envolvidos, o que acaba exigindo mais tempo em relação ao jornal. Para o jornal impresso já é mais fácil de programar o tempo demandado e estipular prazos” (Adriana Marques Canha, coordenadora do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)¹⁹.

Por este motivo, esta pesquisa enfoca o estudo de caso na análise das ações diretamente ligadas ao jornalismo comunitário. Porém, as demais ações, por serem julgadas relevantes para o processo educacional realizado pelo projeto, também serão brevemente descritas a seguir.

7.1.1. Oficinas de capacitação

Inclusão Digital

Foi a primeira oficina a ser realizada, nos dias 31 e 1º de junho, com o objetivo de que aprendizado propiciado por ela pudesse também servir de base para as outras oficinas. Foi ministrada pelo grupo PET-Computação (Programa de Educação Tutorial) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A partir de um levantamento realizado pela equipe do projeto, foi observado que a comunidade já tinha noções básicas de informática, devido à implantação de Telecentros de Informática pelo Governo do Estado do Paraná na Ilha. Portanto, a oficina teve enfoque no

¹⁹ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

Software Livre e em ferramentas de comunicação (internet, *blogs*, *fotologs* e *softwares* de edição gráfica, de áudio e vídeo).

A oficina foi dividida em dois dias. O primeiro consistiu em um seminário, com apresentação de conceitos e introdução aos assuntos. O segundo teve uma explicação e demonstração sobre ferramentas da internet, bem como a realização de atividades práticas, como a criação de *blogs*, uso de e-mail e captação e edição de imagens.



Figuras 2 e 3 – Oficina de Inclusão Digital, realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel

Introdução à Linguagem Radiofônica e Edição de Áudio

Foram realizadas duas oficinas de Introdução à Linguagem Radiofônica e Edição de Áudio – uma para a Vila de Encantadas, e outra para a região de Brasília. A primeira oficina foi realizada em dois módulos, durante dois finais de semana seguidos (dias 21, 22, 28 e 29 de junho). Teve carga de 20 horas, e foi realizada em parceria com o Núcleo de Comunicação e Educação Popular – NCEP, da Universidade Federal do Paraná, ministrada pela professora doutora Luciana Panke, com participação de três alunos do curso de Comunicação Social da UFPR.

O primeiro módulo teve uma exposição teórica a respeito de linguagem radiofônica, em que foram trabalhados tópicos básicos de redação, produção e edição de áudio. O conteúdo foi apresentado através de slides, dinâmicas e exemplos. Também foi entregue uma apostila didática e uma cartilha sobre rádios comunitárias (produzidas pelo NCEP), que serviram como material de apoio. Depois os participantes foram divididos em grupos para produção de roteiros de programas radiofônicos. Junto com os educadores, discutiram propostas e produziram os roteiros.

Nos segundo módulo, os roteiros foram gravados e editados. Esta oficina resultou na produção de três programas de rádio feitos por integrantes da comunidade, com variados formatos e linguagens, abordando assuntos como saúde, esportes, entretenimento e educação.

A segunda oficina foi realizada em apenas um fim de semana, nos dias 31 de outubro e 1º de novembro. A estrutura foi semelhante à anterior. Mas, devido ao tempo menor, e à quantidade de participantes também menor, teve como resultado apenas um programa de rádio (embora mais extenso que os programas da oficina anterior), que também explorou variados formatos e linguagens.



Figuras 4 e 5 – Módulo I da Oficina de Introdução à Linguagem Radiofônica e Edição de Áudio, realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel



Figuras 6 e 7 – Módulo II da Oficina de Introdução à Linguagem Radiofônica e Edição de Áudio, realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel

Jornalismo Comunitário

Também foram realizadas duas oficinas de Jornalismo Comunitário, uma para a Vila de Encantadas, e outra para a região de Brasília. A primeira foi realizada em dois módulos (nos dias 23, 24, 30 e 31 de agosto), em Brasília, em dois finais de semana seguidos. Participaram do primeiro módulo dezoito pessoas, e do segundo, doze. A segunda oficina foi realizada em Encantadas (nos dias 19, 20 e 21 de setembro e 5 e 6 de outubro) e teve a participação de vinte e duas pessoas no primeiro módulo, e dezessete pessoas no segundo.

As oficinas tiveram carga horária de 20 horas cada uma. Foram realizadas em parceria com o Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (Decom-UFPR), ministradas pelo professor Mário Messagi Júnior, com a participação de uma aluna de Jornalismo como monitora.

A estrutura da oficina foi a mesma, em ambas as comunidades. O primeiro módulo teve uma introdução sobre o processo de produção jornalística, com a definição dos conceitos de pauta, produção, reportagem, redação, tipologia de textos, edição e diagramação. Neste mesmo módulo, é desenvolvido junto com os participantes um projeto editorial para um jornal, que é o produto final da oficina. Foi realizada também uma reunião de pauta, para definir os temas a serem tratados no jornal. Depois, os participantes foram divididos em funções como pauteiros, repórteres, fotógrafos e diagramadores.

Ainda neste módulo foram aplicados exercícios de fotografia, reportagem, produção de texto e diagramação. As pautas também foram produzidas e divididas entre os participantes, que tiveram, a partir de então, uma semana para produzir as reportagens e fotografias.

No módulo seguinte as reportagens e fotografias foram corrigidas e editadas, junto com os educadores, e o jornal foi fechado e diagramado com o grupo. Depois foi feita uma avaliação da oficina com os participantes, e discutida a distribuição do jornal na comunidade, bem como a possibilidade de continuidade do jornal.

O produto final de cada uma das oficinas foi um jornal impresso de quatro páginas, com tiragem de mil exemplares. A impressão foi financiada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel e os exemplares foram distribuídos na Ilha do Mel e em Paranaguá.



Figuras 8 e 9 – Módulos I e II da Oficina de Jornalismo Comunitário realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel em Brasília



Figuras 10 e 11 – Módulos I e II da Oficina de Jornalismo Comunitário realizada pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel em Encantadas

7.1.2. Núcleo de Comunicação

O projeto propôs a formação de um Núcleo Comunicação com pessoas da comunidade que, depois de terem participado das oficinas de comunicação, dessem continuidade às ações comunicativas propostas, como o jornal e a rádio on-line. O núcleo deveria definir assuntos, relativos à Ilha e à comunidade local, a serem pesquisados, discutidos pelo grupo e difundidos por meios de comunicação comunitária. Desta forma, as pessoas deste grupo seriam também as responsáveis por gerenciar estes meios de comunicação, da maneira mais democrática possível, com auxílio do projeto.

O projeto reuniu então, no dia 17 de agosto, moradores de Brasília que participaram das oficinas de comunicação promovidas até então para formalizaram o núcleo, que recebeu o nome de Nucom - Núcleo de Comunicação da Ilha do Mel. Esse mesmo grupo reuniu-se ainda duas vezes durante o mês de agosto (20 e 22), com o objetivo de organizar funções entre seus participantes e dar início às ações propostas.

Posteriormente foi feita uma reunião, no dia 06 de outubro, destes integrantes de Brasília com os participantes da Oficina de Jornalismo Comunitário realizada em Encantadas (que passaram a também fazer parte do Nucom). Durante os meses seguintes, o grupo continuou se reunindo, porém sem muita regularidade e com dificuldades de unir as comunidades de Encantadas e Brasília. O núcleo também encontrou dificuldades em se organizar e dividir funções entre seus integrantes. Mesmo assim, o grupo deu continuidade à produção do jornal comunitário, estimulado e assessorado pela equipe do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, pelo professor Mário Messagi Junior e pela aluna Renata Ortega, do Departamento de Comunicação Social da UFPR.

7.2. Avaliação da Oficina de Jornalismo Comunitário

7.2.1. Conteúdo apresentado na oficina

A oficina iniciou como uma introdução sobre o processo de produção jornalística, que durou cerca de 5 horas, durante o período da tarde. Foram apresentados os conceitos de notícia, reportagem e jornal, tendo como exemplos diversos jornais que foram repassados aos participantes. A seguir, foi explicado o que é pauta, produção, reportagem, redação, tipologia de textos, edição e diagramação.

Os participantes tinham idades e escolaridade variadas (mas todos tinham pelo menos como escolaridade o Ensino Fundamental Incompleto). Mostraram-se muito interessados neste primeiro momento: ouviram às explicações atentos, observaram os exemplos, e fizeram perguntas aos ministrantes da oficina, como relata Érika Prisco, uma das participantes da oficina: “As partes que a gente não conseguia entender, a gente perguntava, pedia para explicar de outra forma. E eu acho que os professores se adaptaram a nós” (integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)²⁰.

O conteúdo apresentado se mostrou suficiente, embora apenas introdutório, para que os participantes pudessem compreender as etapas seguintes da oficina. E a maneira como foi repassado aos participantes se mostrou satisfatória. A linguagem utilizada foi acessível, e houve empatia entre os ministrantes da oficina e o grupo. Além disso, o conteúdo foi repassado de forma a despertar curiosidade nos educandos, que demonstraram empolgação enquanto ouviam, e vontade de aprender mais sobre o assunto.

Michele Gonçalves (integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)²¹ concorda que a linguagem utilizada foi acessível, mesmo que a considere “um pouco técnica” em alguns momentos. Para André Edwards, embora as explicações tenham ficado claras, o tempo de explicação foi curto: “Eu acho que poderia ter mais dias, porque em um dia só é bem difícil explicar tudo. Até depois da oficina a gente ainda ficou com dúvidas” (integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)²².

Adriana Marques Canha concorda que a explicação foi abrangente, mas faz uma ressalva: “acho que só faltou um pouco abordar mais a questão da interação do veículo com os leitores,

²⁰ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

²¹ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo G)

²² Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

quais as formas de promover isso, de tornar o veículo mais interativo. Mas foi dada uma pincelada geral nos conteúdos básicos”²³.

7.2.2. Definição do projeto editorial e gráfico

Nessa etapa, realizada no segundo dia da oficina, os participantes sentaram-se em círculo e, coordenados pelo professor Messagi Jr, definiram o projeto editorial e gráfico do jornal produto. As definições se deram a partir dos seguintes aspectos: nome do jornal; público alvo; periodicidade; número de páginas; editorias, seções e colunas.

O professor projetou em uma parede o texto do projeto editorial e gráfico, explicou cada um dos tópicos, que foram preenchidos à medida que eram discutidos e definidos pelo grupo. Para algumas das escolhas, foi realizada votação, com o objetivo de que o processo fosse mais democrático.

Segundo os participantes entrevistados, de fato esta etapa foi interativa e participativa. Érika Prisco ressalta, no entanto, que algumas das escolhas foram feitas sem muita reflexão pelos participantes: “a gente acabou seguindo o que vocês estavam nos ensinando, porque a gente não tinha experiência nenhuma. Vocês explicaram e a gente achou as sugestões legais. Mas ficou a idéia, pra depois a gente ir adaptando, ver o que ficava melhor pra nossa realidade”²⁴.

A coordenadora do projeto concorda que esta etapa foi participativa e destaca a importância dela no processo: “Acho que esta etapa foi bem importante e definitiva no sentido de fazer com que eles sentissem que o jornal era deles, um produto pensado e produzido por eles mesmos”²⁵.

O jornal produzido durante a oficina realizada em Brasília teve o seguinte projeto editorial e gráfico:

- Nome: Ondas da Notícia
- Público alvo: Comunidade (com possíveis edições especiais para os turistas que vêm até a Ilha);
- Periodicidade: Mensal (encurtando na alta temporada);
- Número de páginas: 4 páginas;
- Linha editorial:
 - Editorias: Política; Cultura; Turismo/ Esportes.

²³ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

²⁴ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

²⁵ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

- Seções e colunas: Na boca do povo (enquete popular); Túnel do Tempo; Babado Bolado (coluna social/ agenda cultural).

O jornal produzido durante a oficina realizada em Encantadas teve o seguinte projeto editorial e gráfico:

- Nome: Notícia Encantada
- Público alvo: Comunidade (com possíveis edições especiais para os turistas que vêm até a Ilha);
- Periodicidade: Mensal (encurtando na alta temporada);
- Número de páginas: 4 páginas;
- Linha editorial:
 - Editorias: Cultura; Política/ Economia; Saúde
 - Seções e colunas: Boca no Trombone (Enquete popular); Histórias de Pescador; Dicas; Classificados.

Esta ação vai de encontro a o formato de Educação proposto por Paulo Freire, que presume a horizontalidade tanto do processo educacional quanto da relação entre educadores e educandos. Isto porque os princípios propostos são democráticos, possibilitam a “educação libertadora”, com objetivo de formar cidadãos capazes de interferir nos rumos do seu destino.

Nesse exercício, os participantes já começam também a ter maior compreensão do processo comunicativo e de sua gestão, que é a proposta central da Educomunicação. O exercício de pensar nos objetivos do trabalho que vão desenvolver, nas mensagens que vão produzir, e em quem serão os receptores delas, estimula os educandos a se colocarem como sujeitos do processo – em que também são emissores e receptores ao mesmo tempo, como define Soares (1999).

7.2.3. Reunião de pauta

Após a definição do projeto editorial e gráfico, foi iniciada a reunião de pauta, também coordenada pelo professor Messagi Jr. Os participantes sugeriram assuntos, de acordo com as editorias e seções definidas anteriormente, que foram debatidos entre o grupo. Isto também vai de encontro ao modelo de Educomunicação proposto por Soares (1999), em que o enfoque está principalmente na interação dialética entre as pessoas e sua realidade, o que também estimula que se tornem sujeitos do processo. A escolha dos assuntos a serem abordados reflete a realidade dos participantes, bem como a percepção que eles têm dela.

O processo também foi interativo e participativo, segundo os entrevistados e participantes. Mas uma das participantes faz uma ressalva:

Nessa parte, ninguém foi pesquisar mesmo o que estava acontecendo, a gente só falava daquilo que a gente sabia, que ouviu dizer – até porque o jornal não ia ter muito espaço, também não tinha muito essa necessidade. Mas ficaria uma coisa mais elaborada se houvesse uma pesquisa do que está acontecendo, uma coisa mais profunda. Mas isso era meio difícil de fazer também, porque tinha pouco tempo e poucas pessoas. (Érika Prisco, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)²⁶.

Na oficina em Brasília, foram definidas as pautas:

- Reforma do Trapiche de Brasília
- Cobertura da 4ª Etapa do Circuito Paranaense de Corrida em Montanhas
- Exposição sobre história da Ilha do Mel na Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres
- Condutores da Ilha do Mel
- Olimpíadas escolares da Ilha do Mel
- Na Boca do Povo: O que falta na baixa temporada na Ilha do Mel?
- Coluna Túnel do Tempo: A Ilha antes do Trapiche
- Babado Bolado (Coluna social/ agenda cultural)

E na oficina em Encantadas, foram definidas as pautas:

- Tratamento de zoonoses em Encantadas
- Festa da Primavera em Encantadas
- Resultado das competições da Festa da Primavera
- Dragagem na Prainha de Encantadas
- Tratamento de água na Ilha do Mel
- Caso da professora que mora em uma sala de aula na escola de Encantadas
- Boca no Trombone: O que falta na alta temporada na Ilha do Mel?
- Histórias de Pescador
- Dicas: Plantas medicinais nativas
- Classificados

7.2.4. Proposta e aplicação de exercícios

Depois da definição das pautas, os participantes foram divididos em funções – pauteiros, repórteres, fotógrafos e diagramadores –, escolhidas entre os membros do grupo. Os mais

²⁶ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

velhos acabaram definidos como pauteiros, por apresentarem maior experiência de vida em relação aos demais participantes. Os que tiveram maior interesse em fotografia e diagramação ficaram com estas funções, e os demais (a maior parte dos participantes) ficaram como repórteres na equipe.

Depois da divisão, foram então aplicados exercícios de fotografia, reportagem, produção de pauta e diagramação. Os exercícios de fotografia foram executados com máquinas fotográficas digitais automáticas, disponibilizadas pelo projeto. Primeiro foi proposto aos educandos que refizessem as fotografias de duas reportagens, na tentativa de obter imagens melhores que as que já acompanhavam as matérias. Depois, a partir de reportagens sem fotografias, eles deveriam captar imagens que pudessem acompanhar e ilustrar os textos. O exercício se mostrou eficiente para desenvolver noções de fotojornalismo.

Para os diagramadores, foram dados vários jornais diferentes, para que examinassem e tomassem como exemplos. A partir destes jornais, deveriam elaborar uma proposta gráfica para o jornal produto da oficina. Os educandos demonstraram dificuldade na atividade, principalmente em reconhecer modelos, formatos e padrões. Mostraram-se inseguros com relação às escolhas. O fato de o trabalho ter sido desenvolvido manualmente, já que não havia nenhum computador disponível para uso no momento, também foi um fator limitante na atividade. Além disso, os educadores dedicaram mais atenção aos envolvidos com outros exercícios (especialmente o de redação) que a este, já que o jornal seria diagramado apenas na semana seguinte, e outras atividades foram elencadas como mais importantes no momento.

Os pauteiros foram instruídos sobre como fazer pautas e receberam um modelo de pauta como exemplo. A partir daí, desenvolveram as pautas definidas na etapa anterior da oficina. Também demonstraram dificuldade em desenvolvê-las – em pensar no enfoque, desenvolver o contexto do assunto, e buscar fontes. Porém, apesar da dificuldade de pesquisar e organizar as informações, receberam atenção constante dos educadores e, depois de alguns exercícios, demonstraram ter compreendido um pouco melhor a finalidade e importância da pauta como ferramenta do processo. Porém, o aprendizado, nesse caso, não foi totalmente satisfatório, principalmente devido ao tempo curto para realização da atividade.

Os repórteres receberam como exercício uma reportagem que estava com as informações desorganizadas, tanto a ordem das frases quanto dos parágrafos. Foi proposto então que reorganizassem o texto, procurando responder às perguntas “O que? Quem? Quando? Onde? Como e Por quê?”, já no início da matéria (*lead jornalístico*). Os educandos demonstraram bastante dificuldade em realizar a atividade, que também demandou bastante atenção dos educadores. Diante da dificuldade, alguns dos participantes chegaram a ficar desestimulados e

tiveram vontade de desistir do exercício. Mesmo assim a atividade se mostrou eficiente, embora o texto escolhido pudesse ter linguagem mais simples e acessível, o que facilitaria a compreensão dos educandos.

André Edwards se mostrou satisfeito com o aprendizado proporcionado pelo exercício. “Foi aí que eu aprendi como é um texto de jornal, foi esse exercício que me clareou as idéias”²⁷. Michele Gonçalves relata que encontrou dificuldades, mas também considera o resultado satisfatório, principalmente devido ao auxílio dos educadores durante a tarefa. “Eu achei o exercício bem difícil, mas aí teve os orientadores que ajudaram. Mas deu pra aprender bastante, foi difícil, mas depois eu comecei a dar conta”²⁸.

Adriana Marques Canha considerou satisfatória esta etapa, porém acha que poderia ter maior duração: “Os exercícios foram muito bons, inclusive acho que eles precisariam ter tido mais exercícios, praticado mais. Acho que isso os ajudaria a melhorar a redação e a organização do texto e do raciocínio”²⁹.

7.2.5. Edição das reportagens e fechamento do jornal produto

As pautas foram distribuídas e os repórteres orientados para que na semana seguinte trouxessem as reportagens concluídas para serem editadas, no módulo seguinte da oficina. Algumas das pautas não foram executadas e alguns dos participantes não compareceram neste segundo módulo. Mas, mesmo assim não faltou conteúdo para que os jornais fossem fechados em ambas as oficinas.

Nesta etapa foi possível perceber que alguns não tinham compreendido suficientemente bem as explicações dadas na etapa anterior com relação aos textos especialmente. Alguns trouxeram apenas as entrevistas, descritas em formato de enquete, sem a construção do texto jornalístico; outros escreveram textos opinativos, sem a fundamentação de dados pesquisados e entrevistas. Pelos resultados, a maioria deles demonstrou ter bastante dificuldade em organizar as informações e redigir textos.

Os textos foram digitados em computadores pelos próprios participantes e corrigidos junto com os educadores, que explicaram regras do texto jornalístico e estimularam os educandos a reorganizarem o próprio texto.

²⁷ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

²⁸ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo G)

²⁹ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

Os participantes entrevistados afirmaram estar satisfeitos com a atividade. Entre eles, Érika Prisco³⁰, que apesar disso alegou ter encontrado dificuldade no desenvolvimento do texto. Para ela, uma solução seria a aplicação de mais exercícios. No entanto, todas as correções feitas pelos educadores foram comentadas com eles, discutidas e explicadas, o que se configura também como um exercício de redação. Com as fotografias, o processo foi semelhante, embora tenha recebido menos atenção dos educadores devido à falta de tempo.

A coordenadora do projeto acha que a dificuldade foi devido ao tempo curto e falta de maior acompanhamento dos educadores:

Eu acho que na parte da produção da reportagem faltou um maior acompanhamento, porque eles tiveram pouca prática de exercícios antes. Precisavam ter tido um pouco mais de prática de escrita, e um acompanhamento maior, com orientação para entrevistas, trabalho de campo, com os educadores fazendo o exercício prático junto com eles. (Adriana Marques Canha, coordenadora do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)³¹

O fechamento dos jornais foi um pouco tumultuado, o tempo também foi curto e houve dificuldade em fazer com que a maioria dos presentes participasse. Apenas os que se interessaram mais pela diagramação, e outros mais interessados no processo é que se envolveram nesta etapa – até porque muitos deles já demonstravam estar cansados depois de redigir as reportagens. “Eu consegui pegar um pouco de noção de diagramação no fechamento, mas ficou faltando aprender mais” (André Edwards, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)³². “Sobre o fechamento, achei legal, porque daí o jornal passou na mão de todo mundo, todos viram e corrigiram. Como também a gente não tinha experiência, a gente concordou, achou que tava tudo ok. Mas achei legal, foi bem importante” (Érika Prisco, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)³³.

E a parte de correção dos textos e fechamento do jornal acabou sendo meio acelerada. Alguns textos vieram muito ruins, tiveram que ser reescritos, editados. Se o processo tivesse sido um em um maior tempo, e melhor trabalhado, com mais acompanhamento, acho que o texto deles talvez viesse melhor e não precisasse ser tão alterado. A parte de elaborar a pauta também podia ser melhor trabalhada. Acho que a pauta exige mais dificuldade, porque eles têm que pensar no assunto, contextualizar, ter uma visão geral, e eles apresentaram bastante dificuldade nisso. (Adriana Marques Canha, coordenadora do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)³⁴.

³⁰ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

³¹ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

³² Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

³³ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

³⁴ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

As decisões durante a diagramação acabaram sendo tomadas, em sua maioria, pela monitora da oficina, responsável pela diagramação, principalmente pelo maior conhecimento que apresentava a respeito do assunto, bem como o domínio das ferramentas. No entanto, houve espaço para que os participantes da oficina dessem opiniões, ajudassem a escolher elementos gráficos e decidir a disposição das informações no jornal. Mas, para que houvesse maior participação, seria necessário que houvesse também mais tempo para realizar o trabalho, o que não foi viável devido ao formato da oficina, entre outras limitações de tempo. Mesmo assim, o processo não deixou de ser democrático e contribuir para o aprendizado dos envolvidos. O software utilizado para diagramar o jornal foi o *Scribus*. Foi escolhido por ser software livre, isto é, pode ser obtido através da internet gratuitamente, e por esse motivo é mais acessível.

Essa etapa durou o dia todo e foi cansativa para todos, porém, produtiva.

7.2.6. Avaliação da oficina pelos participantes

A última atividade, realizada no dia seguinte ao fechamento do jornal, em ambas as vilas, foi a avaliação da oficina pelos participantes. Eles responderam a um questionário qualitativo³⁵, com as perguntas abertas: “O que agradou?” e “O que precisa melhorar?”. O questionário pedia a avaliação a respeito dos tópicos:

- Duração: Parte teórica; Parte prática;
- Conteúdo: Organização dos temas; Profundidade;
- Oficineiros: Clareza; Preparação do material; Interatividade.

A maior parte dos participantes afirmou ter assimilado bem os conteúdos apresentados. A maioria também fez observações com relação à duração do curso: acham que deveria ser mais extenso. Alguns disseram que tiveram dificuldades em escrever as reportagens devido à falta de prática e conhecimento em redação, e alegaram que o que foi oferecido na oficina não supriu essa dificuldade. Também houve reclamações quanto à falta de um material de apoio didático, como uma apostila, por exemplo, e de maior número de equipamentos como gravadores, máquinas fotográficas e pilhas.

Para os moradores de Encantadas, no item de avaliação “O que precisa melhorar?”, vários participantes indicaram “o interesse das pessoas em participar”. Muitos sugeriram que melhorasse a divulgação da oficina, para conseguir atingir as pessoas realmente interessadas,

³⁵ Vide Anexos J e K

e pessoas mais influentes na comunidade (que eles consideram não terem sido atingidas nesta oportunidade).

Nesse sentido, como algumas das atividades propostas pela oficina foram realizadas coletivamente, alguns dos participantes se sentiram prejudicados pela falta de responsabilidade de integrantes da equipe. Em relação ao material, sentiram a necessidade de uma apostila que esclarecesse melhor termos técnicos e específicos do vocabulário jornalístico. Alguns reclamaram também da falta de pontualidade na realização das atividades, ressaltando, no entanto, que a culpa foi de alguns dos participantes neste caso, e não do projeto ou dos ministrantes da oficina.

Com relação aos demais itens não houve reclamações ou observações. A maioria dos participantes elogiou o curso e a oportunidade de vivenciarem a experiência, em especial, a de exercerem a função de comunicadores. Entre os entrevistados, todos afirmaram também que ficaram satisfeitos com a oficina. Também fizeram ressalvas sobre o tempo de duração, que acreditam que deveria ter sido mais extenso.

É importante ressaltar também que os questionários foram aplicados com uma pequena diferença em cada uma das vilas: em Brasília, as perguntas foram escritas em um quadro, e foram entregues folhas de papel em branco aos participantes; em Encantadas, foram entregues folhas de papel já com as perguntas impressas, com os respectivos espaços para serem respondidas. Isto pode ter influenciado, de certa forma, as respostas. No entanto, na avaliação da oficina realizada em Brasília, poucos participantes compareceram a esta etapa, e percebe-se que escreveram menos que os participantes de Encantadas. Ambas as avaliações foram realizadas no domingo pela manhã, após o fechamento do jornal, realizado no sábado.

7.2.7. Conclusões sobre a oficina

De maneira geral, as etapas apresentadas foram satisfatórias, embora o tempo tenha sido considerado curto. Provavelmente se a oficina tivesse mais dois dias, ou cerca de 10 horas a mais, poderia cumprir as etapas realizadas de forma mais completa, com a possibilidade de maior acompanhamento também de etapas que os participantes realizaram sozinhos, como o trabalho de campo, apuração de informações e elaboração da reportagem.

Se houvesse mais tempo, todos os participantes poderiam conhecer melhor, fazer exercícios e, assim, experimentar cada uma das funções (pauta, reportagem, fotografia, diagramação), e não apenas uma delas, como ocorreu na oficina. Desta forma poderiam escolher a função que preferissem já com algumas noções. Isto também evitaria que, posteriormente, com a saída de integrantes da equipe, algumas funções ficassem sem pessoas

que as assumissem – o que acabou ocorrendo em casos que nenhum dos integrantes tinha conhecimento da área, como pauteiros e diagramadores. O uso de algum material de suporte, além da projeção do conteúdo discutido, ou dos exercícios, como uma apostila, também contribuiria para uma melhor compreensão e absorção do conteúdo da oficina.

Mas, de maneira geral, a oficina seguiu a linha de Educomunicação proposta por Soares, em que o esforço é de transferir o problema “dos meios” para o “processo comunicativo”. O enfoque educativo tem como objetivo a compreensão de todo o processo da comunicação: produção, emissão e recepção. Isso possibilita que meios de comunicação tornem-se ferramentas que as pessoas se apropriam e usam para comunicar a sua própria cultura. “À medida que, coletivamente, aprenderem a fazer seus próprios meios de comunicação, passarão a registrar e tornar conhecida a cultura de sua comunidade, as notícias e fatos que lhes dizem respeito” (LIMA, 2002). Pelas pautas escolhidas e matérias produzidas na oficina é possível perceber que o aprendizado sobre os meios de comunicação seguem essa tendência, e despertou esta consciência em algum dos participantes.

Além disso, a ação como um todo segue uma linha construtivista, que busca desenvolver nas pessoas uma postura mais crítica diante dos meios de comunicação – nesse caso, a partir especialmente de seu manuseio. Essa prática educativa, segundo Soares (1999), trabalha com o conceito de gestão comunicativa, composta por ações voltadas para o planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos capazes de criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos.

Os ecossistemas comunicativos, segundo a concepção de Martín-Barbero (1996)³⁶, surgem a partir da constatação de que não é mais possível pensar a Educação sem basear o modelo escolar nas demandas da ‘sociedade-rede’ e levando em conta que todos os espaços possam se tornar educativos. Ele define que as práticas de aprendizagem precisam dar conta das mudanças da sociedade, dando espaço a outras linguagens que se articulam ao cotidiano, tendo em vista que as tecnologias modificam os estatutos dos saberes, deslocando o centro do livro e da leitura linear, enquanto a população se identifica e exerce sua vida pública cada vez mais através dos discursos, sons e imagens dos meios de comunicação e da mídia.

Depois de concluído todo o processo, de distribuído o jornal e dos participantes terem recebido retorno dos leitores, percebe-se o princípio da formação de um ecossistema comunicativo, estimulado pela oficina. Isto pôde ser percebido por alguns questionários, como também pela ansiedade demonstrada por alguns dos participantes em dar continuidade à

³⁶ *Op. cit. Soares, 1999.*

ação (continuidade do jornal), com o objetivo de atuar em suas comunidades com olhares críticos e utilizar, para tanto, um meio de comunicação.

7.3. Avaliação do processo de produção do jornal comunitário Ondas da Notícia

Após a avaliação das oficinas, discutiu-se com os participantes a possibilidade de dar continuidade ao jornal. Eles demonstraram interesse na proposta. Formou-se então o Nucom – Núcleo de Comunicação da Ilha do Mel, com o objetivo de dar continuidade às ações comunicativas ensinadas nas oficinas. Integrantes das comunidades de Brasília e Encantadas, estimulados pelo projeto, decidiram unir as equipes de cada uma das vilas para produzir o jornal comunitário. Em vez de dois jornais de 4 páginas, um para cada grupo, foi resolvido que seria feito apenas um jornal, com o dobro de páginas, e que ele seria distribuído em toda a Ilha do Mel.

Os integrantes desta equipe ficaram então responsáveis por todo o processo de planejamento, produção, edição e finalização do jornal, com orientação e auxílio dos membros do projeto e dos educadores envolvidos.

Foi importante para eles a decisão de levar o jornal adiante, porque eles se comprometeram com isso. Mas acho que eles ainda estavam digerindo a concepção toda, do porque fazer um jornal, tentando entender porque estariam trabalhando por isso sem receber dinheiro em troca. Nesse ponto, acho que faltou mais reflexão sobre esta questão mais ideológica. Nesse começo acho que eles ficaram meio perdidos, não entendiam direito porque estavam fazendo aquilo, mas levaram adiante porque foram instigados a fazer isso. Depois é que eles começaram a ver melhor a importância do processo. (Adriana Marques Canha, coordenadora do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)³⁷.

A proposta do jornal comunitário, gerido pelo Núcleo de Comunicação, tem como base a definição de que a Comunicação deve ser um processo de interação social democrático, que segundo Beltrán (1981) segue um modelo de comunicação horizontal, baseado em três pilares: exercício efetivo do direito de receber mensagens; exercício efetivo do direito de transmitir mensagens e o exercício do direito de tomar parte no processo de produção e transmissão das mensagens – as bases da comunicação popular, participativa ou alternativa.

Além disso, segundo Beatriz Dornelles (2007), a comunicação popular e alternativa rompe com a grande mídia – não necessariamente em oposição ou antagonismo, mas com o objetivo de revelar novas visões (culturais, sociais, políticas e econômicas), em que o receptor está

³⁷ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

inserido. É a partir destas bases e com este objetivo que o jornal comunitário Ondas da Notícia foi concebido.

7.3.1. Processo de produção

Da mesma forma como ocorreu nas oficinas, o grupo reuniu-se e definiu, de maneira democrática, o projeto editorial e gráfico do jornal comunitário que seria produzido por eles. O nome escolhido foi Ondas da Notícia e como público alvo foi definida a comunidade da Ilha do Mel. A periodicidade escolhida foi mensal e foi definido que o jornal teria, em vez de quatro, oito páginas. Ficaram definidas como editorias: Opinião; Política/ Economia; Meio ambiente/ Turismo; Esportes/ Cultura; Variedades. Como seções e colunas, ficaram definidas: Editorial; Boca de Gamela (enquete popular); Histórias e Lendas; Balanço da Ilha (agenda cultural/ eventos); Fique Ligado (utilidade pública, cursos, reuniões comunitárias e informações do Nucom); Dicas e curiosidades; Delícias do Litoral (gastronomia/ culinária).

A equipe ficou dividida entre as funções: pauteiros, repórteres, diagramadores, fotógrafos e responsáveis pela arte gráfica do jornal. O processo de produção utilizado foi semelhante ao aplicado na oficina: era realizada uma reunião de pauta, as pautas eram elaboradas e distribuídas entre os repórteres e fotógrafos, que depois de duas semanas entregavam as reportagens, para que fossem editadas e o jornal diagramado.

Desde então, até a conclusão desta pesquisa, foram produzidos três jornais: as edições 2, 3 e 4 do Jornal Ondas da Notícia. No decorrer do processo, a equipe sofreu reduções e as funções se alteraram. Integrantes deixaram de participar por diversos motivos, entre eles os que deixaram de morar na Ilha do Mel, os que alegaram não ter tempo para dedicar ao projeto, e os que deixaram de participar sem maiores justificativas e que apresentaram desinteresse em continuar.

Isto fez com que alguns dos participantes acumulassem funções, e alguns deles ficassem até sobrecarregados com as atividades do jornal. Alguns problemas foram gerados também pela falta de compromisso de alguns integrantes. Alguns relatos de entrevistados demonstram a percepção dos participantes a respeito: “Achei que faltou mais pessoas participando do processo, porque sobrecarregou alguns, muita gente furo, e vocês acabaram fazendo muitas coisas por nós. A idealização do processo é maravilhosa, mas faltou mais pessoas para por em prática” (Érika Prisco, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)³⁸.

³⁸ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

Na teoria foi bem bacana levantar os temas que a gente escolhia. Mas na prática não deu bem certo, porque muitas vezes os repórteres não davam conta, atrasavam a entrega das matérias, as pessoas não se comprometiam, e alguns assuntos ficavam de fora.

(...) Acho que teve sucesso, mas faltou pontualidade. Acho que o que tinha que melhorar é comprometimento das pessoas, dos repórteres, pauteiros, pra continuar o jornal. (Michele Gonçalves, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)³⁹

A partir da terceira edição, o grupo resolveu então alterar a periodicidade do jornal de mensal para bimestral, para que o processo fosse menos pesado para os integrantes da equipe e pudesse ser melhor desenvolvido, com mais tempo para reflexão e aprendizado, bem como maior acompanhamento dos educadores. Além disso, outras alterações ocorreram durante o período, como mudanças de editoriais, seções e de funções dentro da equipe, todas de maneira democrática, sempre discutidas pelo grupo, e com o intuito de desenvolver melhor as ações propostas.

Conforme os jornais foram feitos, as reuniões foram sendo feitas, foi mudando mais o jornal. Na primeira edição, quando já estava junto o pessoal de Brasília e Encantadas, nós acabamos juntando algumas das colunas do jornal da oficina de um com a do outro. Depois, na outra edição, as colunas já mudaram de nome, e nessa última edição, mudou de novo: algumas colunas saíram e entraram novas. Isso deu uma idéia de ir sempre mudando, não ficar sempre do mesmo jeito, de forma padronizada. Isso é bom até pros leitores, que ficam esperando novidades na próxima edição. (André Edwards, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴⁰

Durante todo o período, o grupo continuou a receber orientação dos educadores. Porém, em muitos dos momentos, principalmente na elaboração de pautas e correção das matérias, faltou um contato mais próximo entre educador e educando. Além de problemas já citados, como atrasos na entrega das reportagens e prazos curtos, problemas como falta de tempo e dificuldades de deslocamento até a Ilha do Mel – já que os educadores moram em Curitiba, e o cronograma do projeto nem sempre podia ser alterado de forma a encaixar-se aos participantes – fizeram com que os textos fossem corrigidos, em sua maioria, através da comunicação via internet, por e-mail. Embora as correções fossem sinalizadas, explicadas e reenviadas por e-mail, procedimento se mostrou pouco satisfatório, principalmente enquanto prática pedagógica. Isto também prejudicou mais ainda o processo, devido também a dificuldades de acesso à internet de muitos dos moradores da Ilha. Estas falhas ficam evidenciadas pelos depoimentos dos entrevistados a seguir:

³⁹ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo G)

⁴⁰ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

No começo os textos eram corrigidos com a gente junto, mas depois fomos ficando meio perdidos, porque a tínhamos que mandar o texto pra vocês em Curitiba, vocês corrigiam aí e às vezes a gente ficava meio sem saber no que errou, recebia a correção só por e-mail. Era bem melhor quando era corrigido pessoalmente, porque tinha mais interação. Agora, pela internet, tem menos contato. (André Edwards, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴¹

Faltou vocês estarem mais presentes para ajudar a gente a fazer as reportagens. Sei que a distância, a falta de tempo atrapalhou, mas ia ser melhor. As dificuldades com computador, internet atrapalhou muito também pra mandar pra vocês as matérias, por isso atrasava muitas vezes. Às vezes também era difícil fazer essas matérias porque é difícil ter acesso às pessoas para entrevistar, e o tempo foi curto algumas vezes. (Louyze Birello, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴²

A parte da correção dos textos era melhor quando vocês estavam junto com a gente, porque a gente já ia vendo os erros e aprendendo. Por e-mail atrapalhou um pouco, eu me perdia nas informações. Mas acho que faltou um pouco de empenho. Tipo, a gente fazia reunião de pauta, distribuía as pautas e tinha lá uma semana, duas pra fazer a matéria. Eu atrasava sempre, vocês cobravam, mas aí o jornal demorava pra sair também. Acho que teve sucesso, mas faltou pontualidade. Acho que o que tinha que melhorar é comprometimento das pessoas, dos repórteres, pauteiros, pra continuar o jornal. E acho que tem que agregar mais pessoas no projeto, pra que ele não morra com o tempo. (Michele Gonçalves, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴³

Depois da oficina, começou a ficar assim: a gente faz a reportagem, manda e o jornal sai. Por isso eu acho que em toda edição do jornal deveria ter a oficina de novo, até pra outras pessoas poderem participar e aprender, porque às vezes algumas pessoas vêm participar sem ter a mínima noção do que foi a oficina. E cada jornal que vai fazer, se fosse possível, seria bom que tivesse uma oficina mais aprofundada, que não ensinasse só o básico do básico, mas ensinasse também a diagramar, trouxesse mais exercícios de texto, porque a gente que já está participando também aprenderia mais. (Érika Prisco, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴⁴

Como também se pode perceber através destes depoimentos, outro aspecto que não se desenvolveu de maneira adequada foi o fechamento e diagramação do jornal. Pelas mesmas dificuldades citadas anteriormente, todas as três edições do jornal foram fechadas e diagramadas em Curitiba, sem participação direta dos moradores da Ilha do Mel. Outro empecilho para que isso acontecesse foi também que nenhum dos envolvidos se mostrou disposto dar continuidade no aprendizado do uso do software de diagramação. Além disso, esta atividade é de um nível de dificuldade maior que as demais, pois exige maior conhecimento de procedimentos jornalísticos e de aspectos gráficos. Porém, existe a possibilidade de que, com o tempo, conforme os educandos forem se apropriando cada vez

⁴¹ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

⁴² Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo I)

⁴³ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo G)

⁴⁴ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

mais dos conhecimentos e procedimentos, evoluam a ponto de conseguir realizar essa atividade, até mesmo sem o auxílio direto de orientadores.

Porém, estas falhas e dificuldades fizeram com que o processo se tornasse falho no sentido de desenvolver melhor nos participantes a percepção e o aprendizado de todas as fases de produção e gestão do jornal. Isso também reduz a autonomia dos participantes e do grupo, e faz com que o empoderamento do processo por eles seja adiado.

Mesmo assim, pode-se dizer que as falhas foram percebidas e houve tentativas de corrigi-las, embora nem todas tenham sido bem sucedidas. Apesar de não terem sido realizadas oficinas a cada nova edição do jornal, como sugeriu a participante Érika Prisco, e nem sempre ter existido um acompanhamento corpo a corpo constante durante todas as etapas do processo, as ações desenvolvidas continuaram tendo como base a Educomunicação, visando ao aprendizado e evolução constante dos participantes, principalmente no que diz respeito à compreensão do processo. Segundo depoimento de um dos participantes, isto fica evidenciado:

Foi muito boa a continuidade do jornal, foi sempre um aprendizado. Conforme a gente vai fazendo as matérias, a gente vai aprendendo mais. A primeira matéria eu lembro que fiquei bem envergonhado pra fazer entrevistas. Na segunda já fui me aperfeiçoando mais. Agora eu acho que já tenho bem menos vergonha que antes. (André Edwards, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴⁵

E é importante também considerar aqui que, embora nem todas as ações tenham sido totalmente desenvolvidas pelos participantes do projeto, e nem todas as decisões tenham sido tomadas diretamente por eles, o processo se mostrou participativo a ponto de garantir autonomia nas escolhas feitas pelo grupo. Isso ocorre, se não em quase todas as ações, pelo menos nas mais importantes, como a escolha de temas a serem tratados e a organização deles no jornal, o que já garante que o processo seja considerado participativo, conforme Dornelles:

Um sistema de comunicação pode ser considerado participativo se prevê mecanismos e canais que permitam aos grupos de base determinar, com independência, os conteúdos temáticos a serem veiculados e emitirem mensagens autônomas, surgidas deles mesmos. Assim os setores populares encontram a possibilidade de falar sobre o que eles próprios querem falar. (DORNELLES, 2007)

Nesse sentido, o processo também põe em prática a educação que Freire (1970) propõe, que visa conscientizar o educando, criar condições para que ele perceba a situação em que se encontra e fortalecê-lo para que, junto com outras pessoas, emancipe-se dela. O educador,

⁴⁵ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

portanto, não é aquele que sabe, fala, escolhe e define diante do educando, que representa quem não sabe, não fala, não escolhe, não é capaz de definir. Os participantes do projeto tiveram, nesse sentido, liberdade e autonomia em fazer escolhas, e puderam mostrar que são capazes de perceber a realidade em que estão inseridos, de retratá-la e difundi-la para sua própria comunidade. Bem como também são capazes de perceber falhas e sugerir formas de corrigi-las, também de acordo com a realidade em que estão inseridos.

Portanto, a gestão participativa gerou, no grupo e em seus participantes, alterações positivas nesse sentido, porque as decisões que definem as ações individuais e coletivas foram tomadas coletivamente na maior parte das ações. As atividades realizadas até este momento demonstram a evolução do grupo nesses aspectos. Porém, toda esta evolução demanda tempo, paciência, tolerância – e também a aprendizagem de convivência social. Então é necessário que esse tipo de atividade ocorra em longo prazo, para que haja, portanto, mais tempo para maior reflexão e aprendizado, e para que mudanças mais significativas possam ser percebidas. Os meses em que ocorreu o desenvolvimento do jornal representam pouco tempo, nesse sentido, embora já se possa perceber a evolução de muitos dos envolvidos, e do grupo como um todo, em diversos aspectos.

7.3.2. Reuniões de avaliação com os participantes

Entre uma edição e outra, foram feitas reuniões da equipe para avaliar o jornal e os procedimentos de produção dele. Estas reuniões foram uma forma de garantir a autonomia do grupo nas decisões e tornar o processo mais participativo. A cada reunião, alterações foram feitas no projeto editorial, e erros e problemas foram apontados para que pudessem ser corrigidos. O procedimento é apontado como ideal para o jornalismo comunitário, segundo Sequeira e Bicudo:

De forma direta e participativa, ou por meio de conselhos e de representantes, a comunidade tem o dever e a prerrogativa de atuar durante todo o fluxo produtivo, da discussão das pautas à distribuição ou veiculação das notícias, responsabilizando-se inclusive por estimular o debate sobre aquilo que já foi feito, para que se possa apontar erros e virtudes e melhorar em oportunidades seguintes. O público deixa de ser visto como mero depositário de informações escolhidas e traduzidas por um grupo de iluminados e esclarecidos, e passa, democraticamente, a ser encarado como cidadão protagonista, ativo, pensante e atuante. A hierarquia de certa forma se rompe, e o diálogo se manifesta no sentido horizontal (COM) e não na direção diagonal, de cima para baixo. (SEQUEIRA e BICUDO, 2007)

Durante as reuniões, os principais problemas levantados foram alguns dos já citados anteriormente: a falta de comprometimento de membros da equipe, as dificuldades de

cumprimento de prazos, dificuldades de acesso à internet e falta de maior contato pessoal com os educadores. Relataram ter dificuldades em fazer entrevistas, organizar e redigir o conteúdo das reportagens e gostariam que houvesse maior orientação e acompanhamento dos educadores durante a execução desses procedimentos. Além disso, as dificuldades em reunir os membros de Encantadas e Brasília também foi um aspecto negativo para o grupo.

Sobre as reuniões, acho que foi difícil também tentar juntar as pessoas dos dois lados [Brasília e Encantadas], porque tem muitas pessoas que não se dão bem. Quando tinha reunião pra lá, quase ninguém de Encantadas ia. Quando tinha reunião aqui, ninguém de Brasília vinha. E ficou dividido, pra cada um fazer um pouco, mas tinha pessoas que não faziam, e o grupo ficava dependendo destas pessoas. (Louyze Birello, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴⁶

Houve dificuldades em eles se deslocarem de um lado para outro da Ilha, mesmo com o suporte que demos, de pagar barco pra levar, buscar. E foi difícil acompanhar os dois lados ao mesmo tempo, fazer com que se unissem. Isso atrapalhou, porque foi mais difícil conciliar as coisas. Eles sentiam mais confiança quando estávamos junto, mas não era possível estar nos dois lugares ao mesmo tempo. E conseqüentemente, a falta de acompanhamento maior, de certa forma, refletiu no estímulo deles também, que resultou em uma menor participação. Houve dificuldades da parte do projeto em adaptar o cronograma, orçamento e tempo para poder dar esse acompanhamento mais próximo a eles. (Adriana Marques Canha, coordenadora do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁴⁷

Na primeira reunião, logo após a distribuição da 2ª edição do jornal Ondas da Notícia (o primeiro realizado após as oficinas), os participantes fizeram críticas ao jornal devido a erros publicados. Nesta reunião foi possível perceber que muitos ainda não tinham se dado conta da repercussão que um meio de comunicação pode dar às informações, nem da responsabilidade que exige. Os erros não foram graves, eram em sua maioria pequenos erros de ortografia e revisão. Mas alguns dos participantes mostraram-se surpresos, e até mesmo assustados ao receberem críticas de leitores/ moradores da Ilha do Mel. Não souberam como reagir a muitas delas, e demonstraram insegurança por se sentirem, de certa forma, responsáveis pelas falhas. Por exemplo, sobre críticas feitas às opiniões publicadas na enquete popular, a equipe não deveria se responsabilizar, mas não souberam como explicar isto aos leitores (ou nem sabiam que não tinham responsabilidade sobre as opiniões).

Neste aspecto, os moradores da Ilha, por sua vez, já vivenciaram uma experiência de jornalismo comunitário, que era feito por um senhor, em nome da Associação de Moradores de Encantadas. O jornal trazia muitas fotos de pessoas da comunidade, colunas sociais,

⁴⁶ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo I)

⁴⁷ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

poucos textos, em sua maioria curtos, e tinha pouca participação da comunidade na produção. De certa forma, pode-se dizer que os moradores da Ilha estavam então acostumados a esse formato de jornal, e tinham expectativa semelhante quanto ao jornal Ondas da Notícia. Segundo relatos dos participantes do projeto, muitos dos leitores com quem conversaram esperavam um jornal com mais imagens, textos mais curtos – de maneira geral, um jornal mais leve, menos sério.

Ainda nesta primeira reunião, foram discutidos aspectos como: a avaliação da distribuição do jornal – como a ação poderia ser melhor desenvolvida e quais seriam os responsáveis por ela; responsabilidade e ética na informação – foi enfatizada a recomendação de que pesquisassem e confirmassem sempre as informações a serem publicadas, bem como foi ressaltada a importância e necessidade de ética ao divulgar informações em um meio comunicação, com exemplos ilustrativos a respeito.

A partir de reuniões seguintes, os participantes já se mostraram mais conscientes do processo, da responsabilidade sobre as informações e da relação entre emissor – mensagem - receptor. Cada vez mais se mostraram mais críticos e analíticos com relação ao jornal e à produção dele. Sempre apontavam falhas e demonstravam vontade em melhorar e evoluir o processo e os resultados.

Em janeiro foi realizada a então outra reunião, depois da publicação da 2ª edição do jornal. Novamente os erros foram comentados, o comprometimento da equipe foi discutido, principalmente com relação a prazos, e o jornal passou por uma reformulação editorial. Além disso, também foi discutida a possibilidade de inserir anúncios no jornal a partir da edição seguinte, com o objetivo de buscar sustentabilidade financeira para o veículo.

Novamente, após a publicação da 3ª edição, foi feita mais uma reunião, em maio de 2009. Os participantes sugeriram que o projeto realizasse novas ações de divulgação, para que mais pessoas participassem do jornal. Os membros do projeto também sugeriram que os próprios integrantes ajudassem nestas ações. O grupo também alegou certo desestímulo devido a diminuição no ritmo das atividades (o jornal, por exemplo, teve atraso de um mês), devido ao período da temporada de verão, que abrange os meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

Com o objetivo de melhorar a comunicação entre os integrantes do projeto, foram definidos coordenadores setoriais. Porém esta ação não se mostrou funcional, tanto porque os ‘coordenadores’ não souberam ou não conseguiram exercer liderança, como porque o grupo também não respeitou os colegas como tais.

O jornal foi criticado, mas avaliado como positivo, de maneira geral pelos participantes, que manifestaram desejo de que houvesse continuidade na realização do veículo. Eles

disseram perceber na comunidade uma grande repercussão que, embora polêmica em alguns aspectos, foi considerada por eles, de maneira geral, como positiva. A distribuição do jornal foi novamente criticada e algumas falhas neste aspecto permaneceram desde a edição anterior.

Também foi discutida a necessidade de uma maior interação entre membros da equipe – repórteres, pauteiros, fotógrafos. Eles também alegaram ainda ter muitas dificuldades no processo de produção das matérias e gostariam que houvesse maior acompanhamento dos educadores nesse sentido. Novamente também foram levantadas as dificuldades em encontrar fontes para as reportagens e dificuldades com a disponibilidade de equipamentos – computador, gravador, máquina fotográfica, impressora – e de internet. Sobre o jornal, sugeriram que houvesse maior interatividade com os leitores e que se buscasse formas de deixá-lo mais atrativo.

7.3.3. Análise do conteúdo do jornal comunitário

Foi analisado o conteúdo das edições 2 e 3 do Jornal Ondas da Notícia (a edição 4 não foi avaliada pois foi concluída apenas em meados de junho e, portanto, não houve tempo hábil para análise). A análise de conteúdo dos jornais teve como ponto de partida a mensagem, considerando também as condições contextuais de seus produtores, com base na concepção crítica e dinâmica da linguagem, segundo definição de Puglisi e Franco (2005). Seguindo esta linha, foram identificados e avaliados a estrutura, os temas e os aspectos formais dos jornais em questão.

Estrutura e organização editorial do jornal

O projeto gráfico do jornal segue, de maneira geral, o padrão jornalístico: capa com o nome do jornal em destaque, chamadas acompanhadas de imagens e páginas das reportagens, ou notas no lugar de chamadas; divisão em colunas (normalmente 3 por página); fontes, títulos e modelos de seções e colunas padronizados; divisão por editoriais nas páginas, entre outros elementos. O tamanho do papel é o A3 dobrado ao meio, com oito páginas, impressão em *Offset* branco e preto.

A edição 2 do jornal Ondas da Notícia traz na capa duas chamadas: uma em maior tamanho, referente à matéria principal do jornal (localizada na página 3), acompanhada de uma fotografia; e a segunda, da segunda matéria mais importante (localizada na página 5), também acompanhada de uma fotografia, embora menor.

A página 2 é a editoria de Opinião, que traz o Editorial; a seção Boca de Gamela, que é uma enquete popular; e o Expediente, que cita todos os envolvidos na edição – com exceção dos repórteres, que têm o nome “assinado” nas reportagens.

A página seguinte, que é a de maior destaque no jornal, traz a matéria principal. A reportagem pertence à editoria Economia/ Política, que tem apenas esta página no jornal. O texto é acompanhado de uma imagem pequena, e ao fim da página há uma nota sobre um seminário relacionado ao assunto.

As páginas 4 e 5 são dedicadas à editoria Turismo/ Meio Ambiente. A página 4 traz uma reportagem, uma nota e a coluna Histórias e Lendas. A página 5 traz um dos destaques do jornal, uma reportagem que inaugura a série de reportagens Poluição na Ilha do Mel.

As páginas 6 e 7 são dedicadas à editoria Cultura/ Esporte. A página 6 traz duas matérias, uma delas acompanhada de fotografia, e a coluna Balanço da Ilha, que traz informações sobre eventos culturais da Ilha. A página 7 traz duas matérias (uma delas também com fotografia) e mais uma nota.

E a última página (8) é de Variedades, traz uma nota e as colunas Culinária Paranaense (com receitas típicas regionais) e Fique Ligado (com informações úteis). De acordo com esta estrutura, recebem maior destaque assuntos relacionados ao aspecto social, em seguida ambiental e turístico, depois assuntos relacionados a cultura e esportes e, por fim, informações diversas.

A edição 3 traz algumas mudanças. Na capa há apenas uma chamada, para uma das matérias principais, situada na página 5. No lugar da segunda chamada, há uma nota. A página 2 permanece com a mesma estrutura. A editoria Política/ Economia foi substituída pela editoria Geral, com o objetivo de se tornar mais abrangente. Por este motivo, e por também trazer maior conteúdo nesta edição, ocupa duas páginas (3 e 4) em vez de uma. Na página 3, traz uma reportagem, acompanhada de imagem, e duas notas. Na página 4, apresenta duas reportagens, apenas uma delas acompanhada de fotografia.

As páginas 5 e 6 trazem a editoria de Turismo/ Meio Ambiente, que mantém estrutura semelhante. Na página 5, a reportagem destacada na capa, acompanhada de foto, e uma nota. Na página 6, duas reportagens e a coluna Histórias e Lendas.

A página 7 traz a editoria Esportes/ Cultura, com uma matéria, acompanhada de fotografia, uma nota e a coluna Balanço da Ilha, também com imagens. A última página também se mantém semelhante. A coluna Culinária Paranaense passa a se chamar Delícias do Litoral e a ocupar maior espaço. E a coluna Fique Ligado traz uma reportagem e dicas, um pouco diferente da anterior.

As mudanças não alteram a ordem de destaque e importância que é dada aos assuntos. Apenas amplia o espaço da editoria Geral e reduz o da editoria Esportes/ Cultura. Além disso, é possível perceber na edição uma melhor organização e distribuição dos conteúdos estruturalmente.

Temas abordados e aspectos formais

De maneira geral, os textos apresentam estrutura jornalística, isso é, apresentam lead, possuem declarações de entrevistados e informações pesquisadas e checadas. Não são, em sua maioria, opinativos, e procuram ser objetivos e imparciais. Porém, há maior liberdade na linguagem utilizada nos textos da editoria Esportes/ Cultura, e em colunas como a Histórias e Lendas, que tratam de assuntos mais descontraídos, produtos, eventos e outros aspectos culturais, por exemplo.

Na edição 2, produzida em novembro de 2008, os temas que recebem maior destaque – que estão nas chamadas de capa – são o projeto de implantação de um porto na Ponta do Poço (local próximo à Ilha) e a série Poluição na Ilha do Mel, que trata sobre o lixo. Portanto, são destacados na edição assuntos relacionados especialmente a questões sociais e ambientais.

Na editoria de Opinião, o texto do editorial explica que o jornal é o primeiro a ser produzido depois das oficinas de jornalismo, agora com os integrantes do Nucom como responsáveis pelo veículo. Também ressalta ações do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, e do projeto parceiro, Cultura Viva da Ilha do Mel. E, por fim, explica também quais os objetivos do jornal, que deve funcionar como instrumento de comunicação comunitária, como pode ser visto no seguinte trecho retirado do texto:

O Jornal Ondas da Notícia começa, a partir de agora, a ganhar vida própria. Para que tenha continuidade e cumpra o papel a que se propõe, deverá ser gerido pelo Núcleo de Comunicação da Ilha do Mel - NUCOM, formado pelos participantes dos projetos Cultura Viva e Ecofalantes da Ilha do Mel. As pessoas que compõem esse núcleo são moradores da Ilha do Mel, e ninguém melhor que eles para trazer informação e cultura à comunidade da Ilha e aos turistas que a visitam. O jornal serve de instrumento de informação, formação e aprendizado tanto para aqueles que o produzem quanto para quem o recebe. (Trecho do editorial da 2ª edição do Jornal Ondas da Notícia)⁴⁸

A seção Boca de Gamela, que é uma enquete popular, traz opiniões que respondem à questão: “O que você acha da construção do novo porto na Ponta do Poço?”. O tema é relacionado à reportagem principal do jornal, que fica na página seguinte. A enquete é uma

⁴⁸ Vide Anexo C

forma de dar espaço para que populares manifestem sua opinião a respeito de assuntos polêmicos e, assim, amplia o espaço e a diversidade de opiniões.

A reportagem sobre o projeto do porto (editoria Geral) explica qual é a proposta e em que etapa estava o projeto no momento. Aborda as vantagens e desvantagens que a construção do porto pode trazer à região, e especialmente à Ilha do Mel, e explica qual a importância e de que forma a comunidade pode participar do processo de aprovação (ou não) do projeto. A reportagem traz enfoque diferenciado das poucas reportagens publicadas na mídia sobre o assunto, já que visa esclarecer a população sobre o que está acontecendo, e sobre as consequências do projeto para a comunidade, para que possam participar do processo de maneira democrática. A imagem que acompanha a reportagem é um mapa da região, que mostra a proximidade da ilha com o local onde se pretende construir o porto.

Na editoria de Turismo/ Meio Ambiente, a primeira reportagem é sobre mudanças na paisagem de uma das praias da Ilha, próxima a um dos morros mais conhecidos de lá. A matéria explica que a mudança se deve ao depósito de areia no local devido à dragagem realizada na Prainha de Encantadas. Porém, não se aprofunda sobre as consequências destas mudanças para o ecossistema da Ilha, ou informa se elas representam algum tipo de irregularidade. A matéria é acompanhada de quatro pequenas fotografias, que mostram as mudanças na paisagem.

A coluna Histórias e Lendas, que segundo a proposta editorial deveria trazer ‘histórias de pescador’, lendas e ‘causos’ locais, traz, no entanto, o depoimento de um pescador que protesta contra regras impostas para pesca pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP). Além disso, no texto o pescador reclama das multas aplicadas pelo órgão, que, segundo ele, dificultam o trabalho e a vida dos pescadores na Ilha. Sobre esse texto deve-se destacar que é importante que o jornal tenha espaço para protestos, já que se trata de um jornal comunitário, mas o ideal é este tipo de denúncia venha acompanhada de maiores informações e esclarecimentos sobre o assunto, bem como de pelo menos uma opinião contrária, para evitar uma postura tendenciosa – até mesmo falaciosa – que reduz a credibilidade não só do texto, como também do jornal. Além disso, o texto foge da proposta editorial da coluna.

A reportagem da série Poluição na Ilha do Mel, “O Lixo que incomoda os olhos”, explica como funciona a coleta de lixo na Ilha do Mel – todo o caminho pelo qual o lixo passa – e aponta os problemas e falhas no processo. Também explica aos moradores como devem agir: separar lixo reciclável, embalar corretamente o lixo orgânico, etc. A matéria tem fim didático e formativo, além de evidenciar problemas relacionados ao assunto na Ilha do Mel.

Na editoria de Esportes/ Cultura, praticamente todas as reportagens tratam de eventos culturais ou esportivos, entre eles: um batizado de capoeira, uma festa temática, um campeonato de futebol e um encontro estudantil. Sobre este último, – o Encontro Regional de Design (RDesign) – a reportagem traz uma abordagem mais aprofundada, apresentando os aspectos positivos e negativos do evento. A reportagem sobre o campeonato de futebol trouxe alguns elementos mais opinativos no texto, apresentando críticas e elogios, feitos pelo próprio redator aos times. A editoria também traz uma nota sobre a participação de um jovem da Ilha do Mel em um campeonato mundial de surf.

A última página do jornal trouxe uma receita cedida pela cozinheira de uma pousada da Ilha; uma nota sobre a aprovação de um projeto de lei que define a criação de um novo plano diretor para a Ilha do Mel; informações diversas, na coluna Fique Ligado, como empregos, horários de cursos, ônibus e os contatos do Condutores Locais da Ilha.

A maioria das matérias traz textos informativos, poucos apresentam elementos opinativos. As matérias mais extensas, e que receberam maior destaque (projeto do porto, lixo e encontro de Design), são as que apresentam foco mais educativo, portanto utilizam linguagem mais didática e apresentam maior profundidade na abordagem dos assuntos. Os assuntos que receberam mais destaque no jornal foram os relacionados a questões sociais, ambientais e culturais da Ilha do Mel.

A edição 3, produzida durante os meses de janeiro e fevereiro, destaca na capa a segunda reportagem da série Poluição na Ilha do Mel, que trata de saneamento básico – esgoto. A capa também traz uma nota sobre a aprovação da lei que cria o plano de uso da Ilha, assunto já abordado em nota na edição anterior.

O editorial, sob o título “Porque um Núcleo de Comunicação para a Ilha do Mel?”, explica brevemente o que são meios de comunicação alternativos, em que se diferenciam da grande mídia, e de que forma podem contribuir para a comunidade. Novamente aborda ações dos projetos Ecofalantes e Cultura Viva da Ilha do Mel, explicando qual a proposta dos projetos e do Nucom. Conclui dizendo que o núcleo começa a buscar formas de tornar o jornal sustentável, e convida os leitores a participarem das reuniões e da equipe do jornal.

Percebe-se, por este editorial, que o núcleo, e conseqüentemente o jornal, estão ainda muito ligados ao projeto. Mas há um estímulo, que parte mais do projeto em direção aos moradores da Ilha, para que eles se apoderem da ferramenta, bem como o núcleo vá se tornando mais independente com o tempo.

A seção Boca de Gamela traz como questão “O que você acha da Operação Viva o Verão na Ilha do Mel?”. A operação é o tema da matéria da página seguinte (editoria Geral), uma

das principais do jornal. A reportagem relata como a operação ocorreu na Ilha do Mel, apresentando aspectos negativos e positivos. Ela também dá destaque às informações sobre balneabilidade, explicando porque as águas são consideradas impróprias para banho, e como isto é analisado. O texto traz elementos informativos e didáticos.

Ainda na mesma página (3), há duas notas: uma sobre a fiscalização de estabelecimentos comerciais, e outra sobre a prisão de traficantes de narcóticos na Ilha. Na página seguinte (4), há uma reportagem sobre a reforma do Trapiche de Brasília, que estava com atraso de três meses na época. Além de autoridades, moradores da Ilha foram ouvidos sobre o assunto, e criticaram o atraso. Em seguida há uma reportagem sobre uma palestra promovida pelo Conselho Tutelar. A matéria explica que a palestra visou conscientizar os moradores sobre o cumprimento dos direitos de crianças e adolescentes, bem como sobre a importância de denunciar abuso, violência sexual e exploração contra menores. Explica também como as pessoas podem fazer as denúncias.

A página 5, editoria Turismo/ Meio Ambiente, traz mais uma reportagem da série Poluição na Ilha do Mel (que recebeu destaque na capa do jornal). Ela explica o que é esgoto e porque deve ser tratado. Explica também que a Ilha não tem um sistema de coleta e tratamento, e que, portanto, o esgoto é destinado a fossas e que é importante que estas fossas estejam bem vedadas, para evitar a poluição. Por fim, traz informações sobre possíveis soluções. A reportagem também tem forte apelo educativo, utiliza linguagem didática, e traz uma abordagem aprofundada sobre o assunto. A página ainda traz uma nota sobre irregularidades na venda de palmito.

Na página seguinte, a primeira matéria é uma *suíte*⁴⁹ da matéria sobre o projeto do porto, publicada na edição anterior. O texto retoma o assunto, traz os principais aspectos debatidos pela comunidade em um seminário ocorrido entre as duas edições do jornal, e traz ainda as opiniões de um representante da Associação de Moradores de Encantadas e de um morador da Ilha do Mel. A seguir, uma matéria informa sobre mutirões para retirada de entulhos realizados em janeiro na Ilha. A coluna Histórias e Lendas traz nesta edição uma lenda local.

A página 7 traz uma matéria sobre o auto de natal realizado na Ilha em dezembro pelo projeto parceiro do projeto Ecofalantes – o Cultura Viva da Ilha do Mel – e é escrito pela assistente do diretor da peça teatral – o que é informado no início do texto, já que a linguagem utilizada é opinativa. A coluna Balanço da Ilha informa como foi a Festa de Nossa Senhora

⁴⁹ Reportagem que retoma um conteúdo abordado pelo veículo em edição anterior, com acréscimo de novas informações sobre o assunto

dos Navegantes e explica a história da santa. Há ainda na página uma nota sobre as expectativas para o feriado do Carnaval na Ilha.

Na última página, a coluna Delícias do Litoral traz a história e uma receita de um prato típico da região. A coluna Fique Ligado traz uma reportagem explicando quem são os Condutores da Ilha do Mel, informa os contatos deles, e apresenta dicas para turistas agirem de maneira correta e preservarem o meio ambiente.

De forma parecida com a edição 2, esta edição traz textos em sua maioria informativos. As matérias mais extensas, mais aprofundadas, e de maior destaque, são também as que apresentam papel mais educativo. Novamente, os principais assuntos abordados no jornal no jornal foram os relacionados a questões sociais, ambientais e culturais da Ilha do Mel.

Nesse sentido, a escolha e abordagem de temas nas edições 2 e 3 do jornal demonstram que o processo vem caracterizando-se, de fato, como jornalismo comunitário, de acordo com a definição de Sequeira e Bicudo (2007):

No jornalismo comunitário, o local é quem dá as cartas – ou melhor, as pautas. Ele assume com ênfase e sem constrangimentos o fato de procurar dar conta de uma área restrita e, nesse sentido, e em comparação com os chamados veículos da grande imprensa, não se importa em ser pequeno, de conversar com grupos limitados, em termos quantitativos. Essa, aliás, é vista como uma de suas grandes virtudes qualitativas, pois o fato de aproximar-se de seu público permite que dialogue com ele mais com profundidade e intensidade. Essa relação de proximidade, embora se manifeste essencialmente no plano geográfico – assuntos que estão mais perto da região onde vive a comunidade tendem a ter prioridade no noticiário –, pode também se revelar por meio daquilo que chamamos de "proximidade por demandas ou expectativas".

Exemplificando: projetos culturais e sociais desenvolvidos na comunidade terão destaque nos veículos por ela produzidos; o mesmo raciocínio vale para cenários de violência e exclusão, para problemas como o desemprego e a falta de escolas ou de postos de saúde. (SEQUEIRA; BICUDO, 2007)

Segundo os pesquisadores, outra característica importante do jornalismo comunitário é o acentuado uso didático, o que acaba diferindo o conteúdo da concepção usual que se tem de notícia, por exemplo. O destaque aos assuntos é dado em função da sua importância para o grupo social, numa relação direta com o cotidiano das pessoas, o que aconteceu nas principais reportagens do jornal Ondas da Notícia.

A seguir, opiniões de participantes entrevistados a respeito do jornal:

Eu acho que o jornal deveria ser mais alegre, ter mais desenhos, imagens coloridas, mas eu sei que é mais difícil. Então, pelas condições do projeto em si, eu acho que ele é maravilhoso, muito bom: o formato, o tamanho dele, ele é bem interessante, os textos, imagens, enfim, a maioria das pessoas gosta. Por mim, poderia ser feito todo

mês, eu sinto até falta de mais. (Érika Prisco, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁵⁰

Tem bastante gente interessada em ler o jornal, porque ele proporciona informação para a comunidade. Mas acho que ele é muito serio, tinha que ter mais entretenimento. Mas é bom pra Ilha isso, porque poucas pessoas aqui fazem coisas pela comunidade mesmo. E com esse jornal, muita gente ficou sabendo de várias coisas, como o esgoto, que muita gente nem sabia que não tinha tratamento, ou sobre problemas da Operação Verão também. (Louyze Birello, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁵¹

Acho que o jornal comunitário aqui vem substituir as mídias grandes, como Gazeta do Povo, outros jornais de grande porte. O jornal quer informar de notícias da Ilha, o que está acontecendo aqui dentro, de coisas que fazem parte da vida das pessoas daqui, que muitas vezes elas não sabem. Essa série do lixo, por exemplo, muitas pessoas não sabiam o que estava acontecendo, e a matéria provocou reação até da Prefeitura de Paranaguá. (André Edwards, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁵²

Acho que tem coisas a melhorar, mas quanto mais a gente desenvolver essas habilidades de reflexão, e quanto mais aumentar o comprometimento, mais o jornal vai se tornar funcional dentro da comunidade. Porque ninguém melhor que eles mesmos para colocarem o jornal da forma que eles acham que vai funcionar. Eu acho que ainda falta eles se interessarem mais sobre as coisas que estão acontecendo na Ilha, que é uma dificuldade que eles já têm naturalmente lá. São poucas as pessoas que ajudam a refletir bem a realidade, que podem dar opinião, responder entrevistas. As informações do jornal ainda estão muito focadas nos órgãos públicos, nos administradores, e pouco nas coisas e pessoas de dentro da comunidade mesmo. Mas ele está sendo um espelho de como as coisas funcionam lá mesmo, da dificuldade das pessoas se expressarem, a falta de informação generalizada, a opinião distorcida. (...) Ainda está faltando refletir no jornal mais a opinião popular, trazer mais entretenimento, ser mais provocativo e atrativo. (Adriana Marques Canha, coordenadora do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁵³

⁵⁰ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo F)

⁵¹ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo I)

⁵² Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

⁵³ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo E)

8. CONCLUSÃO

Tanto a proposta de Educomunicação – baseada nos conceitos de Freire, nas experiências de Kaplún, e organizada por Soares – quanto a definição de comunicação popular e alternativa, e de jornalismo comunitário, vão de encontro às ações desenvolvidas pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel. Pode-se dizer que estas ações visam à formação de indivíduos críticos e ativos socialmente – enfoques que permeiam todo o processo, e praticamente é impossível que sejam dissociados um do outro.

Com relação à mobilização social gerada por estas ações na Ilha do Mel, há que se ressaltar que ela foi, em grande parte das vezes, estimulada pelo projeto. No entanto, quando já havia alguma movimentação social dentro do grupo, normalmente instigada por líderes comunitários, as ações do projeto voltadas também para este tipo de movimentação encontraram mais força e melhores resultados. Sobre essa relação, Peruzzo define:

Apesar da existência das organizações populares constituídas hoje no Brasil, Peruzzo (1989) lembra que as classes subalternas não têm ainda o seu projeto de sociedade, "mas vislumbra-se que este pode vir a ser construído". Para ela, uma nova situação vem sendo criada: por um lado, organizações populares interferem, provocam mudanças nas condições de vida das classes subalternas (associações de moradores, grupos de mulheres); por outro, está sendo desenvolvida uma prática participativa. Nem todas essas dimensões do participar se dão em todas as organizações populares e ao mesmo tempo, nem de forma cristalina. "Às vezes, apesar de todo um processo decisório democrático, certas atitudes de lideranças as contradizem". (SEQUEIRA; BICUDO, 2007)

O que Peruzzo defende é que a comunicação popular participativa se desenvolve no conjunto do processo de consciência, organização e ação, de acordo com as necessidades dos movimentos, respeitada sua própria dinâmica. Nesse aspecto, o projeto funcionou na Ilha do Mel como um estímulo a mais para que a comunicação popular e participativa se desenvolvesse, porém dependendo dos movimentos internos da comunidade local e da dinâmica dela nesse sentido.

A ação que se mostrou mais funcional no projeto, dentro da proposta de comunicação popular e comunitária, foi o jornalismo comunitário. Segundo Sequeira e Bicudo (2007), é possível identificar características do jornalismo comunitário, responsáveis por garantir ao segmento personalidade e autenticidade – que também foram notadas no processo de jornalismo comunitário realizado pelo Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel. São elas: a) valorização da realidade local; b) participação da comunidade durante todo o processo de

produção; c) consagração das idéias da mobilização e da transformação; d) resgate de um viés pedagógico e educativo; e) articulação com a produção independente e de resistência.

Nesse sentido, o jornalismo comunitário tem finalidades semelhantes às da Educomunicação para os meios. O processo do jornalismo comunitário relaciona-se com práticas propostas pela Educomunicação para que seu funcionamento se aproxime do ideal, especialmente no sentido da participação comunitária, mobilização social e na contribuição para a formação dos envolvidos no processo.

Porém, embora as ações se misturem nesses aspectos, o estudo de caso mostra que a mobilização social foi um enfoque secundário do projeto. O enfoque educativo foi priorizado, em todo o processo de produção de comunicação comunitária, em detrimento dos resultados finais de impacto e mobilização que poderia ser gerado pelos produtos de comunicação. A definição de Peruzzo de comunicação popular também vai de encontro à esta conclusão, de que o processo é priorizado: "A comunicação popular deixa de se caracterizar simplesmente como atividade fim, ou seja, informar e mobilizar, e adquire características também de atividade meio, isto é, a produção e difusão enquanto processo educativo e de criação coletiva" (PERUZZO, 1989).

Sobre o jornalismo comunitário, dentro desta perspectiva, Sequeira e Bicudo (2007) concluem:

Mas defendemos que a prática tem uma função social importantíssima a cumprir: democratizar a informação e incentivar as ações da cidadania. Sem pretender inventar a roda, o comunitário estreita seus laços de identidade com a educação e, ao criar espaços para que o conhecimento seja socializado e compartilhado, contribui pedagogicamente com a formação de sujeitos críticos e livres, capazes de fazer opções e de decidir seus destinos. E esse conhecimento não é estanque ou passivo – pelo contrário, consagra-se como motivador e mobilizador, como defendia Paulo Freire. (Sequeira e Bicudo, 2007)

A geração de conhecimento motivador e mobilizado é comentada por dos participantes do projeto:

As oficinas de comunicação são muito boas pras pessoas daqui, porque elas não têm uma visão do continente, do sistema e do mercado de trabalho de lá. Aqui elas pensam só no 'mundo da Ilha'. Então o projeto Ecofalantes despertou em algumas delas, principalmente no público jovem, que foi o que mais se interessou pelo projeto, uma visão do futuro. Eles vão utilizar o que eles aprenderam nas oficinas no futuro deles. Pra procurar um emprego, por exemplo, isso vai contar muito pra eles. (...) O projeto foi bem importante, mudou bastante o ritmo da Ilha, as pessoas se acostumaram a receber o jornal, em serem informadas com notícias daqui mesmo, tanto que eles perguntam pra gente quando vai sair o próximo jornal, quando vamos ter mais notícias da ilha. E eu acho que isso, pra nós que fazemos o jornal acontecer,

traz muita satisfação. (André Edwards, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁵⁴

E a mobilização social como objetivo secundário, ou menos desenvolvido pelo projeto, também fica evidenciado pelo depoimento a seguir, que destaca dificuldades em envolver uma parcela maior da comunidade nas ações comunicativas:

Eu acho que o jornal é um veículo que pra nós é muito importante para divulgar informações gerais, sociais. Só acho que falta atingir mais o pessoal da Ilha, pessoal nativo mesmo, que nasceu aqui, os pescadores, porque eles não sabem de nada, não estão participando, mesmo que eles falem, no geral, que o progresso, o IAP, essas coisas todas mataram a cultura da Ilha. Seria importante para valorizar a identidade cultural daqui.

(...) E seria legal que alguma pessoa daqui da Ilha, morador daqui mesmo, fizesse uma faculdade de Jornalismo, pra gente dar continuidade nesse projeto. Porque aqui é difícil, os jovens terminam o terceiro ano e não estudam mais, poucos fazem faculdade. E eles estão muito acostumados a serem só expectadores. Então seria legal se eles ficassem um pouco do outro lado da coisa. (Érika Prisco, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁵⁵

É importante observar neste depoimento também a percepção de que a educação é o ponto de partida para a mobilização social, mas, no entanto, não é o suficiente para que ela realmente ocorra e tenha sucesso. Como solução, a entrevistada sugere que a ação ocorra a longo prazo, parta de integrantes da própria comunidade, e que envolva também a profissionalização na área.

Além do enfoque, é importante destacar também que o tempo de execução do projeto, de um ano, é curto para chegar a grandes resultados quanto à mobilização social. Se mostra necessário que, antes de atuar mais neste sentido, a comunidade e o grupo envolvido passem por mais ações educativas e educacionais, com o objetivo de prepará-los para lidar com questões políticas de forma mais madura e crítica, bem como para gerir processos de comunicação popular e comunitária.

Isso evitaria também que ocorra uma mobilização popular ‘vazia’, sem reflexão, com pessoas envolvidas no movimento, porém incapazes de compreender o que ele representa, quais os objetivos que sustenta, e quais transformações visa promover na realidade social da comunidade. O depoimento a seguir, da coordenadora do projeto, reflete esta preocupação:

Faltou um maior acompanhamento e maior reflexão para que eles participassem mais. Isto supriria dificuldades como a de escrever os textos, fazer entrevistas, até mesmo para lidarem também com as questões políticas da comunidade, que tem um cenário meio agitado, tem muitas desavenças, relações pessoais complexas. Quem

⁵⁴ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

⁵⁵ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

participou do jornal acabou entrando ‘nesse furacão’, se envolveu com estas questões. Até porque as lideranças comunitárias comandam lá e o resto da comunidade está acostumada a ter uma postura passiva. Eles têm medo de entrar em conflito com os líderes. Mas ao mesmo tempo, pra agirem desta forma, eles têm que ter em mente, bem claro, os objetivos do que estão fazendo. Nesse sentido é importante fortalecer o Núcleo de Comunicação como uma instituição que possa dar base para essas ações de maior mobilização, por ter uma força política, também dentro da comunidade, e de opinião e expressão popular.

(...) Eu acho que o Núcleo de Comunicação é o que pode fortalecer essas ações comunicativas. Mas é difícil digerir esse processo de evolução da Educomunicação, não só pra eles que estão participando, mas também para nós que estamos desenvolvendo isso com eles. Mesmo porque muitas coisas são subjetivas, e tem esse outro lado de as pessoas participarem e fazerem as coisas voluntariamente – eles não estão ‘trabalhando’ por dinheiro. É por alguma outra coisa. Mas que coisa é essa? Acho que a nossa própria cultura não estimula mais isso. Na década de 70, tinha uma movimentação maior dos jovens, mas agora o jovem não sabe muito bem porque se engajar por alguma coisa. Ainda mais na Ilha, em que eles se acostumaram, devido ao turismo, a visar lucro em tudo que fazem. Eles não entendem essa coisa de trabalhar sem ser por dinheiro, e isso é difícil de fazer eles entenderem, é uma questão cultural. Ainda mais na Ilha, que muitas pessoas não querem nem saber de nada, só querem saber da novela. (Adriana Marques Canha, integrante do projeto Ecofalantes da Ilha do Mel)⁵⁶

Conclui-se então que o desenvolvimento do projeto foi satisfatório, apesar de falhas e mesmo que os resultados sejam, em sua maioria, subjetivos e talvez pouco perceptíveis. Isto porque a prioridade da Educomunicação é o processo educativo e a formação que ele pode proporcionar – ações que tem maior efetividade quando realizadas a longo prazo, com práticas e experimentações participativas, que estimulem a cidadania. Além disso, como enfatizou a coordenadora do projeto no trecho anterior, se estas ações propostas e analisadas se desenvolvem a longo prazo, também podem ser melhor ‘digeridas’, ou compreendidas pelos envolvidos no processo – tanto pelos educandos, como também pelos educadores. Por isso o trabalho de ação-reflexão se mostra indispensável para a evolução do campo de conhecimento da Educomunicação, bem como para a evolução da prática educacional.

⁵⁶ Dados de entrevista realizada pela pesquisadora em junho de 2009 (vide Anexo H)

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAYDE, Simone Ferreira de; TOMAZ, Lea Maria. Áreas naturais protegidas e comunidades locais da Ilha do Mel, PR - Brasil. Curitiba: Nerítica, V. 9, n. 1-2, p.49-91, jan./dez., 1995

In: Relatório Parcial Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, 2008

AMARAL, Márcia Franz. Jornalismo popular. São Paulo, Contexto, 2006

BARBERO, Jesus Martin. A Comunicação no projeto de uma nova cultura política.

In: MELLO, José Marques de (org. Comunicação na América Latina – Desenvolvimento e Crise). Campinas, SP, Papyrus, 1989

BELTRÁN, Luiz Ramiro. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, IMS, ano III, nº 6, set. 1981

BERGER, Christa. A Comunicação Emergente: Popular e/ou Alternativa no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 1989

BRUNNER, José Joaquin. La cultura como objeto de políticas . Santiago, Flacso, 1985

CALLADO, Ana Arruda; DUQUE ESTRADA, Maria Ignez. Como se faz um jornal comunitário. Petrópolis, Vozes/Ibase, 1985

CAPARELLI, Sérgio. Comunicação de massa sem massa. 3ª ed., São Paulo: Summus, 1986.

CELADEC. Jornalismo popular. São Paulo: Paulinas, 1984

DE MELO, José Marques. Teoria do jornalismo – Identidades brasileiras . São Paulo, Paulus, 2006

DORIGO, Silvana. Alterações ambientais causadas pelo turismo desenfreado na Ilha do Mel. - TCCP Monografia de Pós-Graduação em Especialização em Ecologia Humana. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 1991.

In: Relatório Parcial Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, 2008

DORNELLES, Beatriz. Divergências conceituais em torno da comunicação popular e comunitária na América Latina. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (www.compos.org.br/e-compos), 2007

_____, Beatriz & BIZ, Osvaldo. Jornalismo Solidário. Porto Alegre, Evangraf, 2006

_____, Beatriz. Jornalismo “Comunitário” em cidades do Interior. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004

_____, Beatriz. Imprensa comunitária: jornais de bairro de Porto Alegre. In: Mídia, Imagem & Cultura, HAUSSEN, Doris Fagundes (org.). Coleção Comunicação, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000

DUPAS, Gilberto. Economia Global e Exclusão Social. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001

ESPINOSA, Felipe. Pistas para la comunicación popular. México: Christus, 1978

FERNANDES, Hellê Velloso. Ilha do Mel, ontem e sempre. Curitiba: Inst. Hist. Geog. Etnográfico Paranaense, Coleção Estante Paranista – Volume 23, 1985
In: Relatório Parcial Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, 2008

FESTA, Regina e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). Comunicação Popular e Alternativa no Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 1986

_____, Regina. Comunicação popular e alternativa. A realidade e as utopias. São Bernardo do Campo: IMS, 1984

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

GIMÉNEZ, Gilberto. Notas para uma teoria de comunicação popular. México: Christus, 1978

GOMES, Pedro Gilberto. O Jornalismo Alternativo no projeto popular. São Paulo: Paulinas, 1990

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In Revista Comunicação & Educação (14), São Paulo, Ed, Moderna, 1999

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. A Construção do Saber. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999

LIMA, Grácia Maria Lopes de. Educomunicação, Psicopedagogia e prática radiofônica. Estudo de caso do programa “Cala Boca Já Morreu”. Mestrado, ECA-USP, São Paulo, 2002

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Jornalismo popular no Rio Grande do Norte.
In: Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, IMS, 1981.

MARCONDES FILHO, Ciro. Quem manipula quem? Petrópolis: Vozes, 1986

MARQUES DE MELO, José; BRITTES, Juçara Gorski. A Trajetória Comunicacional de Luiz Ramiro Beltrán. São Paulo: Umesp, 1998

_____. Comunicação comunitária. A imprensa comunitária no Brasil.
In: Comunicação & Liberdade. Petrópolis: Vozes, 1981

_____. Imprensa comunitária no Brasil. Comunicação & Sociedade, Cortez e Moraes, 1979

MARQUES, Márcia C. M. História natural e conservação da Ilha Do Mel (Orgs.) Curitiba: Editora UFPR, 1ª edição, 2005
In: Relatório Parcial Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, 2008

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. Nómadas. Bogotá: Fundación Universidad Central, 1996

PAIVA, Raquel. O espírito comum – Comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro, Mauad, 2003

PENA, Felipe. Teoria do jornalismo. São Paulo, Contexto, 2005

PERUZZO, Cecilia Maria Krohling. Comunicação nos Movimentos Populares – A participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1999

_____. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. São Paulo: Vozes, 1998

_____. Participação Popular: dos “fiscais de Sarney” aos movimentos sociais. In: MELO, José Marques de (org.) Comunicação na América Latina – Desenvolvimento e Crise. Campinas, SP, Papyrus, 1989

PINHEIRO, Flávio. Jornalismo Alternativo; Alternativa do Jornalismo.
In: Memórias II Gamacom – Ideologia & Poder da Comunicação Alternativa, Universidade Gama Filho, 1996

Plano de Manejo da Estação Ecológica da Ilha do Mel. Curitiba, SEMA/IAP, 1996
In: Relatório Parcial Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, 2008

Plano de controle ambiental e uso do solo da Ilha do Mel. Curitiba, Sema/IAP, 2004
In: Relatório Parcial Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, 2008

PUGLISI, M.L.; FRANCO, B. Análise de conteúdo. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco Santos. Jornalismo Comunitário – Conceitos, Importância e Desafios Contemporâneos - VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, 2007

SILVA, Carlos Eduardo Lins da, Muito Além do Jardim Botânico. São Paulo, Summus, 1985

SOARES, Ismar de Oliveira. “Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. In: Contato – Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação nº 2. p.19-74. Brasília, Senado Federal, 1999

_____. A contribuição das ciências sociais para a avaliação dos programas de Educação para a Comunicação. Tese de Livre-Docência, São Paulo, ECA/USP, 1990

_____. A gestão da comunicação no espaço educativo (ou Os desafios da Era da Informação para o sistema educacional). Disponível em <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/079.pdf>

_____. “Caminhos da Educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos”. In Caminhos da Educomunicação, 2.ed, Editora Salesiana, São Paulo, 2003

_____. “Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social: o caso dos Estados Unidos”. In *Eccos Revista Científica Uninove* (v.2 n.2), dez 2000

_____. “Lei de Diretrizes e Bases e a Comunicação no sistema de ensino”. In *Revista Comunicação & Educação* (8), Ed. Moderna, São Paulo, 1997

_____. “Metodologias da educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina” In *BACCEGA*, Maria Aparecida, *Gestão de processos comunicacionais*, São Paulo-SP, Atlas, 2002

_____. *Sociedade da informação ou da comunicação*. São Paulo: Cidade Nova, 1997

TAVARES JUNIOR, Renato. *Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio*. Programa de Pós-Graduação, ECA-USP, São Paulo, 2007

THIOLLENT, Michel. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo, Polis, 1980

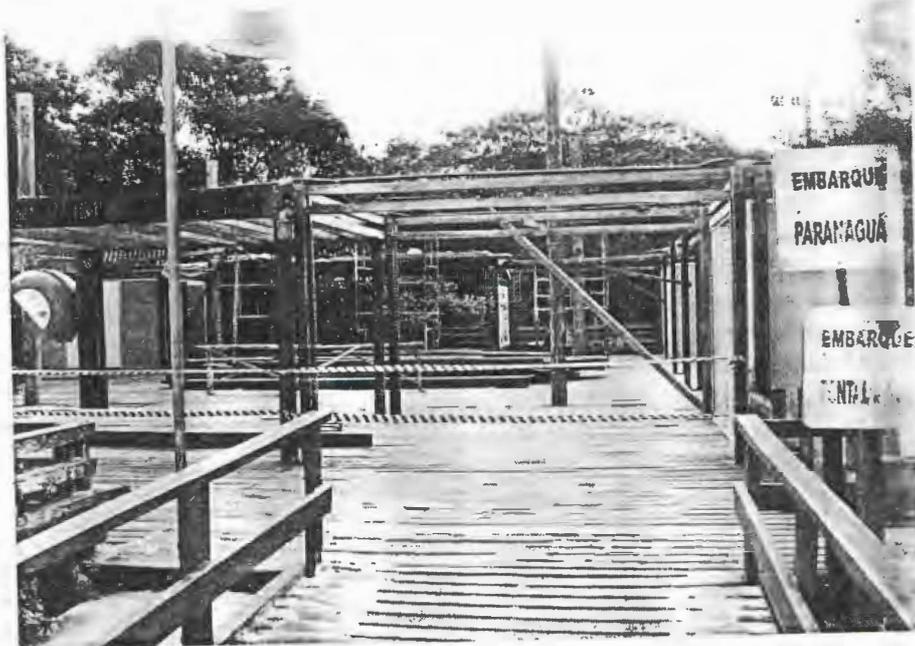
ANEXO A – Edição 1 do Jornal Ondas da Notícia (jornal produto da oficina de jornalismo realizada em Brasília)

Ondas da Notícia

Edição I * Ilha do Mel * Setembro de 2008

Reforma no Trapiche de Brasília deve terminar em setembro

ROBERTO GONÇALVES/NUCOM



Com orçamento de R\$97 mil, a reforma do Trapiche tem previsão de término para setembro. Já se passou um mês desde que as obras iniciaram (logo após a Festa da Tainha). A reforma ficou parada por uma semana, por falta de material, mas já foi retomada. Leia a matéria na pág. 3.

Ilha sedia etapa de corrida de montanhas

ROBERTO GONÇALVES/NUCOM



Entre os participantes, destaque para Ana Abi, de 74 anos

Aconteceu no dia 24 de agosto a quarta etapa do Circuito Paranaense de Corrida em Montanhas. A etapa realizada na Ilha do Mel recebeu 150 competidores, de várias regiões do país. As anteriores foram realizadas em Campo Magro, Campina Grande do Sul e Morretes. A próxima etapa acontece em outubro na praia de Matinhos.

A organização do evento também estuda realizar mais uma etapa na Ilha do Mel, ainda para este ano. Mais informações no site naaventura.com.br

Classificação masculina:

- 1º lugar: José Virgínio de Moraes (SP) - 51,32s
- 2º lugar: Odilon de Jesus Leandro (SP) - 52,01s
- 3º lugar: Reginaldo Pereira da Silva (SP) - 52,21s

Classificação feminina:

- 1º lugar: Luzia Luisio Mesquita (SP) - 1,01,08s
- 2º lugar: Elineia Ferreira (SP) - 1,07,17s
- 3º lugar: Yara Karina Vicente (SP) - 1,11,22s

por Alcyr Boza

HISTÓRIA Exposição apresenta fotos e textos da ilha

Resgate histórico no Forte

ROBERTO GONÇALVES/NUCOM



Em 1819 aconteceu a primeira restauração no Forte com registro histórico

por Jonathan Miqueliza

O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) realiza na Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres uma exposição que resgata a história da Ilha do Mel. Um acervo de fotos mostra documentos da Segunda Guerra Mundial e dos primeiros visitantes que chegaram na ilha. Desde 1938, ano em que o Forte foi tombado, o IPHAN realizou várias restaurações. E desde 2004 o Instituto resgata fotos e informações já esquecidas pela comunidade.

Desde a construção do Forte, que é datada do ano de 1770, ele sofreu vários períodos de abandono. Neste evento não foi diferente, segundo Sílvia Romana, moradora de Brasília. "Deveria ter alguém que cuidasse para não ser pichado e que explicasse e tirasse nossas dúvi-

das". Ela acha que também deveria ser feito um resgate mais dinâmico. "Eu só vejo relatos de fatos que ocorreram nos anos 60. Acho que deve ser implantado um museu dentro da ilha para que todos saibam de nossas histórias", diz.

Fernanda Souza Justi, paulista que já visitou a ilha duas vezes, achou o evento interessante. "Quando eu vim com a galera da faculdade, não havia esses painéis tão ricos em informação", conta. Sebastião Serafim Santana, antigo morador da ilha aprovou o evento. "Eu trabalhei na fortaleza e ajudei no caminhão. Lá foi enterrado muito ouro, pois os soldados tiravam dos prisioneiros e escondiam para não ter que entregar ao estado", explica.

O Forte fica aberto 24 horas, com iluminação, mas não tem vigi-

EDITAL - ASSEMBLÉIA GERAL ELEIÇÕES

O Srº PRESIDENTE EXECUTIVO deste CONSELHO atendendo dispositivos legais, conferidos no Estatuto, em seus artigos 10º e 11º, e devidos itens, CONVOCA, nesta data para ASSEMBLÉIA GERAL, todos os membros da comunidade, para ELEIÇÃO da NOVA DIRETORIA, que será realizada no dia 16 de setembro de 2008 às 16:30 na "casa do IAP, situada na frente do embarque.

Conselho Comunitário de Segurança da Ilha do Mel.
Ilha do Mel, Nova Brasília, em 30 de Agosto de 2008

TÚNEL DO TEMPO

A ilha antes do Trapiche

Visitar a Ilha do Mel, há dez anos, era uma aventura. Não havia tantas pousadas e nem limites de visitantes. Muitos acampavam nos quintais das casas, no meio da mata, em trilhas ou até na praia. Sem Trapiche, o desembarque era o primeiro desafio. "Os visitantes sofriam muito porque tinham que passar pela lama até chegar na praia", diz Marilene dos Santos do Rosário.

Os barcos chegavam em Nova Brasília e não na Vila do Farol como é hoje. Quando a maré estava cheia, o barco chegava diretamente na praia. Quando estava seca os turistas tinham que descer e andar pela água até chegar na areia. Canoas menores carregavam as malas, muitas vezes pesadas, com barracas.

O Trapiche foi inaugurado no dia 25 de janeiro de 1997, e mudou totalmente esta realidade. Com a construção, os turistas não tiveram mais dificuldade de chegar à ilha. Foi então estabelecido um limite de 5 mil pessoas hospedadas ao mesmo tempo. Além disso, o governo ajudou a organizar os barcos, com a criação da Abaline, Associação dos Barqueiros Norte do Estado, em parceria com a comunidade da Ilha. Antes, os turistas contratavam diretamente os barqueiros.

A Ilha do Mel continua linda, mas menos "selvagem" e aventureira do que no começo dos anos 90.

por Thaís Rocha

EXPEDIENTE

O jornal Ondas da Notícia é uma publicação da Oficina de Jornalismo Impresso dos Projetos do Mater Natura: *Cultura Viva e Ecofalantes* da Ilha do Mel, financiados respectivamente pelo Ministério da Cultura - MinC e Instituto Sada. **Coordenadora:** Adriana Marques Canha. **Jornalista resp.:** Mário Messagi Jr. (DRT 2963) **Monitoras:** Juliana Vitulskis e Renata Ortega. **Pauta:** Sérgio Sanches e Alcyr Boza. **Diagramação:** Gustavo Gonçalves e Jefferson Rodrigues. **Impressão:** Imprensa Universitária/1.000 ex

REFORMA Governo investe cerca de R\$100 mil no terminal de embarque de Nova Brasília

Trapiche reformado até setembro

por André Edward

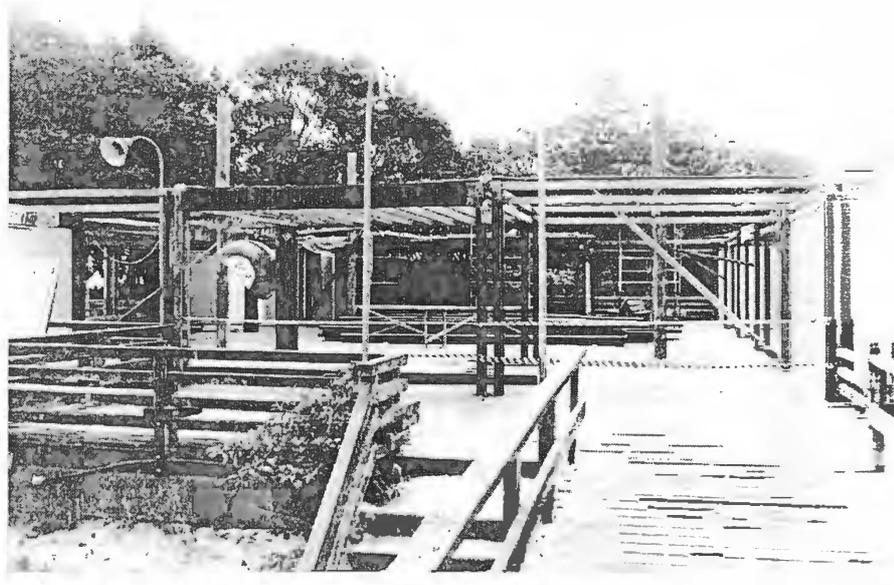
ROBERTO GONÇALVES/NJCOM

Os governos federal, estadual e municipal, juntos, investiram R\$97.220 na obra de reforma do Trapiche de Nova Brasília com o programa Turismo no Brasil. Quem achou que seria construído um novo Trapiche de concreto, como o de Encantadas, se enganou. A obra vai apenas substituir as madeiras velhas por madeiras mais novas, restaurar o sistema de iluminação e implantar a cobertura com telhas de barro, substituindo as lonas de plástico, que já estavam com infiltrações.

O Trapiche foi inaugurado e entregue aos moradores em 25 de janeiro de 1997. Ele foi construído sobre bóias flutuantes, que afundaram em 2005, quando ficou parado por dois anos. O terminal só foi reabilitado no começo de 2007, com o conserto das bóias. Agora, com uma reforma geral de toda a estrutura, a previsão da empreiteira para o término da obra é para o mês de setembro.

A obra ficou parada por uma semana, o que gerou reclamações de alguns moradores, que não sabiam o motivo da paralisação. Os construtores estavam sem materiais para começar a obra e só chegaram depois de uma semana.

Um dos barqueiros que faz a travessia para a Ilha do Mel entre os



Na alta temporada, o Trapiche pode embarcar mais de 5 mil passageiros por dia

Trapiches de Nova Brasília (madeira) e o de Encantadas (concreto) prefere o de Nova Brasília. Ele diz que as bóias flutuantes que sustentam o Trapiche acompanham o ritmo da maré (alta ou baixa). Já o de Encantadas, por ser fixo, preocupa muito os barqueiros. "Nuna maré baixa o barco pode até ficar pendurado", diz ele.

Para os moradores o Trapiche de concreto teria menos reformas, mais segurança, além de beleza para os turistas e para as famílias que vivem na ilha. Há algum tempo, morreu uma criança no Trapiche. Por

isso, o que a maioria das pessoas quer na Ilha é mais segurança.

Em Encantadas, a segurança também é precária. O Trapiche está com parte da estrutura corroída pela ferrugem. As lonas de cobertura já foram arrancadas e as grades de proteção quase não existem, o que deixa os moradores cada vez mais inseguros.

Uns querem a beleza, outros apenas a segurança. Outros preferem dizer que o que fizeram estará bom, pois o Trapiche é construído com uma intenção: parar o barco, embarcar os passageiros e partir para outros lugares.

NA BOCA DO POVO

por Michele Gonçalves

O que falta na baixa temporada na Ilha do Mel?

"Faltam médicos 24 horas, salvavidas, gincanas para as crianças, academia para mulheres e uma safra de homens bonitos"

OFÉLIA SANTANA GONÇALVES, 45 ANOS

"Falta turismo organizado, médico, dentista e preservativo do bom, porque só distribuem na alta temporada"

AZAURI SANTANA DA SILVA, 65 ANOS

"Na baixa temporada o posto de informações deveria ficar aberto recepcionando os turistas. Deveria ter mais eventos para atrair os turistas. Falta bombeiro, lancha para emergência e fiscalização intensa na reserva. Os órgãos que cuidam da Ilha têm que olhar os moradores o ano inteiro"

GABRIEL SANTANA DA SILVA, 33 ANOS

"Tanto na alta temporada como na baixa, não tem nada. O que é feito não é para os moradores e sim para os turistas. Somos alijados (excluídos) de toda assistência social"

IVALDO DAVI, 61 ANOS

GUIAS Vinte e quatro condutores treinados orientam os turistas em visitas

A ilha vista por dentro

por Tatiane Rocha

Desde 2007, 24 condutores treinados pela Embratur, Sebrae, IAP e Acoim (Associação Comercial da Ilha do Mel) orientam os turistas em visitas à ilha. Eles são contratados direto pelas agências, por valores que variam entre R\$50 a R\$100 a diária, dependendo da condução. O curso de treinamento durou seis meses, com mais de 100 horas de estágio em pontos turísticos.

O condutor é o diferencial de uma boa ou má estadia na ilha. "O condutor dá ao turista a visão de nativo, um ponto de vista de dentro pra fora", diz Jhonatan Rocha, o Jhony. Segundo ele, estes guias possuem conhecimento técnico e cultural de cada ponto visitado, além de trazerem mais segurança, pois sabem por onde cami-



nhar, os horários de marés e os lugares mais seguros para entrar no mar.

Além do curso técnico, a maioria dos condutores fez o curso de salva-surf, com os Bombeiros, e recebeu treinamento de resgate, salvamento e primeiros-socorros.

Veja os nomes e os telefones dos condutores da Ilha:

Jhony	3426-9174
Nilton	3426-8155
Hulyan	3426-9039
Gustavo	3426-8123
Felipe	3426-8168
Jefferson	3426-8042
Natan	3426-8028
Nilson	3426-8234
Marcelo	9171-4887
Deivid	3426-9028
Alan	3426-8011
Sabrina	9168-7525
Janis	3426-8123
Jhonatan	3426-8132
Alexandre	3426-9040
Juliano	3426-8013
Angélica	3426-8013
Simoni	9102-6032
Hélio	3426-8006
Márcio	3426-9083
Juninho	9641-4471
lury	8832-6829
Maninho	3426-9059
Paula	9175-9711

ESPORTE Alunos de Brasília vencem jogos interclasses por 250 a 110

Olimpíadas escolares

por Cristian Santos

Nos dias 28 e 29 de agosto, aconteceram na Vila de Encantadas os Jogos Interclasses da Escola Lucy Requião de Mello e Silva. A equipe de Brasília venceu com 250 pontos, contra 110 da equipe de Encantadas. Participaram do evento 81 alunos de turmas da escola das duas vilas. Nos dois dias de competição, foram desenvolvidas atividades esportivas como corrida (100 metros rasos), salto em distância, salto triplo, salto em altura, arremesso de peso, maratona, futebol e caçador, disputadas nas categorias masculino e feminino.

Não houve nenhuma premiação para a equipe vencedora. "Mas o que valeu mesmo foi a festa da torcida", afirmou o chefe da delegação de Brasília, Jean Augusto Gonçalves.

A campeã da prova de salto triplo, Camila Rhaiana Gonçalves Negro, de Brasília, diz que, apesar da vitória, não treinou para a competição. A campeã de salto em distância, Thais da Rocha Santos, de Brasília, disse que não enfrentou dificuldades em sua prova.

Nos esportes coletivos Brasília também venceu a turma de Encantadas. No futebol masculino, cada equipe venceu um jogo. Já as meninas de Brasília venceram os dois jogos, com destaque para a goleira Rafaela Neves, que defendeu um pênalti muito difícil. Brasília também venceu todas as partidas de caçador masculino e feminino.

Os próximos Jogos Interclasses estão marcados para o mês de outubro, quando a equipe de Encantadas terá a oportunidade da revanche.

Resultado final

100 m rasos - 5ª e 6ª séries: Valéria (Bra), 6ª (fem) e Vicente (Enc), 5ª (masc)
7ª e 8ª séries: Rafaela R. (Bra), 7ª (fem) e Erick (Bra), 8ª (masc)
Salto em distância - 5ª e 6ª séries: Fernanda (Bra), 6ª (fem) e Kainã (Bra), 6ª (masc)
7ª e 8ª séries: Thais (Bra), 8ª (fem) e Alifer (Enc), 7ª (masc)
Salto triplo - 5ª e 6ª séries: Rhaiana (Bra), 6ª (fem) e João (Enc), 6ª (masc)
7ª e 8ª séries: Ana Paula (Bra), 7ª (fem) e Jean (Bra), 8ª (masc)
Arremesso de peso - 5ª e 6ª séries: Scarlett (Enc), 6ª (fem) e Willian (Enc), 6ª (masc)
7ª e 8ª séries: Rafaela N. (Bra), 7ª (fem) e Igor (Bra), 8ª (masc)
Salto em altura - 5ª e 6ª séries: Mariana (Enc), 5ª (fem) e Samuel (Enc), 5ª
7ª e 8ª séries: Liziane (Bra), 7ª (fem) e Halefer (Bra), 7ª (masc)

ANEXO B - Edição 1 do Jornal Notícia Encantada (jornal produto da oficina de jornalismo realizada em Encantadas)

NOTÍCIA ENCANTADA

Edição 1 * Ilha do Mel * Outubro de 2008

Ilha do Mel festeja chegada da nova estação

Camilla Pereira



Doces, salgados, churrasco, espetinhos e brincadeiras, bingo, competições esportivas, Orquestra de Cordas Suzuki de Curitiba, desfile da Rainha e Rei da Primavera. Não faltaram opções na 1ª Festa da Primavera da Ilha do Mel, na Vila de Encantadas, nos dias 26 a 28 de setembro. A festa foi organizada pela Associação de Moradores das Encantadas (AME), que pretende manter um calendário com eventos mensais. O objetivo é permitir que as famílias da ilha tenham mais uma fonte de renda. Leia mais na página 3.

Tratamento da Cagepar melhora qualidade da água na ilha

Vinícius Nascimento



Tonéis usados para decantação

Desde o dia 3 de julho, a água que abastece as casas da Ilha do Mel está limpa e tratada. A Companhia de Água e Esgoto de Paranaguá (Cagepar) implantou um novo sistema de tratamento. A água agora passa por um longo processo antes de chegar nas torneiras dos moradores.

A floculação faz com que a sujeira na água se junte em flocos que, pesados, são decantados e acabam no fundo dos tonéis. A água limpa passa por cima. O processo seguinte é a filtração através de carvão ativado. A cloração completa o tratamento.

Para colocar este processo em funcionamento, a Cagepar teve que fazer um novo sistema. O resultado, segundo o operador de sistema, Claudemir dos Santos, responsável pela estação de tratamento, é uma água "100% segura". "Temos um agente químico que cuida da qualidade da água", explica.

A melhoria satisfaz a população. Segundo o morador Nelson João Kamarowiski, a água é mais segura para beber. Ele conhece o processo de tratamento e trabalhou na canalização da rede.

Por Zeco e Mário Messagi Jr.

DRAGAGEM Acordo possibilita aprofundamento de canais

Navegação mais segura

Camilla Pereira



A dragagem iniciou em 15 de setembro e deve terminar no começo de novembro

Um acordo entre a Prefeitura de Paranaguá, a Associação dos Moradores de Encantadas (AME) e o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) está viabilizando a dragagem na Vila de Encantadas, segundo Gerson Domingues, presidente da AME.

A Prefeitura entrou com a draga e os funcionários para realizar esse trabalho. A AME está colaborando com a hospedagem e alimentação dos funcionários. Já o IAP fornece o combustível para que a máquina funcione.

A dragagem vai aprofundar o

canal dos dois trapiches, o novo, utilizado pelos maiores barcos, e o antigo, utilizado pela comunidade. Esse trabalho irá beneficiar a todos os moradores, além dos visitantes, e evitar acidentes. Quando o mar está baixo e passa um navio em alta velocidade o risco de acontecer um imprevisto é enorme. Além da comunidade, visitantes e moradores que vêm com suas lanchas e atracam no trapiche serão beneficiados.

Por Cristiano Veiga

Trapiche só em novembro

A obra de reforma do Trapiche de Brasília, que começou em agosto, tinha previsão de término em setembro. Porém, foi adiada para o final do mês de novembro. Segundo o presidente da Associação dos Moradores de Nova Brasília, Alcione Valentim, foram contratados para esta obra oito funcionários.

Segundo Evaldo Davi, a reforma não está sendo boa para a comunidade. Ele afirma que falta acessibilidade. "Reformar o trapiche não é só mexer com a entrada dele, mas também com o

canal, as bóias, a parte de desembarque, onde falta segurança", diz. Ele estranha que haja lugar para comer e beber, mas não um lugar onde a Cootranauta possa vender suas passagens.

Valentim explica que, após a reforma, o comércio voltará a funcionar, e a Cootranauta terá um ponto de venda de passagens. "Se alguém quiser um ponto para comércio no trapiche deve me comunicar", complementou.

Por André Edward

Histórias de pescador

Bons tempos de fartura da tainha...

Foi-se o tempo em que um lanço de tainha rendia cerca de 10 mil peixes. Agora, cada lanço traz do mar no máximo mil. O tempo de fartura foi na infância do T.T. Quando ele tinha 8 anos de idade, seus pais pegaram 11 mil tainhas em um só lanço no Canto da Pedra.

Várias barcas vieram de Brasília para ajudar no transporte. Naquele tempo, as crianças se divertiam durante a pesca. "A gente corria pegar os peixes e gritava: vamo fazê boi!". "Fazer boi" era esconder os peixes para levar pra casa depois. "Aquilo para nós era incrível!", lembra o pescador.

Certo dia, na Pedra da Galheta, os pescadores viram um lanço que "vinha rolando que nem boiada", como diz T.T. Eles se assustaram, embarcaram a rede rápido e saíram correndo. Várias pessoas juraram que viram o tal do lanço outras vezes. Dizem que ouviam o barulho assustador e fugiam, saíam correndo. Quando paravam, já longe, olhavam pra trás e... nada! "Ele ia até o Marmeleiro e sumia depois. Incrível, ninguém sabia para onde foi".

Por Érika Prisco

Expediente

O jornal *Notícia Encantada* é uma publicação da Oficina de Jornalismo Comunitário dos projetos do Mater Natura: *Cultura Viva* e *Ecofalantes da Ilha do Mel*, financiados respectivamente pelo Ministério da Cultura (MinC) e Instituto Sadia.

Coordenadora: Adriana Marques Canha.
Jornalista resp.: Mário Messagi Jr. DRT 2963
Monitoras: Juliana Vitulskis e Renata Ortega.
Pauta: Agatha Montanha.
Diagramação: Bárbara Ferrara e Vinícius Nascimento.

Impressão: Imprensa Universitária.
Tiragem: 1.000 exemplares.

EVENTO Desfile, orquestra e muita comida para festejar a estação das flores

Celebração da primavera

Nos dias 26, 27 e 28 de setembro aconteceu na Vila das Encantadas, na Ilha do Mel, a Festa da Primavera, organizada pela Associação de Moradores de Encantadas (AME). O evento teve atividades como bingo, competições esportivas, a apresentação da Orquestra de Cordas Suzuki de Curitiba, o desfile da Rainha e Rei da Primavera e barraquinhas com comidas e bebidas.

"Esta festa faz parte de um planejamento da AME, que prevê uma todo mês, para ajudar a comunidade na renda familiar", diz João Lino de Oliveira, um dos organizadores. As barraquinhas puderam ser montadas apenas por moradores que não têm o comércio como principal fonte de renda.

A apresentação didática da Orquestra de Cordas Suzuki, que aconteceu na manhã do dia 27, foi uma novidade para os moradores de Encantadas. Contou com a presença de três professores e alguns alunos, com repertório de música clássica, popular brasileira e até temas folclóricos do Brasil e de outros países. Uma das integrantes da orquestra, a professora de violi-



Ilha do Mel festeja a nova estação

no, Simone Ritzmann Savytzky, disse que gostou da festa. "As pessoas daqui são muito participativas", comenta.

No mesmo dia houve uma competição esportiva de futebol, com a participação três times masculinos da categoria infantil, três na categoria infanto-juvenil, e dois femininos, infanto-juvenil. O bingo aconteceu na noite de sábado (27) e teve participação de moradores e turistas. O principal prêmio foi uma bicicleta.

O desfile teve duas categorias:



Fotos: Camilla Pereira

infantil, de 5 a 10 anos, e infanto-juvenil, de 11 a 16 anos. Segundo uma das organizadoras, Cristina de Quadros, as crianças foram avaliadas apenas por turistas e o critério principal foi a desenvoltura dos candidatos na passarela, não apenas a roupa ou a beleza.

Por Louyze Birello

Boca no Trombone Por Érika Prisco

O que falta na alta temporada na Ilha do Mel?

"Como na alta temporada o IAP faz uma fiscalização mais rígida para autuar os moradores, seria bom que na baixa temporada eles fizessem um levantamento de tudo o que precisa ser feito antes dos turistas chegarem"

VANUSA CRISTINA, 38 ANOS

"Falta qualificação para o atendimento ao turista. Os atendentes precisam saber falar inglês e espanhol, além de explicar o que pode e o que não pode ser feito na ilha"

DANIELA DE PAULA MEIRA RIBEIRO
PEREIRA JORGE, 22 ANOS

"Hoje, o turismo na Ilha está voltado mais ao turismo de massa, por isso, a alta temporada dura só dois meses. Se nós voltássemos nossas forças para o ecoturismo, a alta temporada poderia ser o ano inteiro"

JOHNNY, 29 ANOS

PREVENÇÃO Projeto da UFPR recolhe amostra de pulgas, carrapatos e formigas

Trabalho contra zoonoses

O professor de medicina veterinária da UFPR Alexander Biondo trouxe, no dia 13 de setembro, alunos de mestrado e doutorado, dos Estados Unidos, para realizar uma coleta de pulgas, carrapatos e formigas de cães, gatos e da praia em geral. A atividade é um trabalho de campo, que teve duração de dois dias. As amostras serão levadas para Atlanta, por Gregory Dess, PhD no assunto, que também participou da coleta.

O trabalho foi feito com a finalidade de descobrir quais as doenças cães e gatos possuem ou que eventualmente poderiam passar para os seres humanos. Esse trabalho tem como intuito prevenir os moradores e os animais da ilha das zoonoses, que são doenças transmitidas do homem para o animal e do animal para o homem.

O projeto foi iniciado há alguns anos por Biondo, que ti-



Adriana Canha

Amostras serão levadas para Atlanta

nha como objetivo a desverminação e a aplicação da anti-rábica, para que posteriormente esses mesmos animais pudessem ser castrados. Este trabalho foi finalizado em setembro com a vinda desse grupo.

Segundo o professor Biondo, a continuidade desse trabalho consiste em uma coleta de sangue dos próprios moradores para sa-

ber se existe a doença Larva Migras Visceral, semelhante à Larva Migras Cutânea, conhecida como "Bicho Geográfico", mas que afeta os órgãos internos e não a parte exterior do corpo. Somente com esse tipo de coleta será possível encontrar esse agente contaminador, para então procurar uma solução.

A desverminação dos animais e a aplicação da anti-rábica, juntamente com a castração de cães e gatos foram realizadas na sede da Associação dos Moradores de Encantadas (AME).

"Esse trabalho tem que ser contínuo, não podemos simplesmente vir hoje e tratar dos animais e das pessoas para depois esquecermos. Assim como os próprios donos dos animais não podem esquecer seus animais e da sua saúde", afirma Juliano Ribeiro, médico veterinário.

Por Ágatha Montanha

Escola vira alojamento

A prefeitura está com dificuldade para alojar todos os docentes da Escola Teodoro Valentim. Elizabete do Rocio, depois de dois anos e oito meses, só na metade de setembro se mudou para um alojamento de verdade com seu marido. Antes, morava numa sala de aula improvisada. A nova moradora da sala deve ser Maria de Fátima. As dificuldades de alojamento são antigas.

Por Letícia Helena

A pedidos

"A espera acabou". Com esta frase, nosso amigo e diretor da associação "Waldemarzinho" resumiu com muita felicidade este novo "tempo" que nós vivemos aqui em Encantadas, a partir da posse da nova diretoria da Associação de Moradores de Encantadas. Agora, com a proposta de formação desse núcleo de comunicação, com moradores e moradoras da ilha, mais uma vez podemos dizer que "a espera acabou". Novos sonhos, novos desafios, pedimos com humildade que Deus abençoe todas essas novas ações. Que muitos pontos de luz iluminem nossa comunidade e nossas vidas.

João Lino, Ass. de Moradores de Encantadas

Dicas Por Adriane das Neves

Plantas para todas as doenças

No início, os homens se alimentavam de determinadas plantas por questão de sobrevivência. Com o passar do tempo, observaram que algumas tinham o efeito de minimizar enfermidades. Hoje em dia o uso de plantas como medicamento é um conhecimento tradicional

A Ilha do Mel é rica em plantas medicinais. O uso começou com os mais antigos. Algumas plantas são utilizadas até hoje. A Santa Maria, por exemplo, que é indicada para machucadura. Amassada com vinagre, é posta sobre o ferimento.

O boldo e o figatil também são muito utilizados, para o fígado. São consumidos como chá gelado. Já a hortelã é indicada para o estômago, preparada como chá. O chá da folha de abacate serve para problemas renais. O pico-pico é eficaz contra infecção urinária. Chá de capim limão ou de erva-doce são calmantes. Chá de guaco cura tosse.

Há plantas para tudo, até para emagrecer, como a carqueja. Para as mulheres, também é útil a folha de anis, para cólica menstrual. Milome é um santo remédio contra vermes. E bronquite pode ser tratada com chá de poaia.

ANEXO C - Edição 2 do Jornal Ondas da Notícia

Ondas da Notícia

Edição 2 * Ilha do Mel * Novembro de 2008

Novo porto gera polêmica

CARLOS RUGGI/NUCOM



O projeto de construção de um porto na Ponta do Poço, em Pontal do Paraná, está sendo discutido na Ilha do Mel. O porto pode trazer uma série de benefícios econômicos para a região, mas também traz impactos sociais e ambientais que precisam ser avaliados. A participação da comunidade é fundamental no debate. Leia a matéria completa na página 3.

Série Poluição na Ilha do Mel: O lixo visível

CAMILA DOS SANTOS NUCOM

É só andar pelas trilhas com um pouco mais de atenção para perceber que e ele está lá: o lixo visível, que diminui a beleza da Ilha do Mel.

De que forma a Ilha do Mel é poluída? Será que tudo que consideramos lixo é lixo mesmo? Como cada um pode fazer a sua parte? A série de reportagens Poluição na Ilha do Mel pretende responder a essas perguntas.

Nosso primeiro assunto é o lixo que, além do impacto ambiental, causa também um impacto visual. É o lixo abandonado por moradores e turistas nas trilhas e praias, o lixo trazido pelo mar, despejado principalmente pelos navios que passam pelas proximidades da ilha, e é também o lixo que, mesmo escondido dentro dos sacos plásticos, continua trazendo problemas.

Leia a primeira matéria da série na página 5.



EDITORIAL

Jornal da comunidade, para a comunidade

O projeto *Cultura Viva*, em conjunto com o projeto *Ecofalantes* da Ilha do Mel, executados pelo Mater Natura e financiados pelo Ministério da Cultura e Instituto Sadia respectivamente, realizaram entre setembro e outubro oficinas de jornalismo comunitário para as comunidades de Brasília e Encantadas. As oficinas foram ministradas pelo professor e jornalista Mário Messagi Jr., do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná. Como resultado, foram produzidos dois jornais de quatro páginas, feito por equipes formadas por moradores da Ilha do Mel das duas vilas. Para o mês de novembro, essas duas equipes uniram esforços para produzir o jornal *Ondas da Notícia*, com oito páginas de informação, reflexão e cultura.

Essa edição traz informações sobre o polêmico porto que poderá ser construído na Ponta do Poço, em Pontal, em frente à Ilha do Mel, próximo ao Porto de Paranaguá. Os moradores da ilha temem o impacto ambiental que a construção pode causar. Além disso, outros impactos podem surgir com a vinda de um grande número de pessoas e com o aumento de movimentação econômica na região. Há muito a ser discutido ainda sobre o assunto, por isso é importante a participação da comunidade no seminário que será realizado nos dias 21 e 22 de novembro em Encantadas sobre o assunto. É necessário que os moradores da ilha estejam bem informados, para que possam se posicionar a respeito com argumentos bem fundamentados.

Além disso, com a chegada da temporada, os problemas com o li-

xo na Ilha do Mel aumentam consideravelmente. Além da necessidade de alertar a própria comunidade sobre a poluição, é preciso sensibilizar aqueles turistas que visitam a ilha nesse período e deixam um rastro negativo e bem visível por onde passam. É com esse assunto que iniciamos a Série Lixo na Ilha do Mel, que nas próximas edições deverá abordar temas como reciclagem, tratamento de lixo e a balneabilidade da água.

O jornal *Ondas da Notícia* começa, a partir de agora, a ganhar vida própria. Para que tenha continuidade e cumpra o papel a que se propõe, deverá ser gerido pelo Núcleo de Comunicação da Ilha do Mel – NUCOM, formado pelos participantes dos projetos *Cultura Viva* e *Ecofalantes* da Ilha do Mel. As pessoas que compõem esse núcleo são os moradores da ilha, e ninguém melhor que eles para retratar a cultura local e trazer informação à comunidade e aos turistas. O jornal serve de instrumento de informação, formação e aprendizado tanto para aqueles que o produzem quanto para quem o recebe. Como complemento, a *Radioweb Ecofalantes* também entrará no ar nesse final de ano, trazendo informação, cultura e entretenimento à comunidade local, dando eco à voz da ilha, que pode chegar a qualquer lugar do mundo através da comunicação e da tecnologia que democratizam, e não que elitizam o conhecimento. Seja bem-vindo à nova Ilha do Mel que podemos construir juntos. Com a união de esforços, os resultados podem ser maiores e melhores do que esperamos.

EXPEDIENTE

O jornal *Ondas da Notícia* é uma publicação do Núcleo de Comunicação da Ilha do Mel – Nucom, dos projetos *Cultura Viva* e *Ecofalantes* da Ilha do Mel, financiados respectivamente pelo Ministério da Cultura (MinC) e Instituto Sadia.

Coordenadora: Adriana Marques Canha.
Jornalista Resp.: Mário Messagi Jr (DRT 2963)
Edição: Juliana Vitulskis. Pauta: Alcyr Boza, Érika Prisko e Vinicius Nascimento.
Diagramação: Renata Ortega.
Imprensa Universitária/1.500 exemplares.

Boca de Gamela

O que você acha da construção do novo porto na Ponta do Poço?

Por Adriane Neves e André Edward

"Para o desenvolvimento acontecer não pode ser levada em consideração só a questão econômica, mas também a social, a cultural e a ambiental da região onde o empreendimento vai ser instalado. Sendo assim, ele não pode prejudicar a cultura daquele local. Ela tem que ser valorizada e preservada. Não pode prejudicar as pessoas, com relação à questão social, já que elas precisam ser atendidas da maneira correta. Além disso, os impactos que qualquer empreendimento causa na natureza têm que ser reduzidos"

ALEXANDRO STELLA,
34 ANOS, PROFESSOR E BIÓLOGO

"Não deve ser feita essa construção, por que virão para a região muitas pessoas de fora e, com elas, muita prostituição e doenças. Fora o aumento descontrolado da população que pode acontecer"

LUCICLÉIA DOS SANTOS,
32 ANOS, LAVADEIRA

"Na minha opinião não deveria ser construído esse porto, pelo menos não nesse momento. Mas sabemos que isso vai acabar acontecendo, já que o governo federal tem como meta construir oito novos portos no litoral do Brasil. Mas a forma como foi feita a solicitação do licenciamento do porto está errada. Se essa construção for feita mediante as condições que eles apresentaram dentro do plano do EIA-RIMA, vai trazer muitos prejuízos para quem depende do turismo, e isso inclui a Ilha do Mel, que pode sofrer conseqüências bem graves, como poluição, um impacto social grande, entre outras coisas"

JULIANA MIRANDA,
26 ANOS, PROFESSORA E GEOGRAFA

"O governo não deve liberar pois vai trazer muita poluição para a ilha"

CIBELE DAS NEVES SILVA,
30 ANOS, RECEPCIONISTA.

Construção de novo porto na Ponta do Poço gera polêmica na Ilha do Mel

Por Michele Gonçalves e Juliana Vitulskis

O projeto do porto privado na Ponta do Poço prevê a construção de um terminal com três berços para contêineres, na Ponta do Poço, Pontal do Paraná, em frente à ilha. A área total do empreendimento é de 457 mil m² e 1.300 m de frente para o mar, com investimento inicial de US\$ 170 milhões.

O projeto ainda precisa ser licenciado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). O primeiro passo é a licença prévia – que depende de aspectos legais e dos resultados do Estudo de Impacto Ambiental (EIA-RIMA). Depois são necessárias licenças de instalação e de operação do porto. Desde o início, a legislação prevê no processo a participação das comunidades que possam sofrer consequências do empreendimento – uma delas é a da Ilha do Mel.

A primeira audiência pública foi realizada em 30 de setembro, mas deve ser cancelada mediante solicitação do Ministério Público Federal por irregularidades como a falta de espaço, que dificultou a participação popular. Segundo o procurador da República, Alessandro de Oliveira, devem ocorrer outras audiências e é importante que elas tenham ampla participação. “Principalmente nesta fase, as pessoas envolvidas devem se posicionar e estar plenamente informadas”, enfatiza.

Vantagens e desvantagens

As condições naturais da região são propícias para a construção do porto. O local tem profundidade média de 21 metros, contra 11 metros da região do Porto de Paranaguá. O novo porto não precisaria de dragagens para garantir segurança para grandes navios. A proximidade com a entrada do Canal da Galheta reduz



em cerca de uma hora o tempo para a atracação de navios, em comparação com o Porto de Paranaguá.

Do ponto de vista econômico, as principais vantagens são o aumento da arrecadação do município e a geração de empregos. O proponente do projeto pretende que o porto seja um ‘porto-concentrador’ do sul do país, o que traria benefícios para o Paraná. Porém, são necessários também mais investimentos em acessos terrestres ao local.

Outras consequências seriam o aumento do trânsito e a grande quantidade de mão-de-obra vinda de fora. Com relação a isso, Oliveira pondera: “é preciso pensar nas consequências da maior oferta de empregos e qual a expectativa de que isso progrida ou regrida com o tempo”. Segundo o professor de Gestão Ambiental da UFPR Litoral, Paulo Marques, as principais consequências seriam o aumento da população e a mudança da vocação de Pontal – que passa de uma cidade balneária para uma cidade portuária. “Isso traz uma série de problemas comuns em cidades portuárias, como a maior circulação de drogas,

aumento de prostituição e de doenças sexualmente transmissíveis, que sobrecarregam os serviços de saúde pública”, alerta.

O EIA-RIMA afirma que os impactos sobre a Ilha do Mel seriam pequenos perto dos já causados pelo Porto de Paranaguá. Mas, segundo Marques, o aumento de navios nas proximidades deve interferir diretamente: “a própria dragagem no Canal da Galheta altera a paisagem das praias, o estoque de pesca já foi bastante reduzido por causa da atividade portuária e os impactos que já existem seriam aumentados”. Ele diz que o relatório não consegue analisar todas as possíveis consequências, mas afirma que o erro não é do estudo, e sim do processo de licenciamento como um todo. “O foco é só sobre o empreendimento, sem considerar que vai demandar uma série de obras de infra-estrutura”. O EIA-RIMA ainda pode ser revisto, o que depende das próximas audiências públicas e do Ibama. O relatório também está sendo analisado pelo Ministério Público.

No total, são 130 impactos negativos previstos no estudo, contra 32 positivos. “É difícil para um município como Pontal pesar se vale à pena, pelos impactos positivos, arcar com os negativos”, conclui Marques. Oliveira lembra que o Brasil tem alguns exemplos que servem como parâmetros para a decisão, como o Porto de Paranaguá. Há ainda a intenção do governo do estado de construir um porto público no mesmo local, aspecto que também deve ser pesado.

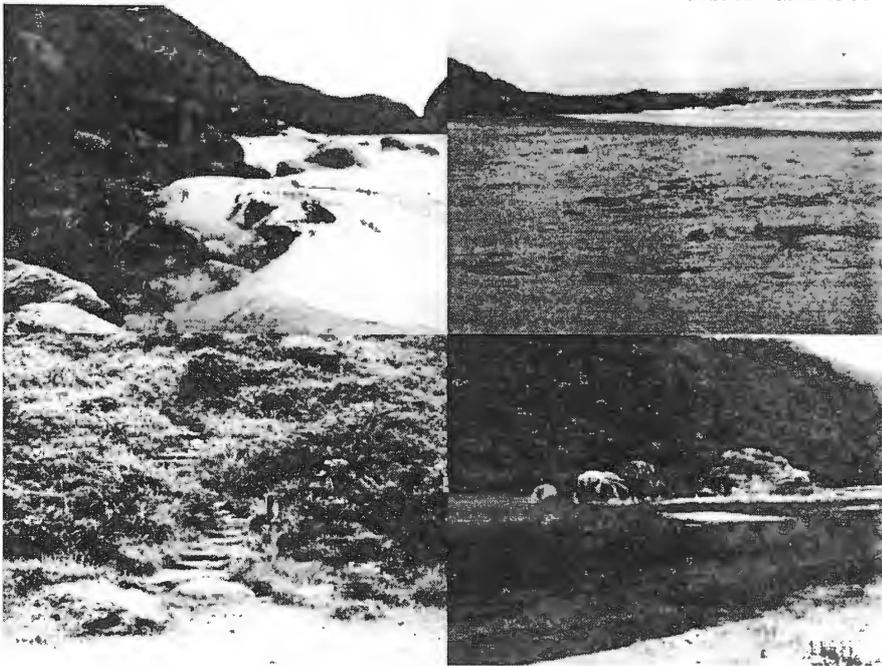
SEMINÁRIO SOBRE O PROJETO DO PORTO NA PONTA DO POÇO

Ministrado por professores e alunos da UFPR e por membros do Ministério Público Federal.

Dias 21 e 22 de novembro na Associação de Moradores de Encantadas.

O Morro do Sabão não é mais o mesmo

INABURITÂN SILVA/NUCOM



Areia sobre pedras, mar mais distante, banhado. Escada de pedras melhora a travessia

Por Janaina Benatto

A paisagem da Ilha do Mel mudou muito de uma década pra cá. Um exemplo são as pedras que existiam no Mar de Fora. Elas estão desaparecendo, encobertas pela areia depositada no local, resultado da dragagem que está sendo feita no Canal da Galheta por causa do acesso de navios ao Porto de Paranaguá. O mar, antes próximo da praia, está agora a cerca de 300 metros de distância dos caminhos principais. A água que descia das bicas já não chega mais até ele e deu origem a “banhados” nas praias. Ainda não se sabe quais consequências essas mudanças podem trazer a longo prazo para o meio ambiente.

Uma vantagem é que a travessia do morro agora é mais fácil, pelo acúmulo de areia e por causa da escada de pedras que foi feita em maio de 2006 e que recebe manutenção das pessoas que passam por lá com frequência. A travessia que antes levava cerca de 40 minutos, pode ser feita em apenas 15 minutos hoje. Além das mudanças na paisagem natural, foram colocadas no local placas de informação e lixeiras. Uma das pessoas que aprova as mudanças é Mauro do Rosário Mendes. “Antes era difícil atravessar o morro, que ficava muito liso com a chuva. Era ruim também para os turistas que não tem habilidade”, diz. Ele enfatiza que as manutenções no local devem continuar, principalmente durante o verão, já que nesse período mais pessoas visitam a ilha.

Ilha do Mel na III Conferência infanto-juvenil pelo Meio Ambiente

A conferência aconteceu no dia 6 de novembro em Pontal do Paraná. O aluno e delegado da E.E. Lucy Requião de Mello e Silva, André Edward Tavares da Silva, representou a Ilha do Mel, mostrando os trabalhos desenvolvidos pela escola. Ele é também um dos nove alunos que foram eleitos para representar o Núcleo Regional de Educação de Paranaguá na IV Conferência infanto-juvenil, que será realizada na cidade de Cascavel, no mês de dezembro.

Histórias e Lendas

A dura realidade que assola os pescadores na ilha

por Leticia Oliveira e Kimberly Miranda

Esse é um espaço que vai trazer mensalmente histórias, lendas e causos do litoral. Mas, dessa vez, a história que o pescador Miguel Crisanto Miranda, de 74 anos (nativo da Ilha do Mel) conta não é fantasia. Trata-se de uma história bem real.

O senhor Miguel está tão desanimado que garante que já não há mais histórias de pescador para contar. Ele desabafa: “a situação está piorando, pois para tudo tem que pedir uma ordem ao IAP ou ao IBAMA, o que demora. Tem que pagar para a permissão da construção de uma casa e até mesmo para pescar”. Segundo ele, a pesca dá conta apenas do sustento próprio dos pescadores, porque a quantidade de peixes está diminuindo, e essas ordens que o IAP impôs na ilha estariam dificultando ainda mais a vida dos pescadores nativos.

Ele conta que já chegou a perder nove redes. “O IAP chega e leva todas as redes boas da gente e ainda dão multas!”, reclama. Com as multas de altos valores, chegou a perder alguns de seus pertences, como geladeira e fogão. “Se a gente não tem nem como comprar mantimentos, como pode pagar essas multas?”, questiona. Como solução, ele sofre que o pescador pobre devesse ser isentado de multas.

O senhor Miguel também fica revoltado porque as pessoas que não precisam, pescam na ilha, enquanto os pescadores nativos, que dependem da pesca, precisam pedir permissão. “Eles engatam o anzol nas nossas redes armadas, cortam elas e ainda pegam o peixe que era nosso!”, reclama. “A gente não tem como pescar no mar ‘lá fora’, de canoa. Com os navios passando é arriscado, seria necessário barcos maiores”, diz.

Série POLUIÇÃO NA ILHA DO MEL LIXO ESGOTO RECICLAGEM BALNEABILIDADE

O lixo que que incomoda os olhos

Por Alcyr Boza

É só observar com um pouco mais de atenção para perceber o lixo que diminui a beleza da Ilha do Mel. É sobre esse e outros tipos de poluição que vamos falar na série de reportagens *Poluição na Ilha do Mel*. O lixo que, além do impacto ambiental, causa também um impacto visual é abandonado por moradores e turistas nas trilhas e praias, é trazido pelo mar despejado por navios que passam perto da ilha. E o lixo que fica dentro de sacos, para onde vai?

A responsabilidade pela coleta dos resíduos sólidos – lixo orgânico (restos animais e vegetais) e não orgânicos (recicláveis) – é da Prefeitura de Paranaguá. Existem dois sistemas públicos que funcionam de forma independente: um atende Encantadas, e o outro Brasília, Farol, Praia Grande e Fortaleza. São seis coletores em Brasília e sete em Encantadas, que trabalham o ano todo. O custeamento do serviço é feito pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP), através da taxa de visitação turística da ilha.

A coleta é feita com um carrinho de quatro rodas, que leva o lixo para as duas unidades de triagem. Segundo a coordenadora da Empresa de Desenvolvimento das Ilhas (Emdeilhas) da Ilha do Mel, Eliza Antonieta Petruski (Dona Branca), o lixo reciclável não é separado do orgânico. “Vai todo misturado e é depositado no centro de triagem, onde aguarda a balsa cedida pela prefeitura para a retirada dele da ilha”, explica. Tudo é levado para o Lixão do Embocuí, em Paranaguá, que recebe mais de 400 toneladas de lixo depositadas a céu aberto diariamente. O local não possui sistema de tratamento de chorume ou impermeabilização do solo. Além disso, cerca de 120 famílias habitam o local junto com mais de 150 animais, como porcos, vacas e cavalos.



CAMILA DOS SANTOS/NUCOM

Lixo reciclável e orgânico misturados, aguardando a balsa que os leva para o continente

Outros problemas

Por dia, uma pessoa produz em média 583 gramas de lixo. No verão, a quantidade de turistas chega a ser cinco vezes maior que o número de habitantes local. Por isso, durante a temporada é contratada uma empresa privada para auxiliar na coleta do lixo. E, devido ao grande volume, é necessário levar parte dos resíduos para o município de Pontal do Sul também.

Além do que é produzido pelos turistas e moradores, uma parte do lixo acumulado na área de reserva ecológica também vem de outros países. A constatação foi feita pelo projeto “Que lixo é esse!”, coordenado pela bióloga Andressa Debiazio em 2004. O local de maior incidência de lixo é na costa do Canal da Galheta, passagem de navios para o Porto de Paranaguá. Segundo a coordenadora, os navios precisam pagar uma taxa sobre o lixo deixado no porto, cujo valor é considerado alto, o que os estimula a jogá-lo no mar, próximo à costa, antes de atracarem.

O que fazer com o lixo?

Até metade da década de 1990, ainda não havia coleta de lixo na ilha, por isso era comum a população enterrar tudo, ou mesmo abandonar em áreas de reserva. Segundo um estudo sobre a gestão de resíduos na Ilha do Mel feito em novembro de 2007, 43% dos moradores da ilha enterra o lixo orgânico em seu próprio quintal ou em áreas de reserva ambiental.

O ideal é separar o lixo orgânico do reciclável, embalar em sacolas separadas, bem fechadas, e deixá-las no local indicado apenas nos dias em que é feita a coleta. Isso evita a proliferação de microorganismos, a sufeira e o mau cheiro nas trilhas. Um maior número de lixeiras evita que as pessoas descartem lixo em lugares inapropriados. A responsabilidade é do governo, mas a comunidade também pode se organizar para melhorar a situação. O uso de bituqueiras (garrafas pet com areia) podem ajudar também a reduzir o microlixo.

Batizado Cultural de Capoeira

ROBERTO SANTANA/NUCOM



O Batizado Cultural foi realizado em Encantadas com roda de Capoeira

Por **Louyze Birello**

A Associação Cultural Escola de Capoeira Ilha do Mel (EC-IMP) organizou em Brasília, no dia 25 de outubro, um autêntico Batizado de Capoeira.

O Batizado é realizado uma vez por ano, para simbolizar a evolução de cada capoeirista. Neste ano, havia mais de noventa pessoas, entre elas quinze mestres, com destaque para o Mestre Sergipe, Mestre Luiz, Mestre Piton e Mestre Cocó. Um dos alunos batizados no evento foi Maycon Roberto do Rocera, de

24 anos. "Foi muito importante ser batizado, pois é o fruto do trabalho que, a cada cordel, é marcado como uma conquista", diz o aluno.

Sabrina de Paula Meira, de 24 anos, mãe de um aluno e capoeirista, sentiu-se honrada ao ver o filho ser batizado. "Fico feliz em ver que ele está dando continuidade ao seu trabalho e ao do pai", comenta.

O Professor Jhony, de 27 anos afirma que a Capoeira não é apenas uma luta, mas uma forma de mostrar a nossa cultura. Além disso, é também dança, teatro, e muito mais.

Vitor Valentim em seu primeiro mundial

Por **Jonathan Miqueliza**

Vitor Valentim, de 15 anos, filho de Leslei Jammuzz e Sérgio Valentim, disputou o Campeonato Mundial de Surf no dia 19 de setembro na França. Ele está cursando a 8ª série do Ensino Médio. Apesar ter que viajar com frequência por causa de competições, ele diz que consegue conciliar a carreira de surfista com os estudos. "Os professores do colégio entendem que eu preciso viajar para competir nos campeonatos. Para recuperar as notas baixas, eles me dão outros trabalhos escolares". Ele se dedica de 4 a 6 horas diariamente para o surf. O treinador dele é o professor de surf Sérgio 'Olas' Sanches.

Balço da ilha

Halloween

por Michele Gonçalves

No dia 31 de outubro aconteceu a festa de Halloween da Ilha do Mel, organizada por Débora Rodrigues e Ana Cristina. A festa teve como atrações musicais o DJ Roger e Os Garotos do Rap, com muito Hip Hop.

O clima de Dia das Bruxas ficou por conta da decoração: abóboras com velas, morcegos, a múmia risonha e uma aranha gigante tecendo sua teia. Além disso, todo o pessoal da organização estava com fantasias de bruxas, múmias e diabinhos.

Você sabe o que significa Halloween?

Alguns acreditam que a palavra teve origem na Igreja Católica, por causa do dia 1º de novembro, Dia de Santos, em homenagem aos mortos. Outra versão da palavra vem do século V d.C., na Irlanda Céltica, onde o Halloween marca o fim oficial do verão e o início do ano novo. Celebra também o final da terceira e última colheita do ano, o início do armazenamento de provisões para o inverno, o período de retorno dos rebanhos do pasto e a renovação de suas leis.

Alguns bruxos também acreditavam que a origem do nome vem da palavra hallowinas - nome dado às guardiãs femininas do saber oculto das terras do norte (Escandinávia). Motivo para as bruxas serem as personagens mais representativas deste evento. Não é à toa que a data é conhecida como "Dia das Bruxas".

Rezam as lendas que as bruxas se reuniam duas vezes por ano, durante a mudança das estações e que, para encontrá-las era preciso colocar as roupas do avesso e andar de costas durante a noite de Halloween. E então, à meia-noite, você veria uma bruxa!

Ilha do mel recebe encontro regional de design

Por Érika Prisco, Vinícius Nascimento e Letícia de Oliveira

O encontro regional RDesign Sul 2008 aconteceu de 13 a 16 de novembro em Encantadas, na Ilha do Mel. O evento reuniu estudantes, pesquisadores, professores, empresas e profissionais da área de Design. Participaram no total 560 pessoas. Foi o 5º encontro sulista da área, que acontece anualmente e tem o objetivo de integrar e estimular a construção do saber através de atividades como oficinas, workshops, palestras, debates, exposições, mostras de vídeo e atividades culturais com enfoque na cultura local e em manifestações públicas. Existe também um encontro nacional, o NDesign.

A organização do RDesign tem o apoio da Associação de Moradores de Encantadas (AME) e contou com a participação de oficinairos locais. Segundo Anaia Sampaio D'Avila, da organização do evento, a ilha foi escolhida por ser considerada um paraíso tropical e natural, o que possibilita para muitos uma nova visão. "O descanso mental pode ser esclarecedor para um design sem limites. Aliado às belezas da ilha, é possível criar um ambiente de exploração dos limites pessoais, de abstração dos sentidos e de discussão, povoado de música, arte, design, artesanato, fotografia, cinema e liberdade", expli-



ca. O objetivo, com isso, é que a criação e a criatividade fluam, em conjunto com o respeito à sociedade e o ao meio ambiente. A Associação Mar Brasil iniciou o encontro com uma palestra sobre preservação ambiental e ecossistema, para conscientizar os participantes sobre a importância de respeitar o local.

A estudante Marina, estudante do último ano de Design na UFRJ, e visitou a ilha pela primeira vez. Ela diz que o evento foi interessante, mas acha que organização deixou um pouco a desejar. "Conheci pessoas e fiz vários contatos, mas poderia

ter sido melhor a organização, apesar de eu saber que é difícil realizar um evento como esse". Houve reclamações quanto ao cancelamento de oficinas, porque alguns dos oficinairos não compareceram. Além disso, ocorreram problemas também com os horários. Os espaços cedidos para as atividades foram o restaurante Cavalão Marinho e o Hotel A Ilha Verde. Inicialmente as atividades estavam previstas para ocorrer durante a manhã e à tarde. Porém, como os espaços disponíveis foram insuficientes para que todos pudessem participar, as atividades acabaram redistribuídas durante manhã, tarde e noite.

Segundo uma das organizadoras, a estudante de Design da UTFPR, Taís da Silva Ribeiro, 21, muitos dos problemas não foram previstos. "Várias coisas aconteceram de última hora, que acabaram criando dificuldades na organização. O fato de não estarmos no continente dificulta ainda mais, além de coisas como não ter acesso a um computador aqui, ou por não conhecermos muito bem o lugar", justifica. O estudante de Design da UTFPR Lucas Moraes, 17, também da organização, diz que mesmo com algumas falhas, tudo correu bem durante o evento. "As pessoas participaram e gostaram do conteúdo, das palestras e das festas. Como é um encontro de estudantes, uma das principais metas era promover a integração, o que aconteceu", conclui.

1º Copa de Futebol de Areia da Associação dos Nativos

A 1ª Copa de futebol de areia, organizada e patrocinada pela ANIM-PO (Associação dos Nativos da Ilha do Mel Praia Grande Ponta Oeste), acontece entre os dias 31 de agosto e 23 de novembro. Os jogos são disputados no campo de areia da vila de Nova Brasília.

A equipe de encantadas terminou o 1º turno na liderança, com 13 pontos. A copa é dividida em 1º e 2º turno. Todos os times jogam contra todos e a disputa é por pontos corridos (a vitória vale 3 pontos, o

empate 1 e a derrota 0).

As equipes têm 14 jogadores cada. As que disputam a copa são Encantadas, Castelo Branco, Brasília, Garoça A, Garoça B e o Time do Farol, que foi eleito o time "bola murcha" da competição. Os jogadores em destaque foram Gabriel (Farol), Jean (Garoça B) e Ademir (Brasília), também o jogador mais velho da copa. O artilheiro da competição foi o jogador Lúcio de Castelo Branco. As premiações para os times vencedores da copa serão troféus e medalhas.

Teatro na Ilha do Mel

O Projeto Cultura Viva da Ilha do Mel em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (IPHAN/PR) vão apresentar um Auto de Natal nesse fim de ano na Ilha do Mel.

Confira as datas:

18/12 - 16h00 - Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres.

19/12 - 18h00 - Praça da Vila de Encantadas.

20/12 - 21h00 - Salão Comunitário Vó Diamantino, em Brasília.

Culinária Paranaense

Por **Déborah Bento**

Além das belezas do litoral paranaense, o turista pode deliciar-se também com a variedade da culinária local. Uma dessas delícias é o saboroso **Camarão na Moranga**.

INGREDIENTES

- 1 moranga média.
- ½ kg de camarão miolo
- 1 copo de requeijão
- 1 lata de creme de leite
- 3 copos de água
- Maizena para engrossar
- Sal e pimenta a gosto
- 3 colheres de milho
- 3 colheres de ervilha
- 3 tomates
- 3 cebolas
- 1 cabeça de alho
- 2 colheres de óleo

MODO DE PREPARO

Lave a moranga e tire uma rodela da parte de cima. Em seguida, mergulhe em água, até quase cobri-la, e cozinhe por aproximadamente 20 minutos. Refogue no óleo a cebola, o alho e o tomate picados. Acrescente água e ferva por 10 minutos. Em seguida, engrosse com a maizena e misture o camarão. Quando estiver cozido, acrescente o requeijão e o creme de leite. Sirva dentro da moranga decorada com flores e frutas. Essa é uma das delícias que pode ser encontrada no restaurante da *Pousada das Orquídeas*, em Encantadas. A receita foi cedida gentilmente pela chefe da cozinha Lina.

Novo Plano Diretor

Um projeto de lei que define novas normas para uso e ocupação da ilha foi aprovado no dia 10 de novembro pela Assembléia Legislativa do Paraná em primeira discussão. Para ser sancionado pelo governador Requião, ainda precisa passar por mais duas votações. O plano de ocupação vigente na ilha atualmente é de 1982.

As principais propostas são: dividir a ilha em 9 áreas de controle; os imóveis só poderão ser transferidos para herdeiros; as construções devem ser de madeira, com altura máxima de 5,9m e recuo de 5m de frente; os lotes deverão ter no máximo 500m² e não poderão ser desmembrados ou divididos; terá direito a realocação em outro terreno famílias que moram na Praia Grande e Vila da Ponta Oeste quem tem casa particular não poderá alugar para terceiros; o limite será de 5 mil visitantes e o turista terá que pagar taxa de permanência.

FIQUE LIGADO

Empregos

- Bar e restaurante Bora Bora (Brasília) precisa de garçom. Tel. 41 3426-8206, falar com Márcio.
- Restaurante do Davi (Brasília) precisa de 03 auxiliares. Tel. 41 3426-8055 ou 3426-8008, falar com Davi.

Agenda

- Aulas de Flauta (Encantadas), na Biblioteca Vô Lavínio. Professor Baltazar Laurentino da Silva (Chiba). Quarta e sexta-feira – 18h30 às 19h30 para crianças/ 19h30 às 21h00 para adultos.

- Aulas de Dança Contemporânea (Encantadas), na Biblioteca Vô Lavínio. Professora Maria Del Mar Castronuovo. Segunda e quarta, às 19h00/ Quinta e sábado às 18h00/ sexta-feira às 19h30. Custo: R\$2,00 por pessoa, por aula.
- Aulas de Inglês e Espanhol (Encantadas), na Escola Arca de Noé. Professoras: Barbara e Carolina. Terça e quinta-feira, das 19h00 às 20h30. Custo: R\$35,00 por mês.
- Aulas de Inglês (Encantadas), na Escola Estadual. Todas as quartas-feiras, das 20h00 às 22h00. Professor Eduardo.

Condutores da Ilha do Mel

- Jhony 3426-9174
- Nilton 3426-8155
- Hulyan 3426-9039
- Gustavo 3426-8123
- Felipe 3426-8168
- Jefferson 3426-8042
- Natan 3426-8028
- Nilson 3426-8234
- Marcelo 9171-4887
- Deivid 3426-9028
- Alan 3426-8011
- Sabrina 9168-7529
- Janis 3426-812
- Jhonatan 3426-813
- Alexandre 3426-9040
- Juliano 3426-8011
- Angélica 3426-801
- Simony 9144-347
- Hélio 3426-8001
- Márcio 3426-9081
- Juninho 9641-447
- Iury 8832-5821
- Maninho 3426-905
- Paula 9175-971

Horário de Ônibus Inter-municipais			
Pontal do Paraná (P. Embarque) – Curitiba			
HORÁRIO	LINHA	FREQUÊNCIA	TARIFA
07:05	Pontal do Sul – Curitiba	Todos os dias	R\$ 20,29
10:05	Pontal do Sul – Curitiba	Todos os dias	R\$ 20,29
14:05	Pontal do Sul – Curitiba	Todos os dias	R\$ 20,29
17:05	Pontal do Sul – Curitiba	Todos os dias	R\$ 20,29
18:05	Pontal – Curitiba (Paranaguá)	Aos Domingos	R\$ 20,29
20:05	Pontal do Sul – Curitiba	Todos os dias	R\$ 20,29

Obs.: Esta tabela de horários pode ser alterada sem prévio aviso.

ANEXO D - Edição 3 do Jornal Ondas da Notícia

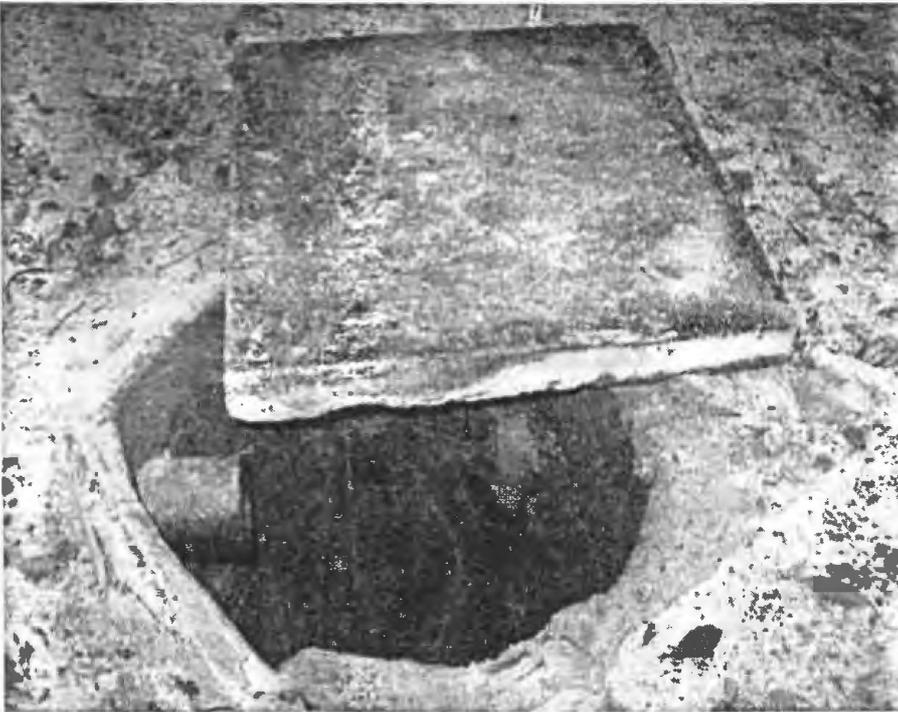
Ondas da Notícia

Edição 3 * Ilha do Mel * Fevereiro de 2009

Série POLUIÇÃO NA ILHA DO MEL

Na falta de um sistema de coleta, moradores optam pelas fossas

ANDRE EDWARD/NUCOM



O esgoto é a água contaminada pelo uso humano, que, se não recebe tratamento adequado, pode causar a transmissão de doenças e poluir o meio ambiente. E o que acontece com o esgoto na Ilha do Mel? Para onde ele vai? Recebe tratamento? Nossa segunda reportagem da série especial

é sobre esse assunto. Leia a matéria completa na página 5.

Regulamentada a lei que cria plano de uso da Ilha do Mel

O governador Roberto Requião regulamentou em 9 de fevereiro a Lei n.º 16.037, que determina novo plano de uso da Ilha do Mel. A lei prevê novas regras de zoneamento ambiental e diretrizes para uso e ocupação da região, com foco na preservação e proteção ambiental, turística, histórica e cultural da ilha.

Um grupo de trabalho coordenado pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP) deve apresentar, em até 60 dias, propostas para o desenvolvimento sustentável, controle de acesso de pessoas, fiscalização do zoneamento ambiental e procedimentos de licenciamento ambiental para a execução de obras.

O IAP e o Instituto de Terras, Cartografia e Geociências (ITCG) vão também criar procedimentos para concessões de uso na ilha e trabalhar na elaboração dos planos de manejo das duas unidades de conservação, que devem contemplar também programas de educação ambiental e auxílio na fiscalização.

O atual plano de uso e ocupação da Ilha do Mel está em vigor desde 1982. Foi elaborado pelo Instituto de Terras e Cartografia do Paraná, e precisa ser atualizado principalmente devido ao crescimento da população local. A Ilha possui apenas 10% de ocupação e o restante é Área de Preservação Permanente.

EDITORIAL

Por que um Núcleo de Comunicação para a Ilha do Mel?

Normalmente, as informações chegam até a Ilha do Mel através da grande imprensa: televisão, rádio, grandes jornais e revistas. E, dificilmente, a não ser durante o Verão – devido ao aspecto turístico e econômico –, esses meios de comunicação tratam de assuntos que interferem diretamente na vida dos moradores.

Aí é que surgem os meios de comunicação alternativos. Diferentes desses tradicionais e mais conhecidos, são principalmente as rádios e jornais comunitários e, mais recentemente, *radiowebs* e *blogs*. Através desses meios, pequenas comunidades podem encontrar liberdade para tratar de assuntos locais e divulgar informações que não são publicadas na grande mídia.

O melhor é que os moradores podem ser os protagonistas do processo, já que pesquisam e escolhem as informações relevantes para a sua comunidade, e pensam na melhor forma de divulgá-las, tanto para o lugar em que vivem, como para o resto do mundo. O processo, além de estimular a cidadania e o desenvolvimento social, ajuda na conscientização sobre a preservação do meio ambiente e da cultura local.

É isso que o *Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel*, executado pelo Mater Natura, busca desenvolver com os habitantes da ilha. Junto com o projeto *Cultura Viva da Ilha do Mel*, está formando o Núcleo de Comunicação da Ilha, o Nucom, com o objetivo de desenvolver essas ações. Através do *Jornal Ondas da Notícia*, por exemplo, muitas informações importantes fo-

ram publicadas e geraram discussões entre os ilhéus, turistas e autoridades envolvidas com a ilha. Denúncias, reclamações, opiniões, informações sobre o ecossistema e a cultura tradicional da ilha já foram divulgadas, e a população vem participando, direta e indiretamente das ações e dos resultados.

Os projetos ainda trabalham com a criação de programas de rádio, que estão sendo desenvolvidos com a comunidade, e devem ser divulgados a partir de março. Todas essas ações passam pela metodologia da Educomunicação, que defende os meios de comunicação, especialmente os alternativos, como uma forma de atuação e mudança social. As pessoas envolvidas aprendem através das informações veiculadas nos meios, e também como produzir essa informação e como gerir todo o processo pelo qual ela passa.

É nesse sentido que agora o *Jornal Ondas da Notícia* busca sua sustentabilidade enquanto importante meio de comunicação da ilha. A partir da próxima edição teremos espaço para que apoiadores possam fazer anúncios, e assim possam contribuir com a continuidade da publicação. O objetivo é que, depois que o projeto termine, o jornal tenha forças para continuar a existir.

O Nucom também está aberto a novos participantes, a outros tipos de apoio e trocas. O objetivo é que esse núcleo se torne um grupo forte, capaz de defender as belezas e o povo da Ilha do Mel com informação e cultura.

Boca de Gamela

O que você acha da Operação Viva o Verão na Ilha do Mel?

Por Michele Gonçalves

"Na minha opinião, falta estrutura para que sejam realizadas as atividades da Operação Verão e falta a participação de outras secretarias. Quero parabenizar a Secretaria de Cultura pela iniciativa de trazer a Biblioteca na Areia"

MARISTELA ROCHA,
30 ANOS, TURISTA

"Pontos positivos: a segurança da Ilha está de parabéns, pois melhorou muito; a limpeza também está sendo feita, embora possa melhorar. Já de negativo: o atendimento no posto de informações está ruim, pois antigamente os atendentes eram mas simpáticos"

GRAZIELE SANTANA,
22 ANOS, MORADORA DE BRASÍLIA

"Falta investir nas crianças, com oficinas de artes, por exemplo. E o banheiro deveria ser público"

FLÁVIA ANDRADE,
26 ANOS, MORADORA DE BRASÍLIA

"A Ilha do Mel está sendo bem cuidada. Os comerciantes estão fazendo seu papel de atender bem. Ando pelas trilhas e não vejo lixo como via nos anos anteriores. Antigamente, quando eu vinha visitar a Ilha, me deparava com grande quantidade de pontas de cigarro velhas, tampinhas de refrigerantes, palitos de picolé... Hoje não vejo mais. Parabéns para quem realiza este trabalho, pois quero vir muitos e muitos anos contemplar a natureza que só existe aqui"

MÁRIO CUNHA,
38 ANOS, TURISTA

"Este ano a comunidade recebeu várias coisas boas, só faltou mais incentivo ao esporte e duchas na praia"

MARCELA ALVES,
25 ANOS, MORADORA DE BRASÍLIA

EXPEDIENTE

O jornal Ondas da Notícia é uma publicação do Núcleo de Comunicação da Ilha do Mel – Nucom, dos projetos Cultura Viva e Ecofalantes, executados pelo Mater Natura – Instituto de Estudos Ambientais e financiados respectivamente pelo Ministério da Cultura (MinC) e Instituto Sadia.

Site: www.ecofalantes.com.br
E-mail: contato@ecofalantes.com.br
Coordenadora: Adriana Marques Canha.
Jornalista Resp.: Mário Messagi Jr (DRT 2963)
Edição: Juliana Vitulskis.
Diagramação: Renata Ortega.
Imprensa Universitária/2500 exemplares.





Por Louyze Birello

A Operação Viva o Verão, do Governo do Paraná, começou no dia 19 de novembro de 2008 no litoral do estado. Mas, na Ilha do Mel, iniciou no dia 24 de novembro. Foram contratadas mais de cinco mil pessoas para desenvolver ações para a comunidade e para turistas, como a guarda dos banhistas, blitzes ambientais, monitoramento da qualidade da água, fiscalização de irregularidades de esgoto, fiscalização do transporte de passageiros no litoral, fiscalização ambiental, coleta de lixo, distribuição do guia do litoral e postos de informações para turistas. Nas praias de Caio-bá, Ilha do Mel e Guaratuba foram montadas as Bibliotecas Cidadãs na Areia, a fim de trazer cultura e lazer para os moradores locais e turistas.

Na Ilha do Mel, foram contratados pela operação 14 moradores (sete em Brasília e sete em Encantadas) para trabalhar com informações sobre a balneabilidade e nos receptivos

turísticos. As barracas de balneabilidade foram um dos problemas na Ilha do Mel, pois teriam que ser montadas desde o início da temporada, 22 de dezembro, mas foram montadas apenas no dia 1º de janeiro. Agora as barracas estão funcionando corretamente, com pessoas para dar informações nos locais proibidos até o dia 05 de março, quando será finalizada a operação e o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) voltará às suas atividades normais, segundo Ângela Malufe, codernadora da operação na ilha.

Águas (im)próprias

O aumento do fluxo de turistas piora as condições do mar, e a principal causa da poluição é o esgoto. Segundo o secretário estadual do Meio Ambiente, Rasca Rodrigues, 95% dos pontos no litoral paranaense estão aptos ao banho durante todo ano. Mas o mesmo não acontece durante o verão, por causa do aumento de pessoas na região e da maior quantidade de chuvas nes-

sa época do ano. Mesmo com a ampliação de investimentos em infra-estrutura de rede de esgoto, ainda falta muito para amenizar o problema.

Uma praia só é aprovada no teste se tem baixa concentração de bactérias de coliformes fecais *Escherichia coli*. Vale lembrar que os resultados têm 200 metros de interdição – 100 à esquerda e 100 à direita das placas indicativas. Nos locais em que não há placas do IAP, não há risco de contaminação.

Veja os locais da Ilha considerados aptos ao banho, segundo o boletim divulgado em 26 de janeiro.

- Praia do Farol, em frente à trilha do trapiche;
- Praia de Farol, a direita das pedras (190 m);
- Praia Grande, a direita do morro (200 m);
- Encantadas de Dentro, na pontinha a esquerda do morro (40 m);
- Encantadas de Fora, na praça de alimentação.

Foi considerada imprópria a Baía de Encantadas, à direita do trapiche (250 m).

Fiscalização aprova serviços oferecidos na Ilha do Mel

Informações da AEN

A Ação Integrada de Fiscalização Urbana (Aifu) vistoriou 36 estabelecimentos comerciais, nas praias Brasília e Encantadas, na Ilha do Mel, no dia 13 de janeiro. De acordo com o coordenador da Aifu, Benedito Facini, houve melhora na qualidade dos serviços ofertados na ilha, tanto no que se refere à regularização dos alvarás, como na limpeza, higiene e poluição sonora.

Na praia de Brasília foram realizadas 13 vistorias. Já em Encantadas, as equipes das polícias Civil e Militar, Corpo de Bombeiros, Instituto Ambiental do Paraná (IAP), Batalhão de Polícia Ambiental – Força Verde e Vigilância Sanitária fiscalizaram 23 estabelecimentos comerciais. Além de vistoriar bares, lanchonetes, restaurantes, casas noturnas e outros estabelecimentos do gênero, a ação integrada também confere o funcionamento de pou-sadas na Ilha do Mel.

Força Verde prende traficantes de crack na ilha

Policiais da Polícia Ambiental – Força Verde prenderam, no dia 14 de fevereiro, três moradores da praia de Encantadas, na Ilha do Mel, em flagrante, após um denúncia anônima. O grupo portava uma pedra de crack, de 50 gramas, e mais cinco gramas de maconha. Eles foram conduzidos à Delegacia de Pontal do Sul, onde foi realizado o flagrante.

Reforma no Trapiche de Nova Brasília chega ao fim

Por André Edward

Depois de tanto tempo de espera, o terminal de desembarque de Nova Brasília finalmente está em fase final de construção, informou a Prefeitura de Paranaguá. A obra, que começou no mês de agosto de 2008 – logo após a Festa da Tainha –, deveria ter sido entregue à população em novembro, como previa o projeto de construção, mas o atraso já chega a 3 meses.

O secretário de infra-estrutura da Prefeitura de Paranaguá, Juliano Vicente Elias, diz desconhecer que a interdição do terminal date do mês de agosto de 2008, pois ele acaba de assumir o cargo. No entanto, ele afirma que já estão sendo preparadas as madeiras para serem enviadas à Ilha do Mel e, assim, finalizar a obra. “A reforma deve ficar pronta no início de março”, complementa.

Enquanto isso, a comunidade aguarda ansiosa pelo novo trapiche. O morador Hélio da Silva diz que a expectativa é grande: “temos que atender bem o turista, então, quanto



Novo ponto de embarque em Brasília só no fim da temporada

mais estrutura nós tivermos, melhor”. Segundo o secretário, o telhado já está quase todo coberto, as madeiras podres já foram trocadas e, o próximo passo, deverá ser a restauração da iluminação do terminal.

Luís Carlos Gonçalves (Caco), um dos comerciantes que tinha loja dentro do terminal, teve que montar uma tenda improvisada para continuar trabalhando. “Faz tempo que a reforma começou e agora está

parada. Isso é prejudicial ao turista e aos moradores”, diz. Ele conta que o trabalho na tenda improvisada é um pouco maior do que o de antes, mas que é possível garantir sua renda mensal.

Juliano Vicente Elias avisa aos moradores que a obra logo estará pronta. “Estamos trabalhando para o melhor atendimento de quem desembarca no terminal de Nova Brasília”, conclui.

Conselho Tutelar alerta comunidade sobre direitos da criança e do adolescente

Por Érika Prisco

O Conselho Tutelar e o Programa Sentinela ministraram, a convite da professora Beth da escola Teodoro Valentim, uma palestra na lanchonete Sonho de Verão, em Encantadas, no dia 8 de dezembro de 2008. O objetivo da conversa foi informar a comunidade sobre o abuso e a violência sexual e a exploração de menores.

Se apresentando como amigos e colaboradores da Ilha do Mel, os conselheiros presentes incentivaram a leitura do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e garantiram que estarão fiscalizando os esta-

belecimentos que têm o dever de fixar a portaria em um local visível. “É fundamental que todos conheçam as leis sobre os direitos e deveres dos menores”, justificou Luiz Carlos Portaneri, coordenador do Projeto Conhecendo o ECA. Os conselheiros também pediram aos pais que incentivem os adolescentes, a partir de 16 anos, a saírem sempre com o documento de identidade.

Segundo Portaneri, os adultos são obrigados por lei a proteger crianças e adolescentes, pois são responsáveis pela vida dos menores e têm o dever de denunciar todo tipo de

abuso. Ao Conselho Tutelar cabe punir os que desrespeitam o estatuto.

Para aumentar a fiscalização, o conselheiro Adilson Costa estará de plantão diariamente na Ilha, das 19h às 7h, para atendimento por telefone. Ele também receberá denúncias de tráfico de drogas e garante sigilo total aos denunciadores. As notificações podem ser feitas pelos telefones (41) 3420-7080 ou 3420-2905. Para denunciar abuso sexual e exploração de menores disque 181 ou 3420-2928. “Nossa meta é uma ilha sem traficantes, sem drogas e sem abusos contra qualquer ser humano”, conclui Portaneri.

Série POLUIÇÃO NA ILHA DO MEL

Esgoto: em busca de uma solução

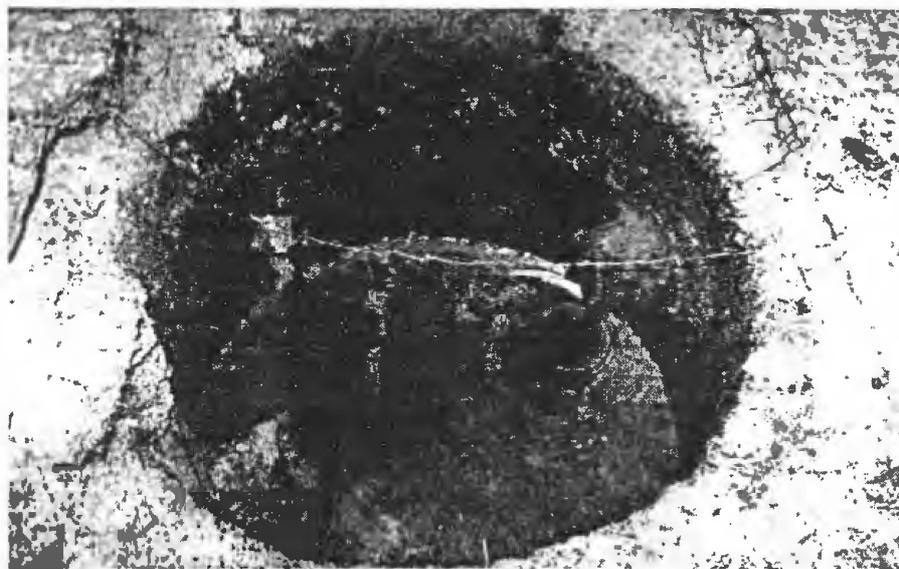
Por André Edward

O esgoto é formado pela água que usamos diariamente para tomar banho, lavar louça e para dar descarga no vaso sanitário. Essa água fica contaminada e, se não receber tratamento adequado, pode causar a transmissão de doenças, tanto pelo contato direto, como através de ratos e insetos. O esgoto também pode poluir rios e fontes, afetar os recursos hídricos e a vida vegetal e animal.

E para onde deveria ir esta água poluída? O ideal é que fosse encaminhada para uma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE). Mas hoje, no Brasil, apenas 44% das famílias são atendidas por redes de coleta que levam até essas estações. O restante do esgoto produzido é despejado em rios, no mar, ou no próprio solo, sem tratamento.

Na Ilha do Mel não existe sistema de coleta de esgoto, o que leva a maioria dos moradores a construir suas próprias fossas. Em dias de chuva, a água que infiltra na terra escorre para as partes mais baixas do relevo, e leva junto partículas desse esgoto, que podem prejudicar o solo, o mar e as pessoas que entram em contato com elas. Por esse motivo, o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) recomenda às pessoas que não entrem no mar por até 48 horas após a chuva.

Segundo o agente ambiental do IAP Maxwell Oliveira, existe uma alternativa para não utilizar as fossas caseiras e não poluir o meio ambiente, que é a fossa séptica – compartimento fechado onde os microrganismos existentes naturalmente nos esgotos mineralizam parte da matéria orgânica, gerando lodo (que deve ser retirado pelo menos uma vez ao ano), gases, espuma e efluente. “Porém, muitas pessoas querem economizar e não lacram bem a fossa, que recebe a água da chuva, acaba transbordando, e polui o ambiente do mesmo modo”, ressalta Oliveira.



ANDRÉ EDWARD/NUCOM

Fossa caseira destampada: o esgoto se infiltra no solo e pode chegar até os lençóis freáticos

De acordo com o presidente da Companhia de Água e Esgoto de Paranaguá (Cagepar), Edson Veiga, existe uma proposta para o tratamento de esgoto na ilha, apresentada no ano de 2006 ao IAP. Segundo o instituto, existia apenas a licença do Ministério da Saúde para a implantação de uma ETE, mas faltava a licença do Ibama. No ano seguinte foram apresentadas as duas licenças, um ofício foi mandado à Curitiba, mas até hoje não se tem resposta.

Veiga diz que é preciso construir duas estações de tratamento na ilha, uma para atender as vilas do Farol, Praia Grande e Nova Brasília, e outra para atender a região de Encantadas. “Porém, para serem construídas estas estações, é preciso

um recurso alto, e o que nós recebemos de pagamentos da Ilha do Mel não é o suficiente”, explica.

Veiga disse ainda que foi criado um grupo de engenheiros para estudar a melhor maneira de implantar tratamento de esgoto. “Para construir uma estação aqui existem muitas dificuldades. Por exemplo, não se pode usar uma retroescavadeira, o que exige mais mão-de-obra”, diz. Recentemente ele foi à Santa Catarina conhecer um novo sistema de tratamento de esgoto, que ocupa pouco espaço, pois é feito com bactérias que ficam dentro da estação. Porém, o custo desse sistema é muito alto. Mas, segundo o presidente, ainda estão sendo feitas pesquisas e análises de propostas, além da busca de financiamentos.

IAP orienta comerciantes quanto à venda de palmito

O Instituto Ambiental do Paraná (IAP) orienta comerciantes do litoral sobre a venda e consumo ilegal do palmito jussara (*Eutherpe cicutis*). A árvore, nativa da Mata Atlântica, corre o risco de extinção. A orientação é que a população e os comerciantes não consumam palmito sem selo de origem. Caso seja constatada reincidência no armazenamento ou compra ilegal, o infrator pode sofrer sanções administrativas que variam entre R\$500,00 e R\$10 milhões, dependendo da quantidade do produto apreendido.

Ilha discute sobre novo porto

Por Inaburitân Silva

O projeto da construção de um porto privado na Ponta do Poço, em Pontal do Paraná, ainda está passando pelo processo de licenciamento junto ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), que avalia a regularidade sócio-ambiental da proposta. O primeiro passo é a obtenção da licença prévia – que depende da análise de aspectos legais e dos resultados do Estudo de Impacto Ambiental (EIA-RIMA). As comunidades que possam sofrer conseqüências do empreendimento, como a da Ilha do Mel, devem acompanhar o processo, através de audiências públicas.

A primeira audiência, realizada em Pontal, foi cancelada por irregularidades e, em 9 de dezembro, foi realizada uma nova audiência na Associação Banestado de Praia de Leste. Entre os assuntos debatidos estiveram os impactos negativos previstos no EIA-RIMA em relação à infra-estrutura e à questão social, principalmente quanto às populações tradicionais que habitam a região. A atividade portuária pode trazer problemas como aumento da exploração sexual, maior índice de doenças sexualmente transmissíveis

e problemas epidemiológicos. Também foram discutidas as omissões do EIA/RIMA quanto aos impactos na Ilha do Mel.

Com relação à ilha, foi realizado um seminário na vila de Encantadas nos dias 20 e 21 de novembro de 2008, com a participação de técnicos e professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Além dos aspectos sociais, foi discutida a influência negativa que o porto pode trazer para o ecossistema da Ilha do Mel, segundo João Lino, secretário da Associação Comunitária de Encantadas (AME). Lino acha que o resultado do debate foi positivo, mas que ainda é necessário atingir a comunidade da ilha como um todo, para que a população participe de maneira mais ativa do processo. As discussões devem ser retomadas após o período de férias, em março.

Márcio Agostinho, proprietário de um camping e morador da ilha, é contra a construção do porto, pois acredita que deve trazer impactos negativos, como o aumento do lixo e problemas sociais para a ilha. “Vai desrespeitar o nosso sono, os nossos costumes, deteriorando o nosso habitat natural, em nome do crescimento econômico descontrolado e mal planejado”, acredita.

Mutirão recolhe 93 toneladas de lixo

Mutirões organizados pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP) retiraram 93 toneladas de entulhos na Ilha do Mel em janeiro. O trabalho contou com a Força Verde, associações de moradores e nativos da Ilha do Mel, União das Mulheres da Ilha do Mel (Emilhas) e Cooperativa dos Campings da Ilha do Mel (Coocamel).

No dia 27 de janeiro, um mutirão realizado na Praia do Miguel, com a Empresa de Desenvolvimento das Ilhas (Emdeilhas), a Administração Regional de Encantadas e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, retirou mais 100 litros de materiais recicláveis. A Emdeilhas é responsável pela destinação dos resíduos sólidos na ilha desde 2005. Segundo Cíntia Maria Lopes dos Santos Oliveira, diretora presidente da Emdeilhas: “durante esse período a empresa melhorou a qualidade de vida no local prestando serviços de limpeza de trilhas, capinação, roçagem, limpeza de córregos e limpeza da orla marítima”. Porém, os materiais resultantes de obras de engenharia civil, como entulhos de construção e madeira, são de responsabilidade da fonte geradora. A administração Municipal pode coletar mediante cobrança de taxa.

A Prefeitura Municipal de Paranaguá dispõe atualmente de 27 funcionários para atendimento de coleta, capinação, roçagem. Durante a temporada, uma empresa privada é contratada pelo Governo do Estado para auxiliar no serviço.

Histórias e Lendas

A Curva do Arrepio: as gêmeas

Por Wagner Peixoto

Essa é uma lenda que, como quase todas, é órfã. Não tem pai ao certo, não tem dono. São lendas que têm vida própria, e que assim como seus personagens, ficam a perambular no inconsciente. Personagens que passeiam as verdes curvas da abençoada e mística Ilha do Mel – contradizendo a maldição, a alimentadora das lendas.

Essa lenda conheci através da Leslie, moradora da Ilha do Mel há anos, que ouviu a história do popular Seu Luciano, pescador nativo da Ilha do Mel.

Conta-se que, beirando os anos 70, a Ilha do Mel recebia muitas visitas de jovens em pequenas excursões. Na época esses passeios eram verdadeiras aventuras, em vista das facilidades de embarque e locomoção dos dias atuais. Podemos até usar a palavra expedições nesse caso.

Num desses grupos estavam duas irmãs gêmeas, beirando os 20 de idade, cujos nomes eram algo como Dirce e Dircéia, ou Dulce e Dulcinéia. Numa tarde, num banho de mar na Praia Grande, uma das moças começou a se afogar. A irmã lançou-se contra as ondas para salva-lá, mas a tentativa foi em vão, e as duas irmãs morreram afogadas.

Desde então, na Curva do Arrepio*, durante as noites silenciosas, é possível encontrar as irmãs vagando pela trilha da Praia Grande, uma buscando pela outra. Enquanto elas não se encontram, permanecem perambulando, do mesmo modo frustrado que no resgate do afogamento.

**É um trecho, a alguns metros antes da Praia Grande. A “Curva do Arrepio” não é um termo muito usado pelos mais antigos. Passou a ser conhecida assim recentemente, principalmente pelos turistas.*

CAMILA PEREIRA/NUCOM

Fim de ano com teatro na ilha



Por **Débora Rodrigues**, assistente do diretor do Auto de Natal

A Ilha do Mel teve a apresentação de um Auto de Natal nos dias 18, 19 e 20 de dezembro de 2008. A primeira apresentação foi realizada na Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres, a segunda na praça central de Encantadas, e a última no Salão Comunitário Vó Diamantino, em Brasília. O teatro foi realizado pelo projeto Cultura Viva da Ilha do Mel – executado pelo Mater Natura – Instituto de Estudos Ambientais e financiado pelo Ministério da Cultura (MinC) – em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (IPHAN/PR).

A peça contou com um elenco de dez pessoas, todos moradores da ilha, e mais uma equipe de

apoio formada por seis integrantes. As apresentações começaram ao entardecer e emocionaram visitantes e ilhéus. O diretor da peça, Leandro Borgonha, teve olho clínico ao escolher os atores para personagens bíblicos, como Maria, José, Izabel e Zacarias. A figuração ficou por conta dos anjos, crianças e jovens da ilha, que iluminaram as cenas com tochas e desempenharam com muita delicadeza seus papéis. As asas dos anjos foram feitas com folhas de coqueiro, criadas pelo artesão Chiba, de Encantadas.

O Padre Miguel, de Encantadas, e moradores locais, relataram que nunca aconteceu antes na ilha uma peça teatral ilustrando o nascimento de Jesus. São momentos para serem lembrados por muito tempo nesse pedacinho de Brasil chamado Ilha do Mel.

Litoral espera receber mais de 1 milhão de pessoas no Carnaval

As informações são da Assindilitoral – Associação de Hotéis, Restaurantes, Bares, Casas Noturnas e Similares do Litoral Paranaense: boa parte das vagas de pousadas e hotéis já estão reservadas, e a expectativa dos comerciantes locais é boa. A Ilha do Mel deve atingir o limite máximo de 5 mil pessoas no feriado de Carnaval (de 21 a 25 de fevereiro).

O monitoramento dos níveis de poluição sonora deve ser intensificado pelo Instituto Ambiental do

Paraná (IAP), assim como o policiamento e o atendimento nos postos de saúde. A Coordenação Municipal DST/HIV/Aids, da Secretaria Municipal de Saúde e Prevenção (Semsap), vai distribuir 60 mil preservativos durante a semana do Carnaval no litoral todo. Haverá um trabalho maior de entrega nos postos localizados nas comunidades de Encantadas e de Nova Brasília, na Ilha do Mel, que também receberão um número elevado de pessoas durante o feriado.

Balanço da ilha

Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

Por **Débora Rodrigues**



De 05 a 08 de fevereiro, a Ilha do Mel comemorou a tradicional Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Todo ano os pescadores se reúnem para agradecer a pesca abençoada. No dia 07 foi realizada a Procissão Luminosa, em que os fiéis e pescadores percorrem as praias e trilhas da ilha levando com orgulho a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes.

Outras atividades do evento aconteceram na Sociedade Esportiva da Ilha do Mel (Seim), em Nova Brasília. As noites foram animadas pelo forró, com a comunidade toda reunida. E, como de costume, as crianças ficaram esperando atentas pela distribuição de balas e brinquedos arrecadados durante a festa.

Conta um pescador que, quando o mar está com as águas escuras e não dá peixe, faz-se um pedido pra a santa, que logo é atendido: a rede vem cheia de peixes.

O evento conta com o apoio da Prefeitura de Paranaguá, Governo do Paraná e Instituto Ambiental do Paraná (IAP).

Delícias do Litoral

Por Jonathan Miqueliza

Quando ainda não existia geladeira, a **Cambira** foi a base da alimentação dos antigos moradores do litoral. Para conservar o peixe, os pescadores o defumavam, principalmente em certas épocas do ano, como no período de pesca da tainha.

Originalmente, Cambira é o nome de um cipó abundante no litoral, conhecido por sua flor de cor

roxa. O prato ganhou o mesmo nome porque o pescado salgado era amarrado com o cipó para secar ao sol, ou então sobre o calor do fogão à lenha. Depois o peixe ia para a panela de barro com água e ingredientes típicos da região. Já se passaram quase 300 anos, e a tradição da **Cambira** ainda continua, considerada uma das melhores especiarias do litoral.

INGREDIENTES

2 kg de peixe seco ou defumado
6 bananas da terra
2 colheres de sopa de óleo
3 colheres de sopa de extrato de tomate
1 pimentão pequeno
1 maço de alfavaca e 1 maço de coentro
cebola e tomates bem maduros sem pele
pimenta a gosto;
farinha branca de mandioca para o pirão

MODO DE PREPARO

Lave bem o peixe e deixe na água para tirar o excesso de sal. Prepare o molho com os ingredientes, junte o peixe, tampe e deixe ferver por alguns minutos. As bananas são colocadas em seguida, cobrindo o peixe. A panela deve ser tampada para uma nova fervura. Para servir, é recomendado que as bananas sejam postas em outro recipiente. Para o pirão, faça um mingau com farinha e água fria e derrame, aos poucos, o molho do peixe, mexendo sempre.

FIQUE LIGADO

Condutores da Ilha do Mel: visita consciente

Quer melhor visita que aquela guiada pela percepção de um morador local? Na ilha do Mel, os condutores são pessoas das comunidades habilitadas para mostrar aos turistas a possibilidade não apenas de conhecer os atrativos naturais da ilha, mas também um pouco do seu povo, as histórias e a cultura local.

O projeto de capacitação dos condutores iniciou em 2006, numa parceria entre o Instituto de Ecoturismo do Paraná (Adetur), Sebrae/PR, Secretaria Estadual de Turismo e Fundação Municipal de Turismo de Paranaguá. Segundo Daniela Meres, diretora de projetos da Adetur Litoral, o objetivo é oferecer aos moradores jovens, que já conhecem a ilha, técnicas para atender aos turistas com uma postura mais profissional. Foram cinco meses de curso, realizado todos os finais de semana. Os alunos tiveram aulas sobre meio ambiente, turismo, técnicas de condução, segurança e primeiros socorros, além de passarem por um estágio monitorado.

Atualmente, a Ilha do Mel conta com treze condutores, cada qual com seus próprios roteiros.



Contatos dos condutores locais:

- Jeferson A. Rodrigues - 9691-0564
- Gustavo Jesus Gonçalves - 9219-9505
- Janis Jesus Gonçalves - 3426-8123
- Amani Alves (Maninho) - 9919-3410
- Márcio Agostinho - 3426-9083
- Juliano Agostinho - 9642-2411
- Paula Graciele dos Santos - 9175-9711
- Sabrina de Paula - 3426-9165
- Alan G. Nascimento dos Santos - 9201-8164/ 3426-8141
- Nilson Marcelo dos Santos - 9193-4210/ 9921-4941/ 3426-8176
- Marcelo da Rocha - 9124-6556
- Nilton Haluch - 9223-3267/ 3426-8155

Dicas do turista ecologicamente correto

- Acondicione o lixo em recipientes adequados (separe resíduos secos e molhados);
- Nas pescarias, nos passeios de barco e travessia, não jogue lixo na água;
- Embalagem vazia é leve para você... mas pesada para a natureza;
- Poluição sonora incomoda muita gente, modere sua euforia;
- Respeite a sinalização para sua própria segurança;
- Não solte fogos de artifícios;
- Não faça fogueira, pois você pode provocar incêndios;
- É proibida a entrada de animais e plantas exóticas na Ilha;
- Acampamentos são permitidos somente nos *campings*;
- Sempre caminhe pelas trilhas principais, não abra novos caminhos;
- Leve apenas fotografias e boas recordações;
- Lembre-se você é um VISITANTE numa Unidade de Conservação;
- Conheça mais sobre a Ilha, solicite um Condutor Local.

ANEXO E – Entrevista com a coordenadora do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Adriana Marques Canha

Pesquisadora: O foco inicial do projeto era a comunicação radiofônica, mas a ação que obteve mais sucesso foi o jornal impresso comunitário. Por que ocorreram estas mudanças no foco do projeto?

Canha: A produção de comunicação para rádio exige mais dedicação e criatividade dos envolvidos, o que acaba exigindo mais tempo que o jornal. Para o jornal impresso é mais fácil de programar o tempo demandado e estipular prazos.

No entanto, acredito que os dois tipos de comunicação [radiofônica e jornal impresso] são interessantes para a Ilha, desde que seja algo voltado para a comunidade. A rádio via alto-falantes pode dar mais certo neste aspecto. A rádio *on-line* já seria algo mais para mostrá-los para o mundo e, se isto acontecesse, teria que ser muito participativo, a ponto deles realmente conseguirem mostrar quem eles são. E eles não estariam também necessariamente vendo este resultado direto, não teria um resultado tão imediato com relação à valorização do trabalho deles, da cultura e da percepção deles. Assim, acaba não sendo muito efetivo no sentido de funcionar como processo de educação e reflexão. Nesse caso, a rádio via alto-falantes traria melhores resultados, pois funcionaria não só para comunicação através de programas de rádio, mas seria útil para trazer informações mais curtas, sobre eventos, e daria um retorno mais rápido da voz deles, ao amplificá-la.

E o rádio complementa o jornal impresso, porque acaba atingindo um público maior, como as pessoas que não sabem ler. Acho que as duas mídias se complementam.

Pesquisadora: Sobre a oficina de jornalismo, como você avalia a parte teórica dela, considerando a linguagem utilizada e o conteúdo apresentado? Considera que foi suficientemente claro para os participantes, foi satisfatório?

Canha: Foi bem legal, foram abordadas todas as formas que eles poderiam usar pra se comunicar através do jornal. Acho que só faltou abordar um pouco mais a questão da interação do veículo com os leitores, quais as formas de promover isso, de tornar o veículo mais interativo. Mas foi dada uma pincelada geral nos conteúdos básicos.

Pesquisadora: E como você avalia a definição da linha editorial do jornal e a reunião de pauta feitas durante a oficina?

Canha: Achei que esta parte foi bem legal. Acho que esta etapa foi bem importante e definitiva no sentido de fazer eles sentirem que o jornal era deles, um produto pensado e produzido por eles mesmos. Foi um processo bem participativo, é importante eles pensarem no que vão divulgar.

Pesquisadora: E como você avalia os exercícios aplicados durante a oficina?

Canha: Os exercícios foram muito bons, inclusive acho que eles precisariam ter tido mais exercícios, praticado mais. Acho que isso os ajudaria a melhorar a redação e a organização do texto e do raciocínio.

Pesquisadora: E como foi a produção de reportagens, edição, fechamento e diagramação do jornal na oficina?

Canha: Eu acho que na parte da produção da reportagem faltou um maior acompanhamento, porque eles tiveram pouca prática de exercícios antes. Precisavam ter tido um pouco mais de prática de escrita, e um acompanhamento maior, com orientação para entrevistas, para desenvolverem o trabalho de campo, com os educadores fazendo o exercício prático junto com eles. E a parte de correção dos textos e fechamento do jornal acabou sendo meio acelerada. Alguns textos vieram muito fracos, tiveram que ser reescritos, muito editados. Se o processo tivesse sido um em um tempo maior, e melhor trabalhado, com mais acompanhamento, acho que o texto deles talvez viesse melhor e não precisasse ser tão alterado. A parte de elaborar pautas também podia ser melhor trabalhada. Acho que a pauta exige mais dificuldade, porque eles têm que pensar no assunto, contextualizar, ter uma visão geral, e eles apresentaram bastante dificuldade nisso.

Pesquisadora: Sobre a continuidade do jornal depois da oficina, como você avalia o processo de produção dele?

Canha: Foi importante para eles essa decisão de levar o jornal adiante, porque eles se comprometeram com isso. Mas acho que eles ainda estavam digerindo a concepção toda, do porque fazer um jornal, tentando entender porque estariam trabalhando por isso sem receber dinheiro em troca. Neste ponto, acho que faltou mais reflexão sobre essa questão mais ideológica. Nesse começo acho que eles ficaram meio perdidos, não entendiam direito porque estavam fazendo aquilo, mas levaram adiante porque foram instigados a fazer isso. Depois é que eles começaram a entender melhor a importância do processo. Mas os que participaram

passaram por muitos desafios pessoais no processo, no sentido de se expressar, ‘dar a cara pra bater’, assumir responsabilidades. E estes continuaram porque abraçaram a causa mesmo.

Houve dificuldades em eles se deslocarem de um lado para outro da Ilha, mesmo com o suporte que demos, de pagar barco pra levar e buscar. E foi difícil acompanhar os dois lados ao mesmo tempo, fazer com que se unissem. Isso atrapalhou, porque foi mais difícil conciliar as coisas. Eles sentiam mais confiança quando estávamos junto, mas não era possível estar nos dois lugares ao mesmo tempo. E conseqüentemente, a falta de acompanhamento maior, de certa forma, refletiu no estímulo deles também, que resultou em uma menor participação. Houve dificuldades da parte do projeto em adaptar o cronograma, orçamento e tempo para poder dar esse acompanhamento mais próximo a eles.

Nesse sentido, eu acho que uma parceria com a escola pode contribuir para haver um acompanhamento mais próximo de educadores nestas ações. Um maior número de participantes seria melhor, mas a gente também viu que não adiantava ter um número muito grande de pessoas. Faltou mesmo maior acompanhamento e maior reflexão para que eles participassem mais. Isso supriria dificuldades como a de escrever os textos, fazer entrevistas, e até mesmo de lidarem também com as questões políticas da comunidade, que tem um cenário meio agitado, tem muitas desavenças e relações pessoais complexas.

Quem participou do jornal acabou entrando ‘nesse furacão’, se envolveu com estas questões. Até porque as lideranças comunitárias comandam lá e o resto da comunidade está acostumada a ter uma postura passiva. Eles têm medo de entrar em conflito com os líderes. Mas ao mesmo tempo, para agirem desta forma, eles têm que ter em mente, bem claro, os objetivos do que estão fazendo. Nesse sentido é importante fortalecer o Núcleo de Comunicação como uma instituição que possa dar base para essas ações de maior mobilização, por ter uma força política, também dentro da comunidade, e de opinião e expressão popular.

Mas eles já estão sentindo falta do jornal. Quando demora um pouco eles já perguntam, e a comunidade pergunta também. Mas também vejo que a demanda aumentou, pela diminuição de pessoas comprometidas. Então é importante continuar a estimular outras pessoas a participarem, mesmo porque tem muita gente que ainda está de fora. Isso fortaleceria o Núcleo e o processo da Educomunicação pode se tornar contínuo, mesmo que algumas pessoas participem disto por apenas um momento. Mas a gestão feita por eles mesmos é muito importante nesse processo.

Pesquisadora: E como você avalia o jornal Ondas da Notícia?

Canha: Acho que tem coisas a melhorar, mas quanto mais a gente desenvolver essas habilidades de reflexão, e quanto mais aumentar o comprometimento, mais o jornal vai se tornar funcional dentro da comunidade. Porque ninguém melhor que eles mesmos para colocarem o jornal da forma que eles acham que vai funcionar. Eu acho que ainda falta eles se interessarem mais sobre as coisas que estão acontecendo na Ilha, que é uma dificuldade que eles já têm lá. São poucas as pessoas que ajudam a refletir bem a realidade, que podem dar opinião, responder entrevistas. As informações do jornal ainda estão muito focadas nos órgãos públicos, nos administradores, e pouco nas coisas e pessoas de dentro da comunidade mesmo. Mas ele está sendo um espelho de como as coisas funcionam lá, da dificuldade das pessoas se expressarem, da falta de informação generalizada, a opinião distorcida. Acho que o jornal tende a melhorar à medida que a comunidade começa a ficar mais interessada também.

Pesquisadora: Como o processo de Educomunicação contribui para a comunidade?

Canha: A comunicação contribui bastante. As pessoas começaram a se envolver mais com questões sociais, e um reflexo é essa cobrança de quando sai o próximo jornal. Porém, ainda está faltando o jornal refletir mais a opinião popular, trazer mais entretenimento, ser mais provocativo e atrativo.

Eu acho que o Núcleo de Comunicação é o que pode fortalecer essas ações comunicativas. Mas é difícil digerir esse processo de evolução da Educomunicação, não só pra eles que estão participando, mas também para nós que estamos desenvolvendo isso com eles. Mesmo porque muitas coisas são subjetivas. Tem ainda esse outro lado, das pessoas participarem e fazerem as coisas voluntariamente – eles não estão ‘trabalhando’ por dinheiro. É por alguma outra coisa. Mas que coisa é essa? Acho que a nossa própria cultura não estimula mais isso. Na década de 70, tinha uma movimentação maior dos jovens, mas agora o jovem não sabe muito bem porque se engajar por alguma coisa. Ainda mais na Ilha, em que eles se acostumaram, devido ao turismo, a visar lucro em tudo que fazem. Eles não entendem essa coisa de trabalhar sem ser por dinheiro, e isso é difícil, é uma questão cultural. Ainda mais na Ilha, que muitas pessoas não querem nem saber de nada, só querem saber da novela.

ANEXO F – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Érika Prisco

(35 anos, Ensino Médio Completo)

Pesquisadora: Sobre a oficina de jornalismo, como você avalia a parte teórica dela, considerando a linguagem utilizada e o conteúdo apresentado? Considera que foi suficientemente claro para os participantes, foi satisfatório?

Prisco: As partes que a gente não conseguia entender, a gente perguntava, pedia para explicar de outra forma. Vocês se adaptaram a nós, eu acho.

Pesquisadora: E como você avalia a definição da linha editorial do jornal e a reunião de pauta feitas durante a oficina?

Prisco: Achei bem legal essa parte. A gente acabou seguindo o que vocês estavam nos ensinando, porque a gente não tinha experiência nenhuma. Vocês explicaram, a gente achou as sugestões legais e tal. Mas ficou a idéia, pra depois a gente ir adaptando, ver o que ficava melhor pra nossa realidade.

Na parte da reunião de pauta, ninguém foi pesquisar mesmo o que estava acontecendo, a gente só falava daquilo que a gente sabia, que ouviu dizer – até porque o jornal não ia ter muito espaço, também não tinha muito essa necessidade – mas ficaria uma coisa mais elaborada se houvesse uma pesquisa do que está acontecendo, uma coisa mais profunda, mas que era meio difícil de fazer também, porque tinha pouco tempo, poucas pessoas.

Pesquisadora: E como você avalia os exercícios aplicados durante a oficina?

Prisco: Não participei desta etapa.

Pesquisadora: E como foi a produção de reportagens, edição, fechamento e diagramação do jornal na oficina?

Prisco: Eu fiz meu texto e o professor Mário corrigiu comigo, me ajudou a arrumar. Eu achei que foi legal, mas eu precisaria ter feito mais exercícios. Acho que todo mundo que participa do jornal precisa de mais exercícios de texto. Sobre o fechamento, achei legal, porque daí o jornal passou na mão de todo mundo, todos viram, corrigiram. Como também a gente não tinha experiência, a gente concordou, achou que tava tudo ok. Mas achei legal, foi

importante. Achei que a oficina foi muito boa, deveria continuar, deveria acontecer mais vezes, pra gente aprender mais.

Pesquisadora: Sobre a continuidade do jornal depois da oficina, como você avalia o processo de produção dele?

Prisco: Depois da oficina, começou a ficar assim: a gente faz a reportagem, manda e o jornal sai. Por isso eu acho que em toda edição do jornal deveria ter a oficina de novo, até porque daí outras pessoas poderiam participar e aprender – porque às vezes algumas pessoas vêm participar sem ter a mínima noção do que foi a oficina. E a cada nova edição do jornal, se fosse possível, seria interessante que tivesse uma oficina mais aprofundada, que não ensinasse só o básico do básico, mas ensinasse também a diagramar, trouxesse mais exercícios de texto, porque a gente que já está participando também aprenderia mais.

Até porque, do jeito que está, a hora que vocês forem embora, acaba o jornal. Pro negócio continuar, as pessoas teriam que aprender mais. Precisa pensar também naquela parte dos anúncios, pra conseguir arrecadar dinheiro, porque se a gente aprender a fazer mesmo e aprender como sustentar, o jornal pode continuar. Mesmo porque a maioria das pessoas daqui gosta dele. Todo mundo já está perguntando cadê o próximo jornal.

Achei também que faltou mais pessoas participando do processo, porque sobrecarregou alguns, muita gente furou, e vocês acabaram fazendo muitas coisas por nós. A idealização do processo é maravilhosa, mas faltou mais pessoas para por em prática. E nesse caso, eu não sei se faltou interesse das pessoas, motivação, divulgação do projeto, ou o que mais faltou para atingir mais pessoas.

A reunião de pauta eu quase não participei, acabei recebendo pautas pra fazer sem nem saber o que estava acontecendo. Mas eu acabei não acompanhando o processo muito de perto. Tem matérias eu nem sei quem fez, quem não fez, a gente acaba sabendo de uma parte das coisas. Mas isso foi furado mais da minha parte.

Pesquisadora: E como você avalia o jornal Ondas da Notícia?

Prisco: Eu acho que o jornal deveria ser mais alegre, ter mais desenhos, imagens coloridas, mas eu sei que é mais difícil. Então, pelas condições do projeto em si, eu acho que ele é maravilhoso, muito bom: o formato, o tamanho dele, ele é bem interessante, os textos, imagens, enfim, a maioria das pessoas gosta. Por mim, poderia ser feito todo mês, eu sinto até falta de mais.

Pesquisadora: Como o processo de Educomunicação tem contribuído para a comunidade?

Prisco: Eu acho perfeita a proposta do projeto. Eu acho que o jornal é um veículo que pra nós é muito importante para divulgar informações gerais, sociais. E sobre a possibilidade de rádio, de notícias por alto-falantes, eu acho que pode dar certo e ser muito legal pra informar também. É muito importante isso aqui.

Só acho que falta atingir mais o pessoal da ilha, pessoal nativo mesmo, que nasceu aqui, os pescadores, por que eles não sabem de nada, não estão participando. Eles falam, no geral, que o progresso, o IAP, essas coisas todas mataram a cultura da Ilha. Então a comunicação é muito importante, mas falta abranger estas pessoas. Este é o único projeto que está conseguindo dar certo e ficar bastante tempo na Ilha.

E seria legal que alguma pessoa daqui da Ilha, morador daqui mesmo, fizesse uma faculdade de jornalismo pra gente dar continuidade nesse projeto. Porque aqui é difícil, os jovens terminam o terceiro ano e não estudam mais, poucos fazem faculdade. E eles estão muito acostumados a serem só expectadores, então seria legal se eles ficassem um pouco do outro lado da coisa.

ANEXO G – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Michele Gonçalves

(31 anos, Ensino Superior Incompleto)

Pesquisadora: Sobre a oficina de jornalismo, como você avalia a parte teórica dela, considerando a linguagem utilizada e o conteúdo apresentado? Considera que foi suficientemente claro para os participantes, foi satisfatório?

Gonçalves: Foi bom, deu pra aprender muita coisa. A linguagem em alguns momentos foi um pouco técnica, mas deu pra entender bem.

Pesquisadora: E como você avalia a definição da linha editorial do jornal e a reunião de pauta feitas durante a oficina?

Gonçalves: A gente escolheu as coisas meio sem pensar, meio apressado. Mas foi bem interativo, bem participativo.

Pesquisadora: E como você avalia os exercícios aplicados durante a oficina?

Gonçalves: Eu achei o exercício bem difícil, mas aí tivemos ajuda dos orientadores. Mas deu pra aprender bastante. Foi difícil, mas depois eu comecei a dar conta.

Pesquisadora: E como foi a produção de reportagens, edição, fechamento e diagramação do jornal na oficina?

Gonçalves: Fazer a primeira matéria foi bem empolgante, mas a partir da segunda matéria já foi esfriando. Eu senti um pouco de constrangimento em abordar as pessoas.

Pesquisadora: De maneira geral, como você avalia a oficina?

Gonçalves: O tempo achei um pouco curto, pra tudo. Acho que tinha que ter mais uma semana, pra dar tempo de aprender mais. Mas no geral foi bem produtiva, deu para adquirir bastante conhecimento.

Pesquisadora: Sobre a continuidade do jornal depois da oficina, como você avalia o processo de produção dele?

Gonçalves: Na teoria foi bem bacana levantar os temas que a gente escolhia. Mas na prática não deu bem certo, porque muitas vezes os repórteres não davam conta, atrasavam

matéria, as pessoas não se comprometiam, e alguns assuntos ficavam de fora. As matérias sobre alguns temas foram mais difícil de serem feitas, mas no final a gente conseguia.

As reuniões foram boas, foi delas que nos tiramos os temas importantes. Mas a parte da correção dos textos era melhor quando vocês estavam junto com a gente, porque a gente já ia vendo os erros e aprendendo. Por e-mail atrapalhou um pouco, eu me perdia nas informações. Mas acho que faltou um pouco de empenho. Tipo, a gente fazia reunião de pauta, distribuía as pautas e tinha lá uma semana, duas pra fazer a matéria. Eu atrasava sempre, vocês cobravam, mas aí o jornal demorava pra sair também. Acho que teve sucesso, mas faltou pontualidade. Acho que o que tinha que melhorar é comprometimento das pessoas, dos repórteres, pauteiros, pra continuar o jornal. E acho que tem que agregar mais pessoas no projeto, pra que ele não morra com o tempo.

Pesquisadora: E como você avalia o jornal Ondas da Notícia?

Gonçalves: O jornal acho que foi um bom instrumento, um bom veículo de comunicação. Foi ótimo para fazer chegar as informações até a nossa comunidade, para eles ficarem sabendo o que está acontecendo. Foi ótimo implantar o jornal na ilha.

Pesquisadora: Como o processo de Educomunicação tem contribuído para a comunidade?

Gonçalves: Acho que foi um projeto bom, que levou a comunicação a todos. A parte de rádio ainda falta ajustes, as pessoas não estão bem preparadas ainda. Mas o jornal foi bem aceito, deu bastante polêmica no começo, mas o pessoal entendeu que é importante, que tem que ser feito, que tem que falar as coisas mesmo. Acho que o que traz de mais importante pra Ilha é conhecimento.

ANEXO H – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, André Edwads

(13 anos, Ensino Fundamental Incompleto)

Pesquisadora: Sobre a oficina de jornalismo, como você avalia a parte teórica dela, considerando a linguagem utilizada e o conteúdo apresentado? Considera que foi suficientemente claro para os participantes, foi satisfatório?

Edwards: Ficou bem claro, mas eu acho que poderia ter mais dias, porque em um dia só é bem difícil explicar tudo. Até depois da oficina a gente ainda ficou com dúvidas.

Pesquisadora: E como você avalia a definição da linha editorial do jornal e a reunião de pauta feitas durante a oficina?

Edwards: Nessa parte todo mundo participou, foi bem interativa, todos colaboraram.

Pesquisadora: E como você avalia os exercícios aplicados durante a oficina?

Edwards: Foram bem legais os exercícios, foi bem elaborado. Foi aí que eu aprendi como é um texto de jornal, foi esse exercício que me clareou as idéias.

Pesquisadora: E como foi a produção de reportagens, edição, fechamento e diagramação do jornal na oficina?

Edwards: Na primeira vez eu acho que deixei pra fazer em cima da hora, aí ficou meio corrido pra mim. Acabou faltando o que escrever, mas no fim eu consegui fazer. A correção foi bem legal, com a Renata e o Mário junto com a gente, corrigindo junto, explicando no que a gente errou. Eu consegui pegar um pouco de noção de diagramação no fechamento, mas ficou faltando aprender mais.

Pesquisadora: De maneira geral, como você avalia a oficina?

Edwards: Foi bem legal, depois eu peguei contato com o Mário, a Renata, a gente continuou mantendo contato, algumas coisas eu ainda continuava perguntando pra eles, e foi bem legal essa interação. Acho que ficou bem claro o conteúdo, mas acho que deveria ter mais tempo, porque a gente poderia ter aprendido mais coisas.

Pesquisadora: Sobre a continuidade do jornal depois da oficina, como você avalia o processo de produção dele?

Edwards: Foi muito boa a continuidade do jornal, foi sempre um aprendizado. Conforme a gente vai fazendo as matérias a gente vai aprendendo mais. A primeira matéria eu lembro que fiquei bem envergonhado pra fazer entrevistas, aí na segunda já fui me aperfeiçoando mais. Agora eu acho que já tenho bem menos vergonha que antes.

Acho que foi bem produtivo o processo. As reuniões de pauta foram bem produtivas. Em algumas faltavam matérias, em outras sobrava, mas acho que foram bem legais, todos colaboraram com idéias, mesmo que alguns menos, outros mais. Algumas pessoas não puderam participar, eu mesmo pude participar de algumas, de outras não. Isso influi um pouco. Mas pelo que eu fiquei sabendo, pelo que as pessoas me passaram, algumas reuniões foram um pouco tumultuadas, algumas pessoas ficaram com algumas dúvidas.

No começo os textos eram corrigidos com a gente junto, mas depois a gente foi ficando meio perdido, porque a gente tinha que mandar o texto pra vocês em Curitiba, vocês corrigiam aí e às vezes a gente ficava meio sem saber no que errou, recebia a correção só por e-mail. Era bem melhor quando era corrigido pessoalmente, porque tinha mais interação. Agora, pela internet, tem menos contato. Eu sei também que faltou tempo, recurso, pra acompanhar mais de perto, mas a gente às vezes ficava com dúvidas. Acho que nesse processo da construção das matérias vocês poderiam estar mais presentes.

Pesquisadora: E como você avalia o jornal Ondas da Notícia?

Edwards: É ruim que às vezes ficam algumas notícias de fora, a gente tem que economizar espaço. Conforme os jornais foram feitos, as reuniões foram sendo feitas, foi mudando mais o jornal. Na primeira edição, quando já tava junto o pessoal de Brasília e Encantadas, nós acabamos juntando algumas das colunas do jornal da oficina de um com a do outro. Depois, na outra edição, as colunas já mudaram de nome, e nessa ultima edição mudou de novo: algumas colunas saíram, entraram novas. Isso deu a idéia de ir sempre mudando, não ficar sempre do mesmo jeito, de forma padronizada. Isso é bom até pros leitores, que ficam esperando novidades na próxima edição.

Sobre o formato, eu imaginava um jornal diferente, não como os outros jornais da grande imprensa. Imaginava um jornal da Ilha mesmo, um jornal mais com cara de 'nativo'. Tipo uma mistura de jornal com revista, mesmo que seja preto e branco, mas com um design mais com elementos e imagens de coisas naturais.

No começo, os textos eram bem grandes, mas com o tempo a gente vai se acostumando. Eu acho que para as pessoas aqui não é diferente. Alguns gostam mais de Jornalismo, outros não, e acho que isso influencia bastante, porque é mais fácil pros que gostam fazer texto, e mais difícil pras pessoas que não gostam muito.

Pesquisadora: Como o processo de Educomunicação tem contribuído para a comunidade?

Edwards: O projeto trouxe bastante coisas boas, mas também trouxe bastante crítica, bastante confusão pra Ilha.

As oficinas de comunicação são muito boas pras pessoas da Ilha, porque aqui elas não têm uma visão do continente, do sistema e do mercado de trabalho de lá. Aqui eles pensam só no ‘mundo da Ilha’. Então o projeto Ecofalantes despertou em algumas pessoas, principalmente no público jovem, que foi o que mais se interessou pelo projeto, uma visão do futuro. Eles vão utilizar o que aprenderam nas oficinas no futuro, para procurar um emprego, por exemplo, isso vai contar muito pra eles.

Acho que algumas pessoas entenderam pra que serve o jornal, mas algumas nem leram o editorial, por exemplo. Algumas chegam e perguntam pra gente qual a intenção do jornal, do projeto. Eu acho que isso trouxe bastante impacto pra Ilha, tanto pras pessoas que moram aqui, como pras autoridades, os líderes comunitários.

Acho que o jornal comunitário aqui vem substituir as mídias grandes, como Gazeta do Povo, outros jornais de grande porte. O jornal quer informar de notícias da Ilha, o que está acontecendo aqui dentro, de coisas que fazem parte da vida das pessoas daqui, que muitas vezes elas não sabem. Essa série do lixo, por exemplo, muitas pessoas não sabiam o que estava acontecendo, e a matéria provocou reação até da Prefeitura de Paranaguá.

O projeto foi bem importante, mudou bastante o ritmo da Ilha, as pessoas se acostumaram em receber o jornal, em serem informadas com notícias daqui mesmo, tanto que eles perguntam pra gente quando vai sair o próximo, quando vamos ter mais notícias da Ilha. E eu acho que isso, pra nós que fazemos o jornal acontecer, traz muita satisfação.

ANEXO I – Entrevista com a participante do Projeto Ecofalantes da Ilha do Mel, Louyze Birello

(15 anos – Ensino Médio Incompleto)

Pesquisadora: Sobre a oficina de jornalismo, como você avalia a parte teórica dela, considerando a linguagem utilizada e o conteúdo apresentado? Considera que foi suficientemente claro para os participantes, foi satisfatório?

Birello: Ficou bem claro, deu pra entender bem, eu gostei das explicações.

Pesquisadora: E como você avalia a definição da linha editorial do jornal e a reunião de pauta feitas durante a oficina?

Birello: Foi um pouco desorganizado, mas todo mundo conseguiu participar, ajudou a escolher as coisas.

Pesquisadora: Sobre a continuidade do jornal depois da oficina, como você avalia o processo de produção dele?

Birello: Nas reuniões, às vezes as pessoas discutiam coisas que nem eram pra ser discutidas, perdiam o foco.

Algumas coisas vocês acabaram fazendo por nós e faltou vocês estarem mais presentes para ajudar a gente a fazer as reportagens. Sei que a distância, a falta de tempo atrapalhou, mas ia ser melhor. As dificuldades com computador, internet atrapalhou muito também pra mandar pra vocês as matérias, por isso atrasava muitas vezes. Às vezes também era difícil fazer essas matérias porque é difícil ter acesso às pessoas para entrevistar aqui, e o tempo foi curto também algumas vezes.

Sobre as reuniões, acho que foi difícil também tentar juntar as pessoas dos dois lados [Brasília e Encantadas], porque tem muitas pessoas que não se dão bem. Quando tinha reunião pra lá, quase ninguém de Encantadas ia. Quando tinha reunião aqui, ninguém de Brasília vinha. E ficou dividido, pra cada um fazer um pouco, mas tinha pessoas que não faziam, e o grupo ficava dependendo destas pessoas.

Pesquisadora: E como você avalia o jornal Ondas da Notícia?

Birello: Tem bastante gente interessada em ler o jornal, porque ele proporciona informação pra comunidade. Mas acho que ele é muito sério, tinha que ter mais entretenimento.

É bom pra Ilha isso, porque poucas pessoas aqui fazem coisas pela comunidade mesmo. E com esse jornal, muita gente ficou sabendo de várias coisas, como o esgoto, que muita gente nem sabia que não tinha tratamento, ou sobre a problemas da Operação Verão também. Eu acho que eu ganhei conhecimento, aprendi, me ajudou bastante.

ANEXO J – Questionários de avaliação da oficina de jornalismo realizada em Brasília

melhorar:
Comunicação de datas e horários
das Oficinas:

o que gostou?

Da iniciativa, de trazer
conhecimentos de mídia.

Conteúdo -

o zimo, me explicou várias
duvidas

Duração -

Espação de tempo entre uma
oficina e outra deve ser reduzido

Oficinas -

ótimo, realmente estão
criando uma expectativa

1. O que foste?

terminal
6

Conteúdo: Debu reportagens, leitou um pouco mais de atenção, ex refozer material
foi muito difícil, porque o tema não era do meu conhecimento
Avaliação: curta
muito informação em pouco tempo

~~Outros~~

Informações: ótimo, muito bom

Melhorar

~~Outros~~

O QUE GOSTOU

contêudo - tudo

atendimento - sóttou

eficiências - tudo

O QUE MELHORAR

contêudo - nada

DURAÇÃO: mais turnos
ex: manhã e tarde

eficiências - nada

em todos os aspectos do curso
eu gostei. O que mais eu gostei foi do jornal
conteúdo: O que mais gostei foi das fotos

duração = achei pouco tempo que ter mais tempo

eficaz = estou gostando de todas
o que aconteceu até agora.



U que gostou

Conteúdo : Bem eu aprendi varias coisas que me auxiliaram no futuro principalmente na minha area de escritor e compositor.

Duração Apesar de ter uma duração pequena relativamente deu pra ler e aprender coisas pra caramba.

filmeiros todos muito educados em outras palavras "Pau pra Toda obra". O capitão é super bem, e o grupo é muito comunicativo e interessante

melhorar

sem reclamações

sem reclamações

sem o que comentar

O que gostou?

Conteúdo: muito bom e muito construtivo e importante para o crescimento comunicativo tanto meu quanto das pessoas que fizemos.

As pessoas que nos auxiliaram são extremamente importante para todos para auxiliar no nosso crescimento jornalístico

E a duração do curso é ótima

O QUE MELHORAR?

O QUE GOSTOU?

mm

INTÉUDO

INTÉUDO

PERFECT

URAÇÃO

JÓIA

OFICINEIROS

**ANEXO K - Questionários de avaliação da oficina de jornalismo realizada em
Encantadas**



OFICINA: JORNALISMO COMUNITÁRIO

LOCAL: ENCANATADAS

DATA: 06/10/2008

<p>O QUE AGRADOU? o O jornalismo o O QUE PRECISA MELHORAR? em qual. da parte da organização</p>	
<p>SEMINÁRIO / TEORIA</p>	
<p>DURAÇÃO</p>	<p>A teoria é muito interessante</p>
<p>PRÁTICA</p>	<p>foi despendida entre todos.</p>
<p>ORGANIZAÇÃO TEMAS</p>	
<p>foi muito bom</p>	
<p>CONTEÚDO</p>	
<p>foi muito bem compreendido</p>	
<p>CLAREZA</p>	
<p>foi explicado com bastante clareza.</p>	
<p>PREPARAÇÃO DO MATERIAL</p>	
<p>não foi muito bem preparado.</p>	
<p>INTERATIVIDADE</p>	
<p>foi muito bom</p>	

~~organização~~

Rouge Clara Bualle

OFICINA: JORNALISMO COMUNITÁRIO
LOCAL: ENCANTADAS

DATA: 06/10/2003

O QUE AGRADOU? Tudo...! Os professores que não são autoritários.

O QUE PRECISA MELHORAR? Ter APOSTILAS PARA A MELHOR COMPREENSÃO SOBRE O JORNAL.

SEMINÁRIO | TEÓRIA

~~Hoje bem explicado~~

DURAÇÃO

PRÁTICA

Foi a parte que eu não gostei de fazer.

ORGANIZAÇÃO TEMAS

~~Hoje bem explicado~~
Foi legal, mas se fossem pediriam ser mais longo.

CONTEÚDO

PROFUNDIDADE

Bem!

CLAREZA

Tem muito conteúdo explicado.

OFICINEIROS

PREPARAÇÃO DO MATERIAL

não tem nenhum material (Apostilas)

INTERATIVIDADE

Otimo.

OFICINA: JORNALISMO COMUNITÁRIO
LOCAL: ENCANTADAS

DATA: 06/10/2008

O QUE AGRADOU?

Fundo me agradou, vocês deram atenção especial à teoria e prática e a prática

O QUE PRECISA MELHORAR?

As pessoas que estão participando ~~estão~~ ^{estão precisando} serem chamados à atenção, va fazer cada um a sua parte com "responsabilidade" e não ~~o~~ fazer o que vier na cabeça.

SEMINÁRIO / TEORIA

Gostaria de saber apostila, vai ser distribuído?

TEORIA RÁPIDA mais de fácil entendimento quem prestou atenção aprendeu

PRÁTICA

ótimo

bem desenvolvida sempre estimulando a fazer com as próprias mãos

ORGANIZAÇÃO TEMAS

CONTEÚDO

PROFUNDIDADE

Quero me aprofundar mais sobre a diagramação visto que é uma área que requer da pessoa o estímulo de espasos e medidas.

CLAREZA

Explicações claras e precisas que quando solicitadas atenderiam com a máxima atenção.
 uso ajudou na vida em geral

PREPARAÇÃO DO MATERIAL

OFICINEIROS

INTERATIVIDADE

Sócio vivem com espírito de conjunto, pessoas de diferentes potenciais que quando sentidas formam um corpo só e convergindo em um só ponto.

OFICINA: JORNAL COMUNITÁRIO
LOCAL: ENCONTROS

DATA: 06/10/2008

O QUE AGRADOU? A oficina em geral.

O QUE PRECISA MELHORAR?

Da parte da organização nada, mas os participantes precisam ver melhor o man

SEMINÁRIO / TEORIA

A ~~teoria~~ teoria foi muito interessante

DURAÇÃO

PRÁTICA

foi bem desenhada entre teoria

ORGANIZAÇÃO TEMAS

foi bem organizado, e explicado de um modo que todos puderam entender.

CONTEÚDO

PROFUNDIDADE

Bom!!!

CLAREZA

foi explicado com bastante clareza, isso que fez com que todos entendessem.

PREPARAÇÃO DO MATERIAL

OFICINEIROS

Tudo foi muito bem pensado.

INTERATIVIDADE

Todos procuraram participar, mesmo foi bem produtiva

OFICINA: JORNALISMO COMUNITÁRIO

LOCAL: ENCANTADAS

DATA: 06/10/2008

O QUE AGRADOU? Os professores que são muito legais e gostava que to interessada no assunto.

O QUE PRECISA MELHORAR? Ser mais vezes o curso e as oficinas.

SEMINÁRIO / TEORIA foi bom em geral, foi bem explicado e bem participativo.

DURAÇÃO

PRÁTICA não gostei muito porque eu não consegui fazer meu trabalho

CONTEÚDO

ORGANIZAÇÃO TEMAS foi legal

PROFUNDIDADE mais ou menos porque eu dei a minha parte no curso

OFICINEIROS

CLAREZA foi bem entendida minha parte

PREPARAÇÃO DO MATERIAL valeu em as oficinas.

INTERATIVIDADE gostei muito de todos são muito legais

OFICINA: URBANA COMUNITÁRIO

LOCAL: ENCANITADAS

DATA: 06/10/2008

O QUE AGRADOU?

A oportunidade

O QUE PRECISA MELHORAR?

- A organização dos participantes
- e mais participações
- + divulgação

SEMINÁRIO / TEORIA

Bom, suficiente

DURAÇÃO

PRÁTICA

Bom

Dispor melhores dias

ORGANIZAÇÃO TEMAS

Pode melhorar

CONTEÚDO

PROFUNDIDADE

Pode ser mais profundo

(Precisa pensar melhor na hora da pauta)
(foi muito rápido)

CLAREZA

Bem claros

OFICINEIROS

PREPARAÇÃO DO MATERIAL

UM BOM MATERIAL

(DA PRÓXIMA VEZ + PILHAS

OU + GRAVADORES / CÂMERAS)

INTERATIVIDADE

ótima, me senti uma jornalista.

Barbara F

OFICINA: ~~GRUPO~~ ALIADO COMUNITARIO
LOCAL: ENCANTADAS

DATA: 06/10/2008

O QUE AGRADOU? a oficina em geral;

O QUE PEDIA MELHORAR? acho ~~que~~ que poderia melhorar e' o funcionamento permanentemente do telecentro; para assim manter os conhecimentos aprendidos.

SEM NÁRIO / E ORÁ A = muito bom! em falta as apostilas...

DURAÇÃO

PRÁTICA foi muito legal o aprendizado e a disposição dos oficinas p/ por em prática as teorias apresentadas
ORGANIZAÇÃO TEMAS. Goste; na frente poderia se ~~esta~~ acrescentar mais umas páginas...

CONTEÚDO

PROFUNDIDADE + pelo jornal, acho que a medida q a gente continuar o trabalho, vai se aprofundizar ~~na~~ os conteúdos

OFICINEIROS

CLAREZA + ótimo, além de ter eles a disposição nas oficinas.

PREPARAÇÃO DO MATERIAL muito bom.

INTERATIVIDADE - excelente; ~~em~~ (em falta o verdadeiro funcionamento do Telecentro de Encantadas.)

OFICINA: JORNAL COMUNICADÃO
LOCAL: ENKANTADAS

DATA: 06/11/2008

O QUE AGRADOU? O oficina em geral

O QUE PRECISA MELHORAR? o interesse das
pessoas.

SEMINÁRIO / TEORIA

Excelente! Com uma linguagem clara para com métodos
aplicáveis. só faltou ser apostilar.

DURAÇÃO

Foi bem organizado

CONTEÚDO

ORGANIZAÇÃO TEMAS
Excelente!

PROFUNDIDADE

Quero me aprofundar mais na parte de ~~estatística~~ de ~~estatística~~
a reportagem.

CLAREZA

OFICINEIROS

PREPARAÇÃO DO MATERIAL

INTERATIVIDADE

OFICINA: JOZILANUSMO COMUNITÁRIO

LOCAL: SUCAM, M. P. A. S.

DATA: 05/10/2008

O QUE AGRADOU?

A oficina em geral.

O QUE PRECISA MELHORAR?

A divulgação, e o interesse das pessoas para participar das oficinas.

DURAÇÃO

SEMINÁRIO / TEORIA

Foi muito bom, foi explicado com muita clareza.

PRÁTICA

Foi muito interessante e produtiva.

CONTEÚDO

ORGANIZAÇÃO TEMAS

Excelente, muito bem organizado.

PROFUNDIDADE

Quis me aprofundar bem nessa oficina de ferral.

CLAREZA

OFICINEIROS

PREPARAÇÃO DO MATERIAL

INTERATIVIDADE

As pessoas se ~~entendiam~~ interagiam completamente para montar o ferral.

Handwritten signature

OFICINA: JORNALISMO COMUNITÁRIO
LOCAL: ENCANTADAS

DATA: 06/10/2008

O QUE AGRADOU? *Sua*

O QUE PRECISA MELHORAR? *Nada*

SEMINÁRIO / TEORIA

Exatamente muito produtiva
PRÁTICA

DURAÇÃO

mas, bem produtiva
ORGANIZAÇÃO TEMAS

CONTEÚDO

Dei bem organizada e ficou muito completa, quero me aprofundar no área da ~~organização~~ profundidade e clareza que é muito bem feita com muita ~~profundidade~~ pessoas.

PREPARAÇÃO DO MATERIAL

OFICINEIROS

foi bem produtiva e por pessoas foram bem criativas. NERATIVIDADE ~ de ~~interatividade~~ interatividade foi muito por pratica que não nos conheciamos o muito tempo foi muito ~~boa~~